



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM REDE NACIONAL PARA ENSINO DE
CIÊNCIAS AMBIENTAIS (PROFCIAMB)



ROBERVAN BARBOSA DE SANTANA

PRAÇA JORNALISTA ORLANDO DANTAS, ARACAJU, SERGIPE: ANÁLISE DAS
FUNÇÕES, USOS E POSSIBILIDADES EDUCATIVAS

São Cristóvão -SE

2025

ROBERVAN BARBOSA DE SANTANA

ROBERVAN BARBOSA DE SANTANA

**PRAÇA JORNALISTA ORLANDO DANTAS, ARACAJU, SERGIPE: ANÁLISE DAS
FUNÇÕES, USOS E POSSIBILIDADES EDUCATIVAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós
Graduação de Mestrado Profissional em Rede
Nacional para o Ensino de Ciências
Ambientais (PROFCIAMB) pela
Universidade Federal de Sergipe, como
exigência para obtenção do título de mestre
em Ensino de Ciências Ambientais.

Prof. Dr. Ewerthon Clauber de Jesus Vieira /
UFS

São Cristóvão-SE

2025

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S232p Santana, Robervan Barbosa de.
Praça Jornalista Orlando Dantas, Aracaju, Sergipe: análise das
funções, usos e possibilidades educativas / Robervan Barbosa de
Santana; orientador Ewerthon Clauber de Jesus Vieira. – São
Cristóvão, SE, 2025.
175 f.; il.

Dissertação (mestrado em Rede Nacional para o Ensino das
Ciências Ambientais) – Universidade Federal de Sergipe, 2025.

1. Meio ambiente - Sergipe. 2. Educação ambiental. 3. Praças. 4.
Espaços públicos. 5. Ensino reflexivo. I. Praça Jornalista Orlando
Dantas. II. Vieira, Ewerthon Clauber de Jesus, orient. III. Título.

CDU 502:37(813.7)



**PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROF. JOSÉ ALOÍSIO DE CAMPOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM REDE NACIONAL PARA ENSINO DAS
CIÊNCIAS AMBIENTAIS (PROFCIAMB)**

**Ata da Sessão de Defesa da Dissertação de
ROBERVAN BARBOSA DE SANTANA**

Ao trigésimo dia do mês de maio de dois mil e vinte e cinco, com início às 09:00 horas, realizou-se no Auditório 203 da Didática VII, a sessão pública de defesa de dissertação do aluno Robervan Barbosa De Santana, sob o título: "PRAÇA PÚBLICA JORNALISTA ORLANDO DANTAS (ARACAJU-SE): UMA ANÁLISE SOBRE USO, FUNÇÕES E POTENCIALIDADES EDUCATIVAS.", presidida pelo Orientador do aluno, o Prof. Dr. Ewerthon Clauber De Jesus Vieira, que por sua vez passou a palavra ao candidato para proceder a apresentação do seu trabalho. Logo após, o primeiro examinador, Prof. Dr. Marcelo De Santanna Alves Primo, arguiu o candidato que teve igual período para a sua defesa. O mesmo aconteceu com o segundo examinador, o Prof. Dr. Rogério Proença De Sousa Leite, o fato se repetiu com a terceira examinadora, a Profª. Drª. Márcia Maria De Jesus Santos, e com o quarto, Prof. Dr. Saulo Henrique Sousa Silva. Em seguida, o Prof. Dr. Ewerthon Clauber De Jesus Vieira, orientador do aluno, teceu comentários sobre o trabalho apresentado. Encerrados os trabalhos, a banca examinadora retirou-se do recinto para deliberar. O mesmo decidiu **APROVAR** o trabalho de dissertação, considerando que o mesmo atende aos requisitos da Instrução Normativa nº 01/2018 do PROFCIAMB/UFS. Nada mais havendo a tratar, eu, Ewerthon Clauber De Jesus Vieira, lavrei a presente ata, que depois de lida e aprovada, será assinada por mim, pela banca examinadora e pelo aluno.

Cidade Universitária "Prof. José Aloísio de Campos", 30 de maio de 2025.


Prof. Dr. Ewerthon Clauber De Jesus Vieira
-Presidente/Orientador-

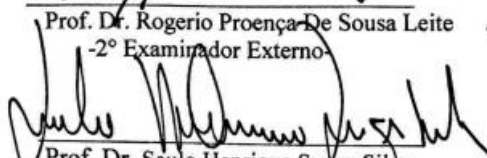
Documento assinado digitalmente
 MARCELO DE SANTANNA ALVES PRIMO
Data: 30/05/2025 14:06:52-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

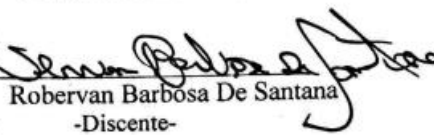
Prof. Dr. Marcelo De Santanna Alves Primo
-1º Examinador Externo-


Prof. Dr. Rogério Proença De Sousa Leite
-2º Examinador Externo-

Documento assinado digitalmente
 MARCIA MARIA DE JESUS SANTOS
Data: 30/05/2025 12:27:19-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profª. Drª Márcia Maria De Jesus Santos
-1º Examinadora Interna-


Prof. Dr. Saulo Henrique Sousa Silva
-2ª Examinadora Interna -


Robervan Barbosa De Santana
-Discente-

Documento assinado digitalmente
 ROBERVAN BARBOSA DE SANTANA
Data: 26/07/2025 14:25:13-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Dedicatória

Às famílias Barbosa e Santana.
A Vanda Barbosa de Santana (*in memoriam*)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM REDE NACIONAL
PARA ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS (PROFCIAMB)



É concedido ao Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais (PROFCIAMB) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), cessão de direitos para publicação eletrônica, empréstimo e reprodução desta Dissertação com finalidade de estudos e pesquisas científicas.

Robervan Barbosa de Santana
Mestrando do Profciamb/UFS

Prof.º Dr.º. Ewerton Clauber de Jesus Vieira (Orientador)
Profciamb /UFS-Campus de São Cristóvão

RESUMO

As praças públicas contemporâneas, localizadas próximas a escolas públicas ou privadas, podem ser utilizadas como espaços educadores e servir de lugar de aprendizagem da Educação Ambiental. Estes logradouros, desde as suas origens na Ágora da Grécia antiga e também no Fórum Romano republicano e imperial, são espaços ao ar livre que exercem funções, usos e contra usos, que foram variando em sintonia com mudanças sociais e temporais. Atualmente, a diversidade de funções possibilita o seu uso como espaços não formais de ensino, também chamados de espaços educadores ou estruturas educadoras, sobretudo se houver escolas em sua adjacência. Nesse sentido, o objetivo dessa pesquisa é analisar a potencialidade educativa, usos, contra usos e funções de praças públicas próximas a escolas com enfoque na Praça Jornalista Orlando Dantas (PJOD) localizada na cidade de Aracaju-SE em face das atividades escolares desenvolvidas pelo Colégio Estadual Ministro Petrônio Portela (CEMPP). Para tanto, o método utilizado para essa pesquisa de campo foi de natureza qualitativa, exploratória e aplicada em sintonia cronológica com o calendário do ano letivo da referida escola. Foram necessárias observações *in loco* do ambiente físico e estabelecidos critérios para aplicação de questionários semiestruturados a estudantes de uma das turmas do ensino médio matriculados no colégio. Também foram coletados relatos da equipe de coordenação de escolas próximo a praças. As atividades extraclasse pedagógicas realizadas na praça pelo professor/pesquisador foram registradas e compendiadas para produção de uma cartilha pedagógica, produto educacional resultante desta investigação. Espera-se que essa análise contribua para constatar se a praça cumpre, ou não, com as suas funções sociais, se tem potencial educativo a ser considerado um espaço não formal de ensino e se as atividades pedagógicas nela desenvolvidas alcançam o 4º e o 11º Objetivo de Desenvolvimento Sustentável fomentados pela Organização das Nações Unidas. Por fim, é esperado que os benefícios oportunizados pela elaboração do produto educacional favoreça aos estudantes e que também seja referência para outras escolas igualmente localizadas próximas a praças públicas a fim de ressignificar e resgatar ações de vivência em espaços não formais de ensino em tempos de entretenimento digital e isolamento social.

Palavras chave: Praças, Espaços educadores; Colégio Estadual Ministro Petrônio Portela.

RESUMEN

Las plazas públicas contemporáneas, situadas cerca de centros escolares públicos o concertados, pueden utilizarse como espacios educativos y servir de lugar de aprendizaje de la Educación Ambiental Crítica. Desde sus orígenes en el Ágora de la antigua Grecia y también en el Foro romano republicano e imperial, estos espacios al aire libre han ejercido funciones, usos y contrausos que han variado en función de los cambios sociales y temporales. Hoy en día, la diversidad de sus funciones permite utilizarlos como espacios educativos no formales, también conocidos como espacios educativos o estructuras educativas, especialmente si hay escuelas cerca. En este sentido, el objetivo de esta investigación es analizar el potencial educativo, usos, contra usos y funciones de plazas públicas cercas de escuelas con enfoque en la Praça Jornalista Orlando Dantas (PJOD) situada en la ciudad de Aracaju-SE en vista de las actividades escolares desarrolladas por el Colégio Estadual Ministro Petrônio Portela (CEMPP). Para ello, el método utilizado para esta investigación de campo fue cualitativo, exploratorio y aplicado en armonía cronológica con el calendario del año escolar. Fue necesario realizar observaciones in situ del entorno físico y establecer criterios para la aplicación de cuestionarios semiestructurados a los alumnos de una de las clases de bachillerato matriculadas en el colegio. También se recogieron informes del equipo de coordinación de las escuelas cercanas a las plazas. Las actividades pedagógicas extraescolares realizadas en la plaza por el profesor/investigador fueron registradas y recopiladas para elaborar un cuaderno pedagógico, producto educativo resultante de esta investigación. Se espera que este análisis ayude a establecer si la plaza cumple o no con sus funciones sociales, si tiene el potencial educativo para ser considerada un espacio de enseñanza no formal y si las actividades pedagógicas que allí se realizan logran los Objetivos de Desarrollo Sostenible 4º y 11º promovidos por las Naciones Unidas. Finalmente, se espera que los beneficios proporcionados por el desarrollo del producto educativo sean favorables para los estudiantes y que además sea un referente para otras escuelas también ubicadas cerca de plazas públicas con el fin de resignificar y reactivar las actividades en espacios educativos no formales en tiempos de entretenimiento digital y aislamiento social.

Palabras clave: Plazas; Espacios educativos; Colégio Estadual Ministro Petrônio Portela.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Resumo dos procedimentos metodológicos com base em Batista (2023).....	50
Figura 2- Alunos do FUNDAT em aula no Oceanário de Aracaju(SE)	53
Figura 3 – Distância visual: Praça Camerino – Colégio Estadual Tobias Barreto.....	56
Figura 4 – Anfiteatro na área da praça Camerino	58
Figura 5 – Espaço para leitura na área da praça Camerino	57
Figura 6 – Distância visual: Praça Graccho Cardoso - Centro de Excelência Atheneu Sergipense	59
Figura 7 – Praça Graccho Cardoso	59
Figura 8 – Distância visual: Praça Olímpio Campos – Colégio Estadual Jackson de Figueiredo	61
Figura 9 – Praça Olímpio Campos.....	61
Figura 10 – Praça Olímpio Campos (Atividade dos alunos 1)	63
Figura 11 – Distância visual: Biblioteca Epiphânio Dória - Yázigi Aracaju (Unidade 13 de Julho)	64
Figura 12 – Área externa e foyer Biblioteca Epiphânio Dória.....	65
Figura 13 – Distância visual: Praça da Imprensa – (EMEI) Professora Áurea Melo/Zamor.	67
Figura 14 – Praça da Imprensa	68
Figura 15 – Roda de conversa na Praça	69
Figura 16 – Repondo dos saquinhos no dispensador da Praça da Imprensa	70
Figura 17 – Visual da Praça Pedro Diniz Gonçalves e Escolas em sua área: Escola Estadual Professor Artur Fortes e Escola Municipal de Ensino Infantil (EMEI) Francisco Guimarães Rollemberg.....	71
Figura 18 – Praça Pedro Diniz Gonçalves	72
Figura 19 – Banner do projeto Meu Recreio	73
Figura 20 – Jornada interdisciplinar Ciências e Arte: Escola Arthur Fortes.....	74
Figura 21 – Parque Ecológico Poxim	75
Figura 22 – Visualização por satélite da Praça e Colégio Monteiro Lobato.....	76
Figura 23 – Visual da Praça e Colégio Monteiro Lobato.....	77
Figura 24 – Jogos Interclasses no campo da praça Monteiro Lobato	78
Figura 25 – Atividades lúdicas com as alunas do Colégio Monteiro Lobato na praça.....	78

Figura 26 – Atividades do Jogos Interclasses na quadra da praça Monteiro Lobato.....	79
Figura 27 –Distância visual: Colégio Arqui e Praça Dr. ^a Maria Joselita Almeida.....	80
Figura 28 – Praça Dr. ^a Maria Joselita Barbosa.....	81
Figura 29 –Distância visual: Colégio Estadual Francisco Portugal e Praça Major Edeltrudes Teles.....	83
Figura 30 - Praça Major Edeltrudes Teles	83
Figura 31 – Atividades pedagógicas no gramado e sombreado da biblioteca inerente à praça Major Edeltrudes Teles e no gramado do pátio da própria escola.	84
Figura 32 – Distância visual: Centro de Excelência Professora Ofenísia Soares e Praça Acrísio Garcez.....	85
Figura 33 –Praça Acrísio Garcez	85
Figura 34 – Distância visual: Colégio Lavoisier e praça Jornalista Orlando Dantas.....	87
Figura 35 - Área de estar com mobiliário em concreto para jogos na PJOD	88
Figura 36 – Atividade recreativa e socializadora do Colégio Lavoisier em celebração ao dia dos pais na PJOD.	89
Figura 37 – Atividade ambiental e de celebração ao Dia da Árvore na PJOD com alunos do Colégio Lavoisier	89
Figura 38 – Análise espacial da PJOD.....	90
Figura 39 – Imagem antiga do Farol da Farolândia	91
Figura 40 – Lateral do CEMPP ao lado da PJOD.....	92
Figura 41 – Atividade física noturna na PJOD	93
Figura 42 – 1ª Feira Sergipana da Agricultura Familiar e Economia Solidária (Fesafes) realizada na PJOD (1)	95
Figura 43 - 1ª Feira Sergipana da Agricultura Familiar e Economia Solidária (Fesafes) realizada na PJOD (2)	95
Figura 44 : Aglomeração, na da PJOD, em dia de bloco carnavalesco Galo do Augusto Franco	96
Figura 45 - Rua fechada e parte da praça cercada para realização de bloco de carnaval privado.	97
Figura: 46 – Acesso para o bloco de carnaval privado em parte da PJOD.	98
Figura 47 - Estudantes do Colégio Ministro Petrônio Portela em atividade associada à Semana do Meio Ambiente na PJOD: Roda de conversa.....	100
Figura 48– Oficina de plantio na PJOD	102
Figura 49– Quadro simbólico do Selo ODS outorgado ao CEMPP referente à oficina de plantio	

na praça pública.....	102
Figura 50 – Plantio dos alunos do Colégio Arquidiocesano orientados pelo professor, biólogo e ambientalista José Bezerra em parceria com a Prefeitura Municipal de Aracaju.....	104
Figura 51 – Imagens da PJOD na primeira década dos anos 2000.	104
Figura 52 – Jogo do tato na PJOD com alunos do Colégio Estadual Ministro Petrônio Portela	105
Figura 53– Abrigo para proteger e alimentar a fauna local (gatos), na PJOD	105
Figura 54 – Ação de limpeza periódica da PJOD.....	106
Figura 55 – Catador de resíduos sólidos em atividade ao lado da PJOD.....	107
Figura 56 – Jovem manuseando gaiola de pássaro.....	108
Figura 57 – Pessoas sentadas no canteiro da PJOD.....	110
Figura 58 – Artífício de repouso no sombreamento da (PJOD)	111
Figura 59 – Pessoa acampada na PJOD.....	112
Figura 60 – Crianças acompanhadas com adulta em trânsito na PJOD.....	113
Figura 61 – Comércio dominical (Venda de galeto) na calçada da PJOD	114
Figura 62 – Aluguel de brinquedo pula-pula e venda de comida	114
Figura 63 – Edificação de uma pastelaria na PJOD	115

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Aula excursionada - CODEP / GRH – UFS	51
Quadro 2 – Aula excursionada – FUNDAT / Aracaju 2006	52
Quadro 3 – Deslocamento (1) Colégio e praça visitados	56
Quadro 4 – Deslocamento (2) Colégio e praça visitados.	58
Quadro 5 – Deslocamento (3) Colégio e praça visitados	60
Quadro 6 – Aula na praça Olímpio Campos.....	62
Quadro 7 – Deslocamento (4) Escola de idioma e biblioteca visitadas	64
Quadro 8 – Aula na área externa da Biblioteca Epiphany Dória.....	65
Quadro 9 – Aula no foyer da Biblioteca Epiphany Dória	66
Quadro 10 – Deslocamento (5) Escola e praça visitadas.....	67
Quadro 11 – Aula (1) na Praça da Imprensa.....	68
Quadro 12 – Aula (2) na Praça da Imprensa	69
Quadro 13 – Deslocamento (6) Escola e praça visitadas.....	71
Quadro 14 – Atividade pedagógica (1) na Praça Pedro Diniz Gonçalves	72
Quadro 15 – Atividade pedagógica na Praça Pedro Diniz Gonçalves.....	73
Quadro 16 – Deslocamento (7) Escola e praça visitadas	74
Quadro 17 – Atividade pedagógica (2) na Praça Pedro Diniz Gonçalves	75
Quadro 18 – Deslocamento (8) Escola e praça visitadas.....	76
Quadro 19 – Atividade recreativa (1) na praça Monteiro Lobato.....	77
Quadro 20 – Atividade recreativa (2) na praça Monteiro Lobato	78
Quadro 21 – Deslocamento (9) Escola e praça visitadas.....	80
Quadro 22 – Atividade pedagógica (1) na Praça Pedro Diniz Gonçalves	81
Quadro 23 – Atividade pedagógica (2) na Praça Pedro Diniz Gonçalves	81
Quadro 24 – Deslocamento (10) Escola e praça visitadas.....	82
Quadro 25 – Atividade pedagógica no pátio da Biblioteca Pública Municipal Dr. Fernando Costa, localizado na área da praça Major Edeltrudes Teles.	83
Quadro 26 – Deslocamento (10) Escola e praça visitadas	85
Quadro 27 – Atividade realizada na praça Acrísio Garcez.....	86
Quadro 28 – Deslocamento (10) Colégio e praça visitados.....	87
Quadro 29 – Atividade (1) realizada na praça Jornalista Orlando Dantas.....	88
Quadro 30 – Atividade (2) realizada na praça Jornalista Orlando Dantas.....	88
Quadro 31 – Atividade (3) realizada na praça Jornalista Orlando Dantas.....	89

Quadro 32 – Funções da praça Jornalista Orlando Dantas (1)	93
Quadro 33 – Funções da praça Jornalista Orlando Dantas (2)	94
Quadro 34 – Funções da praça Jornalista Orlando Dantas (3)	95
Quadro 35 – Funções da praça Jornalista Orlando Dantas (4)	97
Quadro 36 – Funções da praça Jornalista Orlando Dantas (5)	98
Quadro 37 – Funções da praça Jornalista Orlando Dantas (6)	101
Quadro 38 – Funções da praça Jornalista Orlando Dantas (7)	103
Quadro 39 – Funções da praça Jornalista Orlando Dantas (8)	104
Quadro 40 – Funções da praça Jornalista Orlando Dantas (9)	105
Quadro 41 – Funções da praça Jornalista Orlando Dantas (10)	106
Quadro 42 – Funções da praça Jornalista Orlando Dantas (11)	107
Quadro 43 – Funções da praça Jornalista Orlando Dantas (12)	108
Quadro 44 – Funções da praça Jornalista Orlando Dantas (13)	108
Quadro 45 – Pessoas Sentadas nos Bancos e/ou Canteiro da Praça: PSBCP	109
Quadro 46 – Pessoas Consumindo Alimentos e Bebida: PCAB.....	110
Quadro 47 – Pessoas em Grupo (mais que 2 ou pessoas): PG.....	110
Quadro 48 – Pessoas com Artifícios de Repouso: PA.....	111
Quadro 49 – Pessoa(s) Acampada(s) na Praça: PAP.....	112
Quadro 50 – Pessoas com Crianças: PC.....	112
Quadro 51 – Funções da praça Jornalista Orlando Dantas (14)	113

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AICE – Associação Internacional das Cidades Educadoras
ASCOM – Assessoria de comunicação
CEMPP – Colégio Estadual Ministro Petrônio Portela
CEP – Comitê de Ética em Pesquisa
CODEP – Coordenação de Desenvolvimento de Pessoal
EMEI – Escola Municipal de Educação Infantil
EMEF – Escola Municipal de Ensino Fundamental
EMSURB – Empresa Municipal de Serviços Urbanos
ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio
FUNDAT – Fundação Municipal de Formação para o Trabalho
GPS – *Global Positioning System*
GRH – Gestão de Recursos Humanos
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística;
MÊS – Programa Municípios Educadores Sustentáveis
MMA – Ministério do Meio Ambiente
ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
ONU – Organização das Nações Unidas
PAR – Pessoas com Artíficos de Repouso
PAP – Pessoa(s) Acampada(s) na Praça
PCAB – Pessoas Consumindo Alimentos e Bebida
PC – Pessoas com Crianças
PG – Pessoas em Grupo
PJOD – Praça Jornalista Orlando Dantas
PMA – Prefeitura Municipal de Aracaju
PROFCIAMB – Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional Para Ensino das Ciências Ambientais
PSBCP – Pessoas Sentadas nos Bancos e/ou Canteiro, da Praça:
TCLE – Termo de Conduta Livre e Esclarecido
UFS – Universidade Federal de Sergipe

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	18
Capítulo 1 – Fundamentação teórica: Praças públicas: Conceito, funções, potencialidades, categorias no contexto urbano, e conceito de espaço educador.....	22
1.0 – Praças públicas: Conceito, apanhado histórico e funções	23
1.1 – Funções das praças públicas associadas ao seu uso e contra-uso.....	24
1.2 – Potencialidade da função educativa das praças públicas	27
1.3 – (Des)função ou esvaziamento aparente das praças.....	30
1.4 – Categorias associadas à praça no contexto urbano: Táticas e estratégias.....	34
1.4.1 – As táticas “arte dos fracos”.....	34
1.4.2 – As estratégias “arte dos fortes”	34
1.5 – "Espaços" e "lugares".....	35
1.6 – Espaço urbano, espaço público, usos, contra-usos dos espaços.....	36
1.7 – Pedaco	37
1.8 – Estruturas educadoras, espaços educadores e intencionalidade educativa.....	38
1.8.1 –A praça pública inerente ao conceito de cidade educadora	42
1.8.2 – Intencionalidade de atividades pedagógicas na praça.....	44
1.9 – Territorialidades em praças de Aracaju/SE	45
Capítulo 2 - Caminhos para analisar as funções, usos e possibilidades educativas da praça	
Jornalista Orlando Dantas.	47
2.0 Descrição metodológica.....	48
2.1 Aulas em espaços não formais de ensino	50
2.2 Espaços não formais de ensino visitados.....	54
2.3 Coleta de dados e ferramentas de pesquisa	54
2.3.1 Praça Camerino e Colégio Estadual Tobias Barreto.....	55
2.3.2 Praça Graccho Cardoso e Centro de Excelência Atheneu Sergipense	58
2.3.3 Praça Olímpio Campos e Jackson de Figueiredo	59

2.3.4 Biblioteca Epiphany Dória e Yázigi Aracaju (unidade 13 de Julho)	63
2.3.5 Praça da Imprensa e Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) Professora Áurea Melo/Zamor.....	66
2.3.6 Praça Pedro Diniz Gonçalves, Escola Estadual Prof. Artur Fortes e Escola Municipal de Ensino Infantil (EMEI) Francisco Guimarães Rollemberg.....	70
2.3.7 Praça e Colégio Monteiro Lobato	76
2.3.8 Praça Dr. ^a Maria Joselita Almeida Barbosa e Colégio Arquib.....	79
2.3.9 Praça Major Edeltrudes Teles e Colégio Estadual Francisco Portugal	82
2.3.10 Praça Acrísio Garcez e Centro de Excelência Professora Ofenísia Soares Freire	84
2.3.11 Praça Jornalista Orlando Dantas e Colégio Lavoisier	86
2.4 Localização da Praça Jornalista Orlando.....	90
2.5 Um breve histórico do bairro onde se localiza a PJOD.....	91
2.6 Um breve histórico da Escola Ministro Petrônio Portela.....	92
2.7 Funções contemporâneas da praça Jornalista Orlando Dantas.....	92
2.8 Procedimento ético.....	115
2.8.1 Riscos apresentados ao Conselho de Ética	116
2.8.2 Critérios de encerramento ou suspensão apresentados ao Conselho de Ética (Anexo)	116
2.8.3 Critérios de inclusão e exclusão apresentados ao Conselho de Ética (Anexo)...	116
2.8.4 Participantes de estudo	117

Capítulo 3 - Análise de dados coletados: A escola na praça.....118

3.1 Análise das praças e escolas visitadas	119
3.1.1 Praça Camerino	119
3.1.2 Praça Graco Cardoso	119
3.1.3 Praça Olímpio Campos.....	119
3.1.4 Praça da imprensa	120
3.1.5 Praça Pedro Diniz Gonçalves	120
3.1.6 Praça Monteiro lobato	120

3.1.7 Praça Dr. ^a Maria Joselita Almeida Barbosa	121
3.1.8 Praça Major Edeltrudes Teles	121
3.1.9 Praça Acrísio Garcez	121
3. 1.10 Praça Jornalista Orlando Dantas	121
3.2 Funções da praça Jornalista Orlando Dantas	122
3.2.1 Integração social	122
3.2.2 Lazer e recreação	122
3.2.3 Ambiental	122
3.2.4 Cultural	123
3.2.5 Educativa	123
3.2.6 Saúde física e mental	123
3.2.7 Comercial	124
3.2.8 Manifestações públicas e atos políticos	124
3.3 Possibilidades educativas da Praça Jornalista Orlando Dantas	124
3.3.1 Roda de conversa	124
3.3.2 Oficinas de plantio	125
3.3.3 Datas comemorativas alusivas ao meio ambiente	125
3.4 “COSTUME DE SALA VAI À PRAÇA” Cartilha produzida como produto resultante da pesquisa	125
Considerações finais	127
Cronograma de execução	130
Referências bibliográficas.....	131
Apêndices.....	135
Produto Educacional	139

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa foi realizada na Praça Jornalista Orlando Dantas (PJOD) localizada no conjunto Augusto Franco, bairro Farolândia, no município de Aracaju-SE, logradouro vizinho ao Colégio Estadual Ministro Petrônio Portela (CEMPP), e teve como motivação inicial o choque de realidade ocasionado pela falta de ações extra classe observado pelo professor / pesquisador dessa investigação, enquanto professor de língua espanhola do Ensino Médio no Colégio Estadual Ministro Petrônio Portela, em detrimento de suas práticas em institutos particulares de idiomas cuja perspectiva é socioconstrutivista.

A proximidade entre escolas e praças, muitas vezes vicinal ou até mesmo em um mesmo espaço, é observada na capital sergipana e igualmente comum em outros municípios brasileiros. Sobre isso, é importante ressaltar que, apesar da PJOD ser o nosso estudo de caso, foram realizadas visitas às praças com escolas próximas e coletados dados sobre uso ou não uso dessas praças, desde o relato de sujeitos dessas comunidades escolares. Portanto, a visão que desencadeou esta pesquisa e a experimentação da prática interacionista de alunos do Ensino Médio em um espaço verde ao ar livre, contribuíram para a geração do problema de pesquisa e levantamento de hipóteses mencionadas mais adiante.

As praças públicas, além de espaços propícios para exercício de cidadania e palco de manifestações coletivas, têm finalidades sociais funcionais como comerciais, políticas, religiosas, entretenimento, lazer, esportiva, descanso, cerimoniais, encontros, convivência, e também disfuncionais típicas de cidades populosas como descarte de resíduos sólidos, abandono de animais, violência por roubo ou furto, uso e tráfico de drogas ilícitas, depredação de patrimônio público, moradia provisória entre outras.

Atualmente, as praças públicas figuram como espaço de grande importância no cotidiano urbano e desempenham diversas funções que promovem o bem-estar social, como na proporção de conforto térmico em ilhas de calor, melhorando o ambiente com relação ao clima nas comunidades que a circundam. Estes logradouros, além de proporcionar interação social, lazer, qualidade de vida, prevenção de doenças e atividades físicas, também contribuem para a sustentabilidade urbana e o equilíbrio do espaço urbano e natural. Não obstante, apesar da potencialidade de oferta de benefícios socioambientais, as praças públicas, atualmente, não são usufruídas como em tempos passados.

Estas questões pressupõem e justificam uma análise de como as praças públicas contemporâneas estão sendo utilizadas e especificamente as que têm uma escola em sua proximidade, como o CEMPP localizado na Zona Sul do Município de Aracaju-SE, situado ao

lado da PJOD. Diante de um cenário disponível para uso coletivo da população, vale investigar a potencialidade e a possibilidade de uso desse espaço como extensão do ambiente escolar para práticas educativas e ambientais.

Os benefícios socioambientais em potencial das praças públicas em relação aos problemas comuns ao espaço público, na atualidade, podem ser investigados e equacionados a fim de evidenciar a importância destes locais para a população. Com isso posto, é oportuno averiguar se a PJOD é um espaço em potencial de aprendizagem, tendo em vista às práticas pedagógicas desenvolvidas pelo CEMPP e/ou outras instituições de ensino próximas, ou não; se pode ser considerado um espaço educador a ponto favorável a que instituições que nela atuarem alcancem o 4º e o 11º ODS com característica de Cidade Educadora sob a ótica da Associação Internacional das Cidades Educadoras (AICE) e, por fim, averiguar se a elaboração de uma cartilha pedagógica, baseada em ações desenvolvidas em praças, pode servir de modelo e referencial a escolas próximas a praças para uso pedagógico e sustentável.

Dadas as hipóteses, convém considerar, como questão de pesquisa, se praças públicas próximas a escolas podem ser utilizadas como espaços não formais de ensino?

Após a definição do problema de pesquisa, considera-se como objetivo geral analisar as funções, usos e potencialidade educativa das praças públicas aracajuanas próximas a escolas com enfoque na praça Pública Jornalista Orlando Dantas em face das atividades escolares desenvolvidas pelo Colégio Estadual Ministro Petrônio Portela.

Uma vez apresentadas e discutidas as potencialidades de praças públicas visitadas, elaboraremos uma cartilha pedagógica intitulada “Costume de sala vai à Praça” com o propósito de destacar a função educadora das praças à luz da educação socioambiental crítica.

A viabilidade para execução deste projeto contou com procedimentos de manuseio de recursos tecnológicos. Para registro fotográfico e gravações de relatos de pessoas da comunidade escolar, foi utilizado um aparelho celular. Além disso, para monitorar a distância e tempo de deslocamento, entre o portão de entrada e saída das escolas até as praças, foi utilizado o *Strava*, aplicativo de monitoria, análise e compartilhamento de atividades físicas que funciona com GPS (*Global Positioning System*) (Sistema de Posicionamento Global) disponível para Android e iOS.

A utilização de softwares operacionalizados em computador, como o *Microsoft Paint*, um programa de edição de imagens incluído em sistemas operacionais *Windows* e usado para criar, editar e manipular desenhos e imagens, oferecendo ferramentas básicas para edição de cores, formas, texto e para recortar e redimensionar imagens, permitiu o tratamento das imagens, principalmente para a elaboração da cartilha pedagógica, produto resultante desta

pesquisa. Para digitar texto no computador foi utilizado um editor de texto intitulado *Microsoft Word*. Para a realização de operações mais complexas, foi solicitado auxílio ao pessoal organizacional, técnico em computação gráfica qualificado. O texto final foi entregue a um revisor ortográfico para ajustes semânticos, concordância e gramatical para apresentação posterior à banca examinadora.

Com relação à viabilidade temporal, as atividades registradas na PJOD tiveram sintonia com o calendário do ano letivo de 2024/2025 do CEMPP, como será demonstrado no cronograma mais adiante.

A viabilidade de frequência de pesquisa de campo do pesquisador, ao local do objeto de estudo, é favorecida pela proximidade de sua residência e pelo fato de ser funcionário do CEMPP. Portanto, não houve despesas com hospedagens, deslocamento e tampouco dificuldade de acesso à escola.

O presente trabalho está estruturado da seguinte forma: na introdução é apresentada a motivação pessoal da pesquisa, embasada nas práticas pedagógicas socioconstrutivistas de abordagem comunicativa inspiradas em Vygotsky, a multiplicidade de visão da realidade inspirada no conceito de Educação Ambiental na visão de Leff (1992) e em sua vertente crítica por Barbosa e Silveira (2022). Ainda na introdução, constam a justificativa, a hipótese e os objetivos que norteiam esta pesquisa.

O primeiro capítulo, referente à base teórica, visa apresentar e discutir as potencialidades da praça enquanto espaço educador socioambiental crítico, além de analisar os conceitos e funções das praças públicas, estruturas educadoras, cidades educadoras, espaços e lugares, espaço urbano, espaço público, usos, contra-usos dos espaços e pedaço à luz de autores como De Angelis, José Matarezi, Alicia Cabezero, Rogério Proença Leite, Michel de Certeau e José Guimarães Cantor Magnani.

No segundo capítulo, são apresentados os procedimentos metodológicos contendo a descrição de praças e escolas próximas a elas. Porém, com maior profundidade e detalhamento na PJOD, objeto de nosso estudo. Além disso, está contida a descrição das funções da PJOD, além de seu uso e contra uso.

No terceiro capítulo, são analisados os resultados encontrados, utilizando-se das ferramentas de discussão citadas na metodologia. Esse procedimento oportuniza a avaliação das atividades escolares desenvolvidas em praças próximas às escolas e, principalmente, na PJOD pelo CEMPP. Consta ainda a interpretação de como esse espaço se ressignifica e se torna palco de práticas educativas socioambientais críticas.

É ainda nesse capítulo que consta a reflexão acerca das atividades escolares

desenvolvidas nas praças visitadas e também pelo professor/pesquisador na PJOD. A partir disso, foi gerado um texto literário descritivo com algumas ilustrações. Trata-se de uma cartilha pedagógica digital, produto resultante dessa pesquisa, intitulada “Costume de Sala Vai à Praça”. Nela, constam planos de aula e sugestões de atividades de distintas matérias que servem como referencial para professores, educadores e gestores da educação com interesse em lecionar ou desenvolver atividades adaptáveis à sua própria realidade em praça pública, ou espaços extraclasse.

Na etapa final, registrada no quarto e último capítulo, são apresentadas as considerações conclusivas e o aporte acadêmico e social. Nele, é possível perceber como as praças, em tempos de excessivo acesso digital, aparentam ser “redescobertas” como opção de oferta para suas múltiplas funções que gravitam em torno do social e do ambiental. Mostra quão desafiador é, para um profissional de pensamento socioconstrutivista, tirar seus alunos da sala para reger suas aulas em espaços não formais de ensino. Diante disso, o capítulo de desfecho dessa pesquisa é alentador, ao referenciar as possibilidades encontradas nessa investigação de uso inusitado, porém exitoso, da PJOD. Afinal, nas palavras de Charlie Chaplin, “O mundo pertence a quem se atreve”.

Capítulo 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Praças públicas: Conceito, funções, potencialidades, categorias no contexto urbano, e conceito de espaço educador

1.0 – Praças públicas: Conceito, apanhado histórico e funções

A conceituação acerca de praças públicas perpassa por um conhecimento histórico mencionado em livros, dissertações de mestrado e doutorado, artigos em congressos, revistas e periódicos acadêmicos que gravitam em torno da questão e objetivos que permeiam essa pesquisa. Nesse sentido, importa considerar o apanhado histórico citando os espaços antecessores remotos das praças, a exemplo da obra intitulada “Praças: história, usos e funções”, de autoria de De Angelis *et al.* (2005). Tratam-se da ágora grega, do fórum romano, da praça medieval, da Praça Maior (Plaza Mayor), da Praça de Ramas, da Praça Renascentista, da Praça Barroca, da praça relacionada ao Classicismo Inglês, da Praça do século XXI, da Praça Contemporânea e da Praça no Brasil associando-a aos adros das igrejas onde havia atividades em que reuniam pessoas para atividades religiosas, recreativas, mercantis, políticas e militares.

Dentre as definições descritivas acerca do conceito de praça, De Angelis *et al.* (2005) mencionam:

Praça! Cenário de festas, passeios, reuniões, comércio, permanência, encontros e desencontros, descanso, convulsões sociais; obra do Homem no arco do tempo que transcende o próprio; registro vivo a perpetuar na História modismos e estilos de cada época. Senhora dos espaços públicos desafiou séculos desde a ágora grega e, impassível, superou o abandono, a indiferença e as transformações ao longo do tempo. Palco e cenário da vida, a praça também foi, e é coadjuvante da História. (De Angelis *et al.*, 2005, p.1)

Compreendendo que uma das funções básicas da praça é a socialização e uso associado ao entretenimento e lazer, importa verificar a atual situação física e dinâmica cotidiana da PJOD, pois em muitos casos, as praças contemporâneas aparentam estar abandonadas e sem cumprir com sua função social e sem trazer benefícios para comunidade que a circunda.

Robba e Macedo (2002,p.17) conceituam as praças, numa concepção moderna, como “espaços livres públicos urbanos destinados ao lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livres de veículos.” Convém, nesta pesquisa, analisar se este conceito se aplica à PJOD e se a mesma oferece condições para o desenvolvimento de atividades pedagógicas.

1.1 - Funções das praças públicas associadas ao seu uso e contra-uso

As primeiras funções das praças públicas tiveram suas origens na Ágora da Grécia antiga e também no Fórum Romano em sua época republicana e imperial. O espaço de transmissão de conhecimento e cultura era constituído por um amplo espaço aberto, geralmente localizado no centro das cidades e rodeado por edifícios públicos. Ali acontecia a vida social, comercial, política, religiosa, cultural e esportiva, servindo de referência para outras civilizações e expandindo-se até alcançar o que atualmente é conhecido como praças públicas, cujas funções foram diversificadas com o passar do tempo a exemplo da função estética, da função ecológica e da função educativa no meio urbano.

A funcionalidade das praças públicas, na atualidade, é diversificada e gravita em torno de sua relevância na vida social das cidades. Nesses espaços de convivência e atividades comunitárias desenvolvidas no meio urbano, é exercida uma variedade de funções. A cada uma delas, associaremos o seu uso e contra-uso, pois as funções pelas quais a praça “se propõe a ser” são ressignificadas pelas pessoas que dela fazem uso.

Função de integração social: É quando a praça favorece o encontro de pessoas de diferentes classes sociais, origens e idades, beneficiando para interação e senso de comunidade, sobretudo quando há área de estar, contendo ou não um mobiliário como bancos e mesas, ou se é um largo propício a grandes aglomerações. Considera-se, então, a função de integração social associada ao uso.

Lazer e recreação: Ao oferecer ambiente aberto adequado para atividades ao ar livre como atividades lúdicas com crianças, piquenique com amigos e/ou família e eventos culturais adequados às características de cada localidade a exemplo de ensaio e apresentação de quadrilhas em período de festas juninas, a praça desempenha sua função de lazer e recreação associada ao uso.

Ambiental: A arborização de praças, ao absorver dióxido de carbono, liberam oxigênio e contribuem para a melhoria na qualidade do ar e também combatem o efeito de ilha de calor causado pelo excesso de concreto e asfalto; reduz a temperatura urbana em dias mais quentes e ensolarados; beneficiam a biodiversidade ao oferecer abrigo e alimento para algumas espécies de aves, pequenos e pequenos mamíferos. Em muitos casos, quando o solo é suficientemente

permeável, absorve parte das águas pluviais, reduzindo o impacto das tempestades e evitando enchentes. Nota-se, nesse caso, função associada ao uso.

Cultural: Quando o espaço é utilizado como ponto de encontro para diversos grupos sociais, permitindo intercâmbio cultural e também fortalecendo a identidade local. Além disso, manifestações artísticas, eventos literários, feiras de artesanato, festivais culturais como apresentação de danças, apresentações musicais, teatro e show de talentos e concentração de blocos de carnaval. Alguns destes eventos podem ser de cunho privado e com delimitação de cercas e/ou tapumes. A função cultural é associada ao uso.

Educativa: Ainda que uma praça pública não seja projetada com a intencionalidade de ser um espaço formal de ensino, elas podem exercer a função educativa de forma acessível e dinâmica, desde que atividades promovam aprendizado de estudantes e também de pessoas que a visitam. Ações como a instalação de placas e painéis informativos contendo informações sobre história local, cultura ou biodiversidade ou da região; instalação de espaços lúdicos com brinquedos interativos que favoreçam no aprendizado de ciências naturais de física, matemática ou por meio da experimentação; instalações artísticas e monumentos que estimulem reflexões sobre temas científicos, sociais, ou históricos; instalação de bibliotecas com estantes comunitárias onde as pessoas sejam incentivadas à leitura e também possa trocar livros; realização de oficinas, rodas de conversa e eventos com temas variados como ciência, cidadania e meio ambiente; “aulões” preparatórios para o Exame Nacional do Ensino Médio ENEM ou ingresso a outras universidades e também concursos públicos; cultivo de jardins e hortas comunitárias compartilhando assim do aprendizado de cultivo, sustentabilidade e alimentação saudável.

Ainda que a função educativa tenha estreitamento com a função cultural, é considerada como de contra-uso, pois, originalmente, uma praça não costuma ser projetada para que aulas sejam nelas lecionadas.

Saúde física e mental: Quando o espaço ao ar livre é limpo, relativamente silencioso e abundante em vegetação, beneficia na redução de estresse e melhora o bem-estar das pessoas. Além disso, atividades físicas individuais ou em grupo como caminhada, alongamento, prática

de meditação em movimento como Tai Chi Chuam¹, caminhadas, descanso ou momentos de ócio e descontração. Tem-se, então, uma função associada ao uso.

Comercial: A partir do momento em que a área da praça é usada como espaço de comercialização, como em feiras livres ocasionais ou periódicas, bancas e/ou carrinhos com venda de alimentos, trailers, sorveterias, *food truck's*, lanchonetes, quiosques, pastelaria, bares, restaurantes, floriculturas, serviços diversificados como os de chaveiro, tem-se a caracterização da praça com função comercial que pode movimentar a economia local. Entretanto, não encontramos nenhuma praça que tenha sido inicialmente projetada com qualquer estrutura construída para comercialização de qualquer tipo. Isso significa que essa função é associada ao contra-uso.

Manifestações públicas e atos políticos: Esta função é exercida quando a participação cidadã manifesta nas praças para protestos, reuniões, passeatas e expressões de cunho político, como comícios em períodos de contenda eleitoral. O seu estreitamento com a função de integração social a associa com o de uso.

É certo que as funções das praças foram modificadas e alteradas de acordo com cada época desde suas origens mais remotas. Sua dinâmica de uso pode variar conforme as circunstâncias de cada local onde foi edificada, adaptando-se às novas exigências sociais. O artigo que aborda a análise sobre a Praça Ernesto Tochetto em Passo Fundo-RS, de autoria de Melo e Romanini (2008), publicado na Revista da Sociedade Brasileira de Arborização destaca que as praças

surgiram primeiramente com a função de mercado, passando posteriormente a cumprir outras funções, como a cívica, a recreativa, a contemplativa e a ecológica. No entanto nunca perderam a característica de serem locais extremamente sociais. Sua inserção nas cidades confere características próprias de cada local o que reflete diferentes traçados e composições vegetais. A maior ou menor integração destes espaços com a malha urbana e a sua apropriação pela comunidade é reflexo do grau de visibilidade imposto pelo entorno diretamente à praça e vice-versa, o qual é consequência direta das estruturas vegetais empregadas. (Melo; Romanini, 2008, p. 59).

Afirmam ainda que a praça é “um elemento que se caracteriza pelo contraste com a malha urbana que a cerca. É um vazio no meio de cheios, quebra a continuidade dos

¹ É uma arte marcial interna chinesa, também conhecida como Taiji Quan, tem sua origem na China há mais de quatro séculos. É caracterizada por movimentos suaves, lentos, circulares. Meditação que beneficia a mente e o corpo, promovendo o equilíbrio e a saúde.

quarteirões edificadas, introduz um elemento de surpresa e descontração” (Melo; Romanini, 2008,p.59) Além disso, as melhorias no ambiente e benefícios para os habitantes estão diretamente associadas. As autoras destacam outras funções como

a psicológica, associada ao contato com os elementos naturais dessas áreas proporcionando relaxamento, desfrute de momentos de lazer e recreação, a função ecológica, devido à presença da vegetação, do solo não impermeabilizado e de uma fauna mais diversificada nestas áreas, promovendo melhorias no clima da cidade e na qualidade do ar, água e solo, a função social, ligada com a possibilidade de lazer oferecidas à população, a função estética, que diz respeito à diversificação da paisagem construída e o embelezamento da cidade e a **função educativa**: relacionada com a possibilidade imensa que essas áreas oferecem como ambiente para o desenvolvimento de atividades extra classe e de programas de educação ambiental. (Melo; Romanini, 2008,p.60, grifo nosso).

Esta última função, a educativa, está diretamente ligada à nossa pesquisa e terá aprofundamento na escrita pois considerar-se-á a potencialidade interdisciplinar da PJOD.

1.2 Potencialidade da função educativa das praças públicas

Uma das funções da praça pública está associada direta ou indiretamente à educação sobretudo no aprendizado em espaços considerados informais para transmissão do conhecimento a exemplo do que diz Pascual (2015) ao mostrar a importância da praça para o desenvolvimento infantil, o valor educativo da praça tradicional e as pessoas adultas envolvidas nesse processo. A autora menciona a importância do uso do espaço físico da praça pública desde a antiguidade para a socialização e enculturação² dos seres humanos desde a sua infância. Também cita a praça como lugar de usos múltiplos de bem comum e de elemento de coesão do grupo humano e destaca o fato de ser um lugar onde as crianças aprendem e transmitem graças à cultura oral e também da função cuidadora e enculturação das mulheres, da transmissão de saberes da escola ao longo dos séculos. Por fim, destaca a praça tradicional como cenário onde ocorrem atividades diversificadas de uso comunitário e também de transmissão de aprendizagem de valores democráticos através da brincadeira.

Pascual (2015) associa a praça com os sentidos humanos que nos fazem aprender desde tenra idade. Destaca o engatinhar do bebê que proporciona a segurança para olhar para o mundo exterior sem medo e observar o ambiente. É aqui que a praça surge como o cenário de aprendizagem quando diz que

² Processo de aprendizagem ou condicionamento pelo qual um indivíduo assimila os padrões gerais de sua cultura no decorrer de sua vida; socialização. BECHARA, Evanildo. Dicionário da Língua Portuguesa. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 2011.

quanto mais o bebê for levado à praça, mais exposto ele estará ao que está acontecendo lá. A criança que ainda não sabe falar está recebendo estímulos e interações valiosos diariamente. A praça como local de aprendizado não começa quando conseguimos andar; quando damos nossos primeiros passos, acompanhados pelas mãos de um adulto, já tivemos cerca de dois anos de aprendizado natural da linguagem associado ao som e ao toque. Quando a criança começa a ser parte ativa da praça, toda essa bagagem vem à tona e ela começa a imitar o que está vendo há muito tempo, fazendo com que o processo de aprendizado pareça tão natural. Reunir criaturas de diferentes idades, alturas, gêneros e condições enriquecerá muito o aprendizado e a troca de conhecimento. (Pascual, 2015, p.286, tradução nossa).

No item habilidades de aprendizado, Pascual (2015) observa que conhecimentos de disciplinas escolares foram e ainda são transmitidos de maneira informal e lúdica nas praças. A matemática, por exemplo, é praticada sob forma de canções cantadas com ritmo binário, terciário e também quando se pula corda. Além disso, brincadeiras que resultam na contagem de pontos para definir quem ganha e quem perde, como no exemplo dos jogos de bolinhas de gude.

Nesse contexto, importa mencionar os jogos de raciocínio possíveis de serem observados em mesas onde funcionam tabuleiros de jogos de xadrez ou damas e atividades que trabalham o raciocínio lógico. Dentre as sugestões possíveis de aula na praça, considera-se a ideia de criar uma gincana de jogos de tabuleiro.

A educação física, lembra Pascual (2015), é praticada constantemente e de forma extraordinariamente diversa, como pular corda, jogos com bola e dança, brincadeiras de roda, danças com cantigas, pular elástico, pega-pega, pula carniça ou pula mula, etc.

A prática da educação física em praças é mencionada por Morigi (2016) desde a concepção do conceito de Cidade Educadora.

A educação transcende a escola e a família, necessitando da participação destes e de muitos outros atores e ações comuns às cidades, como a oferta de atividades físicas em praças e parques, a possibilidade de aprender e apreender novos conhecimentos em museus e galerias, em mostras específicas ou resultantes da participação escolar ou cidadã, a formação religiosa em diferentes crenças e credos entre mais atividades da rotina da cidade. (Morigi, 2016, p.158).

Com relação às Artes Plásticas, Pascual (2015) menciona a praça tradicional como um local permanente de prática com o uso de elementos do ambiente: modelagem com argila, uso de pedras e gravetos, pintura com gesso ou giz em paredes e pisos, criações com pedaços de vidro e louça.

Sobre música, Pascual (2015) considera ser parte essencial da praça tradicional e destaca o aprendizado do canto em grupos e de diferentes apresentações e jogos de interpretação de papéis cantados pelo coral. Sinaliza que todos os jogos são acompanhados por música e pode

se cantar sozinho(a), em grupos e com utensílios como bola, elástico e balanço para brincadeiras.

Ainda em termos de ritmos, é possível ver atividades circunstanciais de escolas em praças quando há ensaios de bandas para desfile comemorativo do dia da independência de 7 de setembro e também de quadrilhas de festas juninas, muito comuns em cidades do Nordeste do Brasil. Além disso, algumas atividades de apresentações de show de talentos dos alunos, como musicais, teatrais, de dança e artístico, também são possíveis desde que as praças ofereçam condições para esse uso.

Quanto à literatura, importa mencionar o que escreveu Pascual (2015) sobre a valorização das canções tradicionais porque

nos ensinam esse tesouro imaterial que é a literatura oral. Quando formos para a escola e aprendermos poesia escrita, levaremos em nossa memória o verdadeiro prazer de recitar e cantar todos os tipos de criações artísticas, desde as canções infantis até as baladas hispânicas, um tesouro imaterial da humanidade. Uma maravilha transmitida através das gerações que devemos preservar e valorizar. O conto tradicional contado e transmitido oralmente também tem sido um elemento literário de valor incalculável, que muitos folcloristas e escritores aproveitaram para copiar, modificar e prestigiar, apresentando-os por escrito como seus. (Pascual, 2015,p.290, tradução nossa).

Acerca das línguas estrangeiras, aplicado ao contexto de uso das praças como potencial cenário para prática educativa, convém acrescentar que quando o aprendente de língua estrangeira tem a oportunidade de praticá-la em outro país em situações urbanas, muitas vezes desenvolve diálogos em espaços públicos em busca de informações ao ar livre. As encenações entre os alunos ganham mais realismo se forem praticadas em espaços como a praça. A sensação de autenticidade será bem maior que a prática em sala de aula.

Sobre as disciplinas História e Geografia, Pascual (2015) cita exemplos bem particulares do que ocorre na Espanha com relação às inúmeras canções do romanceiro ou pular corda que tocam em temas sobre as antigas províncias de Castela até histórias anedóticas de reis e rainhas a exemplo da chamada reconquista (romances de fronteira). A transmissão de conhecimento histórico, descrita por Pascual (2015), ganha forma romantizada quando diz que

a história transmitida oralmente é mesma forma, as noites passadas sentadas no frescor da vizinhança fornecem às crianças fragmentos valiosos de história oral: conversas de experiências contadas pelas pessoas mais velhas sobre sua própria história e a de seus ancestrais. Uma troca humana, cultural e informativa de valor incalculável. (Pascual, 2015, p.290, tradução nossa).

Além da possibilidade de pesquisa sobre a topografia da praça, seu tamanho, características vegetais, climáticas, localização na cidade e importância para o ecossistema

local, é possível explorar o seu histórico principalmente quando este alcança a memória de muitos de seus moradores ao redor. Isso favorece para o procedimento metodológico que contará com entrevistas que podem ser feitas em busca de informações e até registros fotográficos. É possível pesquisar o porquê de sua nomenclatura. Além disso, convém investigar o significado afetivo destas pessoas e sua importância para o bairro.

Essas considerações e relatos mostram que a praça pública se torna desprestigiadamente uma escola ao ar livre onde a troca de conhecimento, experiências e valores são experimentados pelos usuários em diferentes momentos da história. Entretanto, convém indagar se essa reflexão histórica sobre as praças públicas se aplica aos dias atuais? Eis uma questão coerente com a justificativa dessa pesquisa.

Para finalizar, e ainda tratando do conhecimento acerca da conexão dos conhecimentos transmitidos na praça e na escola, importa observar a reflexão destacada por Pascual (2015) no item *Enculturación y educación*, quando diz

distinguir entre enculturação e educação é falar sobre a diferença entre aprendizado por aquisição e aprendizado por estudo. É falar sobre o privado e o público, o não oficial e o oficial. É falar da praça e da escola. Os seres humanos, por séculos e séculos antes da escolarização em massa que vem ocorrendo desde meados do século XIX, aprenderam habilidades, valores e capacidades fora da alfabetização. (Pascual, 2015, p.288, tradução nossa).

Contudo, vale ressaltar o aporte desse artigo pela menção aos conhecimentos desenvolvidos e praticados nesse espaço de socialização, ainda que não tenha focado em uma em particular como estudo de caso dessa pesquisa.

1.3 – (Des)função ou esvaziamento aparente das praças

Os espaços remetem a múltiplos usos a diversos usuários e também são normatizados e contranormatizados, portanto, antes de mencionar a citação de autores sobre esvaziamento ou motivos de abandono das praças públicas na atualidade importa alertar, previamente, que não só praças públicas com outras paisagens de vazio aparente são enganadoras e, na verdade, nunca estão vazias ou abandonadas como um olhar superficial pode interpretar.

É certo que a dinâmica de uso das praças públicas é variada e embasada de acordo com fatores diversos como a faixa etária de seus usuários, horários de maior ou menor frequência e circulação de pessoas, dias da semana ou de feriados, sensação de segurança ou insegurança, estado de conservação do patrimônio público, poluição visual ou embelezamento estético

paisagístico, qualidade da iluminação noturna, inatividade coletiva comunitária, etc. Muitas das vicissitudes perceptíveis nas praças na atualidade contrastam com o relato de pessoas que viveram tempos de praças de outrora onde muitas vezes havia um coreto, chafariz, bancos, parques infantis, pequenos comércios, venda de pipoca, algodão-doce ou sorvete, encontros ocasionais ou combinados, piqueniques em família, perspectiva de troca e socialização.

Uma das fundamentações que hipoteticamente causam esvaziamento das praças pode ser interpretada por Tedesco (2009) em seu livro “*Educación en la sociedad del conocimiento*” quando diz

As mudanças culturais na sociedade atual estão intimamente ligadas às novas tecnologias da informação. Essas tecnologias têm um impacto significativo não apenas na produção de bens e serviços, mas também nas relações sociais como um todo. O acúmulo de informações, a velocidade de transmissão, a superação das limitações espaciais, o uso simultâneo de várias mídias (imagem, som, texto) são, entre outros, os elementos que explicam a enorme fertilidade das mudanças apresentadas por essas novas tecnologias. Seu uso nos obriga a modificar conceitos básicos como tempo e espaço. A própria noção de realidade está começando a ser repensada, com base nas possibilidades de construção de realidades “virtuais” que colocam problemas sem precedentes e questões de ordem epistemológica, cuja análise está apenas começando. Embora apenas uma concepção tecnocrática colocasse a base da nova sociedade nas tecnologias de comunicação como tecnologias, é inegável que suas mudanças têm efeitos poderosos em nossos padrões de comportamento. (Tedesco, 2009. p.47)

A reflexão sobre as alterações e reduções que as praças tem sofrido desde suas origens até os dias atuais mostram, segundo De Angelis *et al.* (2005) que

as praças foram reduzidas a um estreito oásis de verde, ou a meros espaços de estacionamento, em uma cidade que, com o seu destruidor poder urbano, não dá mais espaço ao prazer de viver em coletividade, fazendo com que as pessoas tenham perdido o encanto do estar junto e do confronto direto. Nesse contexto o presente item mostra como tem se comportado a praça ao longo do tempo. (De Angelis *et al.*, 2005. p. 3)

As causas da perda ou redução de algumas das funções sociais das praças públicas abordadas como resultado de análises de estudos são coincidentes de muitos dos discursos sobre o que concorre para o seu esvaziamento como o surgimento de múltiplos rivais anômalos a ela enquanto lugar de encontro e reunião:

os shopping-centers, centros empresariais, edifícios multifuncionais, os estádios. Sem falar do abandono a que são relegadas, trazendo insegurança e, consequentemente, afastando seus frequentadores. O advento da informática no atacado trouxe para dentro das casas a TV a cabo, o pay-per-view, o *home-theater*, a Internet. Inovações tecnológicas de lazer que, com seus chips, *kbytes* de memória, imagens, encontros e diálogos virtuais, têm levado as pessoas a substituírem o espaço aberto por uma tela

fechada de circuitos eletrônicos. A praça que, por séculos afora - desde a ágora grega - fora o espaço público por excelência para o contato humano, para o socializar-se em um contato próximo com o outro, é atualmente um pedaço perdido entre tantos na colcha de retalhos que chamamos por cidade. A praça, que já foi das armas, dos touros, maior, residencial, real, passou a ser, a partir da metade desse século, praça de alimentação! Criação americana junto aos shopping-centers, esse espaço fechado, recluso e envolto por néon, ar rarefeito, plantas sintéticas, iluminação artificial, escadas rolantes e fast food, banaliza e tira de foco o conceito implícito do que seja verdadeiramente uma praça. O espaço de hoje que ainda, insistentemente, chamamos por praça, já não traz consigo a significância e importância de um tempo, reduzido que está, muitas vezes, a um espaço vazio, resultado urbanístico da interceptação de vias públicas, ou ainda, utilizado como estacionamento para automóveis. Esses, beneficiários maiores de um espaço esquecido por quem, efetivamente, deveriam ocupá-lo. (De Angelis *et al.*, 2005. p. 25)

Um contraponto acerca do aparente esvaziamento das praças é observado no artigo intitulado *La plaza pública como escuela tradicional* (A praça pública como escola tradicional: tradução nossa), escrito por María Cruz Garrido Pascual (2015). Em sua publicação, a autora reconhece a existência da queixa generalizada de que as praças estão cada dia mais vazias e que já não se veem crianças brincando na rua como antes. Observa a tendência de colocar a culpa desta realidade nas crianças e nos jovens “idiotizados com seus celulares” Pascual (2015, p. 295) com foco no consumismo. Não obstante, Pascual (2015) reforça a necessidade de se fazer uma autocrítica de que somos nós as pessoas adultas que “já não vamos mais às praças como antes”, pois afirma que “Preferimos socializarmos no bar ou ficarmos em casa vendo televisão, ou outra tela equivalente como *tablet* ou *smartphone*” Pascual (2015, p. 295). Além disso, afirma que é um grande erro afirmar que meninos e meninas não gostam de brincar na rua e que, na verdade é a presença fundamental de nós adultos que a elas lhes faz falta para dinamizar e conduzir as brincadeiras.

Se nos encorajarmos a descer mais à rua, a sentarmo-nos nos bancos, a pegar numa corda e dá-la às crianças para saltarem, a cantar com elas... Então veremos que todas as crianças vêm automaticamente. Que elas estão desejosas que isso aconteça. Que não é verdade que elas se ensinam umas às outras, mas que somos nós, adultos, que devemos iniciar o processo de recuperação das brincadeiras tradicionais. Penso que, mais do que nunca, dada a situação atual do nosso sistema educativo, com os novos desafios colocados pelo novo milénio, é necessário quebrar as fronteiras entre os saberes e tentar integrá-los, tornar a escola muito mais flexível, integrar a praça, sair para a praça, brincar mais nela. Os adultos devem continuar a descer à praça e a ensinar e a brincar com as crianças. O futuro depende delas. (Pascual, 2015, p. 295, tradução nossa).

A indagação do porquê, ou os porquês, desses espaços serem subutilizados pela população e também por escolas vizinhas, ainda que sejam potenciais espaços educativos, há ainda o problema de as praças públicas terem a tendência de ser associadas à insegurança, como afirma Ibáñez (2016):

Há muitos anos as praças na Bolívia são entendidas como um elemento ornamental da paisagem urbana. No entanto, as pessoas reocupam as praças com base em outros sentidos. Entram nos jardins e fazem piqueniques, convivem em família, comem, brincam, namoram, fazem grupos. (Ibáñez, 2016, p.330).

Como visto, as pessoas podem ressignificar e fazer uso do espaço público com outras prioridades mais do que uma questão meramente estética e ornamental. O exemplo mencionado na Bolívia por Ibáñez (2016), país cuja etnia é majoritariamente de origem indígena, encontra sentido na lógica de seu povo, pois:

Nas culturas indígenas, os objetos e as coisas não têm fins ornamentais em si: podem ser esteticamente bonitos, mas devem ter uma utilidade prática para ser verdadeiramente “lindos”. A beleza é uma espécie de conjunção entre sentido estético e sentido de utilidade. A praça é linda se permite conviver; o jardim é lindo se permite ser usado para essas convivências e relações. Apesar das múltiplas tentativas de “civilizar” o uso das praças, estas continuam sendo um campo de disputa de modos de vida diversos. Emergem outras maneiras de habitar as praças que, possivelmente, contribuem com o brotar do Bem Viver, como horizonte reorganizador de nosso conviver. (Ibáñez, 2016, p.330).

No Brasil existem movimentos que refutam e atuam contra o esvaziamento e abandono das praças com ações que articulam cidadãos, governos, empresas e instituições para ocupar, revitalizar e criar melhores espaços públicos a exemplo do Movimento Boa Praça³, que desde 2008 tem sua atenção focada nas praças e áreas verdes da cidade. Suas ações visam inspirar, fornecer, ferramentas e realizar intervenções de baixo custo e alto impacto que gerem encontros, colaboração, aproximem as pessoas da natureza e propiciem melhor qualidade de vida e segurança por meio de atividades que incluem diagnósticos, mapeamentos, projetos comunitários de revitalização, palestras, oficinas, ações educativas, consultoria e planejamento de ações de revitalização e voluntariado.

Silva e Magagnin (2019) destacam que as mudanças no modo de vida, as exigências por conforto, o crescimento populacional e as novas modalidades de lazer e consumo que alteraram o uso das praças. Sinalizam ainda que estes espaços se transformaram em locais abandonados, degradados, cercados e cheios de estacionamentos. Deixaram de ser, segundo elas, um ponto de atração ou encontro, e passaram a ser um espaço apenas de passagem.

Nessa perspectiva algumas ações são pensadas para atuar na PJOD não só para demonstrar sua potencialidade educativa ambiental, beneficiando os alunos do CEMPP, mas também trazer à comunidade adjacente à praça.

³ <http://movimentoboapraça.com.br/>

1.4 - Categorias associadas à praça no contexto urbano: Táticas e estratégias

A noção das categorias táticas e estratégias, no campo teórico conceitual e analítico, em certa medida, contribui no âmbito da análise dos usos da praça e na praça sob uma concepção sociológica dos estudos urbanos na visão de Michel de Certeau (1998). Seu aporte favorece para tipificar e compreender as práticas aplicadas na praça pública com potencialidade educativa, uma vez que, segundo sua concepção, são as práticas que configuram a realidade social. Portanto, os espaços são resultados de práticas em dimensão de poder que se produzem neles e que não são neutras. Estas práticas, medidas por relação de poder, conflituam e compactuam, se aproximam e se expõem.

1.4.1 As táticas “arte dos fracos”

São práticas comumente mobilizadas pelos atores ordinários, ou indivíduos desprovidos de poder econômico e tampouco político. Trata-se daqueles que “restam” ou sobram na cidade e que não eram para estar ali, mas estão.

A tática é uma espécie de arte e astúcia da sobrevivência sem ser uma ação coletiva organizada, militante e política dos considerados subalternizados. Trata-se de uma ação astuciosa ordinária quase que intuitiva e situacional com aquela forma de sobreviver ali. Na trajetória da pesquisa sobre praça pública, com recorte em nosso objeto de estudo, será pertinente identificar a aplicação das supostas táticas ou estratégias para compor a redação da avaliação de dados na parte conclusiva desta pesquisa.

1.4.2 As estratégias “arte dos fortes”

A tática, enquanto conjunto de práticas que articulam espaço e poder, é a arte dos fracos normatizada para existir. Trata-se da prática de poder político, econômico e institucional que modula o espaço. Estas práticas criam o caminho, ordenam o sujeito, perfilam quem pode estar ali e quem não pode estar ali. São as práticas higienistas roteirizadas, prescritas, controladas, reguladoras e moduladoras.

Chamo de *estratégia* o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna poder possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como *algo próprio* e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos

e objetos da pesquisa etc) Como na administração de empresas, toda racionalização “estratégica” procura em primeiro lugar distinguir de um “ambiente” um “próprio”, isto é, o lugar do poder e do querer próprios. gesto cartesiano, quem sabe: circunscrever um próprio mundo enfeitado pelos poderes invisíveis do Outro. gesto da modernidade científica, política ou militar. (Certeau, 1998, p.99).

Após estas considerações, importa identificar o sujeito tático e estratégico da PJOD. Seus usuários, a comunidade que a circunda e sobretudo os sujeitos a participarem das ações pedagógicas da referida praça, ou seja, do CEMPP.

1.5 "Espaços" e "lugares"

A aplicação das categorias espaço e lugar são conferidas nessa pesquisa sob a perspectiva de Certeau (1998), associados à sua própria abordagem acerca das táticas e estratégias, igualmente mencionadas em nosso referencial teórico.

Inicialmente, entre espaço e lugar, coloco uma distinção que delimitará um campo. Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha, portanto, excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do "próprio": os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar "próprio" e distinto que define. Um lugar é, portanto, uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade. Existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. O espaço estaria para o lugar como a palavra quando falada, isto é, quando é percebida na ambiguidade de uma efetuação, mudada em um termo que depende de múltiplas convenções, colocada como o ato de um presente (ou de um tempo), e modificado pelas transformações devidas a proximidades sucessivas. (Certeau, 1998, p.201, p.202)

Sua síntese considera que o espaço é um lugar praticado, pois, segundo “a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos - um escrito”.

Nesse sentido, são analisadas as práticas corriqueiras na PJOD, objeto dessa investigação, em torno do nosso problema de pesquisa.

1.6 Espaço urbano, espaço público, usos, contra-usos dos espaços

O conceito de "contra uso" sob a luz da sociologia, considera como indivíduos ou grupos redefinem, ou desafiam o uso social de objetos, práticas ou espaços, a exemplo da modificação

de espaços com uso diferente do que foram originalmente projetados. É nesse sentido que é notável a plasticidade do espaço temporal das praças públicas, pois, se em caso de pessoas se manifestando politicamente, organizando passeatas ou organizando uma feira de escambo de produtos em vez de lazer, temos situações de “contra uso”. É possível explorar, ainda sob o prisma da sociologia, as motivações e as consequências culturais e sociais dessas mudanças no espaço, bem como os conflitos e as tensões.

Do ponto de vista filosófico, a ideia de "contra uso" analisa as implicações epistemológicas e indaga sobre os valores e as justificativas que sustentam as ações e as relacionam com o conceito de "desconstrução", pois as estruturas de pensamento e as normas estabelecidas são questionadas e desestabilizadas.

Tem-se, então, a compreensão de que o "contra uso" pode ser entendido como ação modificadora, desafiadora que reverte o uso esperado ou original de algo. Na visão sociológica, favorece a compreensão de como os grupos sociais e os indivíduos interagem com as normas sociais e estruturas, enquanto o olhar filosófico acena para reflexão acerca das bases do pensamento e das práticas sociais.

Desde essa abordagem importa inserir o contexto urbano a essa pesquisa, pois, dentre a diferenciação de espaço urbano, espaço público e lugares, sustentada por autores acadêmicos da sociologia e filosofia como Leite (2002) e Magnane (1992), convém sinalizar o critério de definição perceptíveis nas práticas e nas dimensões dos sentimentos de pertencimento e significados atribuídos.

O espaço urbano se configura como um local de passagem desprovido de sentimento de pertença, a exemplo de uma ponte ou viaduto. Não obstante, no momento em que uma família passa a morar para abrigar-se das intempéries, algum grupo musical faça apresentações, grupos de jovens pratiquem algum esporte como basquete de rua, aquele espaço ganha outro tipo de significado e sentimento de pertencimento e se configura como um lugar ou ainda como espaço público como sugere Leite (2002,p.116) ao mencionar que “um espaço urbano somente se constitui em um espaço público quando nele se conjugam certas configurações espaciais e um conjunto de ações.” Afirma ainda que são locais onde “as diferenças se publicizam e se confrontam politicamente”.

Podemos, assim, entender o espaço público como uma categoria construída a partir das interfaces entre os conceitos de esfera pública (do qual retira a categoria ação) e de espaço urbano (do qual retém a sua referência espacial). Embora o espaço público se constitua, na maioria das vezes, no espaço urbano, devemos entendê-lo como algo que ultrapassa a rua; como uma dimensão socioespacial da vida urbana, caracterizada fundamentalmente pelas ações que atribuem sentidos a certos espaços da cidade e são por eles influenciadas. Não sendo necessariamente todo espaço urbano um espaço

público, há de se verificar quando um espaço urbano pode ser caracterizado como público. A reativação pura e simples dos usos cotidianos de um determinado espaço urbano não é, assim, característica suficiente, embora necessária, para conferir a um determinado espaço urbano a característica de espaço público. (Leite, 2002, p.116)

Nesse sentido, é possível uma análise das transformações do espaço público na experiência urbana contemporânea, tendo como referência empírica a PJOD embasados nos conceitos de espaço urbano, espaço público, usos e contra-usos dos espaços públicos abordados por Leite (2002) em sua análise acerca da Rua da Moeda, situada no Bairro do Recife (Pernambuco) Local revitalizado pelo poder público em que ele mesmo sugeriu situações de contra-usos, pois identificou práticas de táticas naquela paisagem urbana engendrada pela *gentrification*⁴, para argumentar que a desapropriação de sujeitos não reduz o sentido público do espaço urbano, mas pode representar uma reordenação da sua lógica interativa, a partir das apropriações táticas dos espaços mediante a construção dos lugares.

Ainda que a *gentrification* não se aplique ao nosso objeto de estudo, importa identificar o que nela se caracteriza como uso, contra-uso, estratégia, tática, o que a caracteriza como lugar de pertencimento e quais os efeitos causados após a realização de práticas educativas ambientais à vista da comunidade adjacente. Dessa forma, o conceito de lugar, sugerido por Leite (2002, p.123) pode ser analisado como “uma determinada demarcação física e/ou simbólica no espaço, cujos usos o qualificam e lhe atribuem sentidos diferenciados, orientando ações sociais e sendo por estas delimitados reflexivamente”.

1.7 Pedaco

Dentre as categorias pedaco, mancha, trajeto, pórtico abordadas por Magnani (1992) aplicados a trabalhos sobre práticas de lazer, locais de encontro e formas de sociabilidade no contexto urbano, com o propósito de, como diz o autor “discutir seu processo de construção, alcance de aplicação e capacidade de sugerir recortes significativos na cambiante realidade urbana”, importa destacar o que define como “O pedaco, no bairro” ou ainda “categoria nativa” para associar em certa medida às dinâmicas e práticas na PJOD, uma vez que uma aproximação mais estreita com a comunidade próxima a ela poderá nos revelar a existência de múltiplas

⁴ A *gentrification*, gentrificação em língua portuguesa, é um processo de transformação de centros urbanos através da mudança dos grupos sociais ali existentes, de onde sai a comunidade de baixa renda e entram moradores das camadas mais ricas. O fenômeno decorre da revitalização urbana, em que espaços até então abandonados passam a ser vistos com potencial por determinados grupos sociais e econômicos. Isto faz com que haja aumento do custo de vida no bairro, por consequência, afaste seus moradores tradicionais. <https://www.significados.com.br/gentrificacao/>

formas de diversão, entretenimento e atividades depostas por eles acerca da praça, pois é no pedaço que, segundo Magnani (1992) “a denotação de lealdades, códigos compartilhados, pertencimentos; a recorrência de seu uso que aponta para uma riqueza de significados que vale a pena investigar”.

Sua análise evidenciou que essa categoria é formada basicamente pelo elemento de ordem espacial, físico, sobre o qual se estende uma rede de relações em um território claramente demarcado como “o telefone público, a padaria, este ou aquele bar, o terminal da linha de ônibus, talvez um templo ou terreiro, e outros pontos mais delineavam seu entorno.”

As características desses equipamentos definidores de fronteiras mostravam que o território assim delimitado constituía um lugar de passagem e encontro. Entretanto, não bastava passar por esse lugar ou mesmo frequentá-lo com alguma regularidade para “ser do pedaço”; era preciso estar situado numa peculiar rede de relações que combina laços de parentesco vizinhança procedência, vínculos definidos por participação em atividades comunitárias e desportivas etc. [...] É aí que se tece a trama do cotidiano: a vida do dia-a-dia, a prática da devoção, o desfrute do lazer, a troca de informações e pequenos serviços, os inventáveis conflitos, a participação em atividades vicinais. [...]pertencer a um pedaço significa dispor de uma referência concreta, visível e estável - daí a importância do caráter territorial na definição da categoria. Pertencer ao *pedaço* significa também poder ser reconhecido em qualquer circunstância, o que implica o cumprimento de determinadas regras de lealdade que até mesmo os “bandidos” da vila, de alguma forma, acatam (Magnani, 1992, p.193)

A partir disso é observado o segundo elemento mencionado por Magnani (1992), trata-se da rede de relações que instaurava um código capaz de “separar, ordenar, classificar: era, em última análise, por referência a esse código que se podia dizer quem era e quem não era (do pedaço) e em que grau – “colega”, “chegado”, “xará”, etc”.

1.8 Estruturas educadoras, espaços educadores e intencionalidade educativa

Um dos capítulos do livro “Encontros e Caminhos I: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores”, fomentado Pelo Ministério do Meio ambiente publicado no ano de 2005, traz um capítulo intitulado “Estruturas e espaços educadores: quando espaços e estruturas se tornam educadores” de autoria de José Matarezi.

O conceito de estruturas educadoras e espaços educadores, comuns da Educação Ambiental, está relacionado com o propósito dessa pesquisa, considerando a hipótese de que a PJOD tem potencial educador ambiental crítico.

Estas terminologias são consideradas por Matarezi (2005) como termos que surgem para

abarcam algumas das dimensões pertinentes à Educação Ambiental Crítica, popular, transformadora e emancipatória. Destacam-se duas fontes para suas ponderações. A primeira é o Programa Municípios Educadores Sustentáveis (MES) do Ministério do Meio Ambiente (MMA, 2005) que aborda a capacidade desses espaços de demonstrar alternativas viáveis para a sustentabilidade, estimulando as pessoas a desejarem realizar ações conjuntas em prol da coletividade e reconhecerem a necessidade de se educarem. A outra fonte corresponde ao inciso VI do parágrafo 1º do Artigo 225 da Constituição Federal de 1988 que é o de “Promover a Educação Ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente”. A respeito desse inciso, Matarezi (2005) comenta que:

em todos os níveis e esferas da sociedade, devem ocorrer também na perspectiva de que os espaços e/ou estruturas, com as quais convivemos e interagimos cotidianamente, sejam dotados de características educadoras e emancipatórias, que contenham em si o potencial de provocar descobertas e reflexões, individuais e coletivas simultaneamente. (Matarezi, 2005, p.163).

Para melhor compreensão do significado de estruturas e espaços educadores, Matarezi (2005) propõem diálogo e reflexão a partir de pertinentes indagações como estas:

As estruturas e os espaços educam? Podem os espaços e as estruturas se tornarem educadores? O que é preciso para isso? Neste texto busco respostas que estão longe de serem conclusivas, pois no atual estágio das reflexões e elaborações teóricas é natural se ter mais dúvidas e perguntas do que respostas e certezas. O que me proponho é compartilhar algumas reflexões sobre como e quando um determinado espaço e/ou estrutura se torna educador/educadora. (Matarezi, 2005, p.161).

O autor ressalta o significado da Educação Ambiental Crítica associando-a entre as palavras “espaço” e “esperança”, pois entende que

todo ato educativo, todo processo de ensino-aprendizagem, toda relação pedagógica, todo sentir pensar, toda construção de conhecimento, todo religar com a natureza e cultura traz em si uma desejada esperança e ocupa um determinado espaço, num lugar num dado momento de nossa história de vida, tornando-se uma utopia concretizável. (Matarezi, 2005, p.162).

Matarezi (2005) lembra que aprendemos ao longo de toda a vida e a nossa formação e educação se processam nos diversos espaços e lugares de nossa vida cotidiana, nos ambientes (natural e construído). Mas para que espaços e/ou estruturas que tenham características educativas, não necessariamente se constitui num espaço e/ou estrutura educadora. Para que assim seja, segundo o autor, considera a necessidade de haver intencionalidade.

Nesse contexto, vale acrescentar o conceito de intencionalidade, na perspectiva da Educação Ambiental que valoriza, conforme Saviani (2005,p.13), a ideia de “produzir direta e

intencionalmente no indivíduo singular a humanidade produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos seres humanos”. Encontrando sintonia nesse raciocínio, Loureiro (2019) destaca a relevância da Educação como dimensão indispensável do tornar-se humano.

Teoricamente, é possível definir a educação como prática social cujo fim é o aprimoramento humano naquilo que pode ser aprendido, criado e recriado a partir dos diferentes saberes de uma cultura, de acordo com as necessidades e exigências de uma sociedade. Atua, portanto, sobre a vida humana em dois sentidos: no desenvolvimento de produção social como cultura – inclusive dos meios instrumentais e tecnológicos de atuação no ambiente – e na construção e reprodução dos valores culturais. (Loureiro, 2019, p.21).

Convém acrescentar que o dever principal da Educação, conforme Morin (2011,p.31), é de “armar cada um para o combate vital para a lucidez”. O armar metafórico descrito por Morin é fundamental para todos os atores envolvidos nessa pesquisa que relaciona escola e meio urbano.

O exemplo de uma faixa de segurança para travessia de pedestre foi utilizado por Matarezi (2005) para mencionar a intencionalidade dos educadores que desejam utilizá-la como estrutura educadora. Para reflexão, transcenda sua obrigação legal ou um mecanismo para enfrentar a violência no trânsito, é preciso agregar uma estratégia ou componente pedagógico para não ser

apenas pintura no asfalto, provocando aleatoriamente reações diversas nos usuários daquele espaço desde questionamentos estéticos, até reflexões sobre a importância do respeito ao pedestre e sobre as leis de trânsito, passando pelas reclamações dos motoristas que precisem se deter (perder tempo) diante de pedestres que a utilizam! Podem ser também objeto de um programa de ensino sobre direitos e deveres no trânsito, cidadania, legislação, fiscalização e punições para infratores. Mas pode ainda ser um espaço que propicia aprendizados sobre o respeito à VIDA; a atenção ao próximo; o cuidado com o mais fraco no momento que estou mais potente e poderoso; o respeito às distintas condições de existência e a compreensão da diversidade de situações e olhares sobre um encontro (Matarezi, 2005, p.164).

É perfeitamente cabível que o exemplo da faixa de pedestre seja pensado para outras estruturas citadinas, como fachadas de prédios, ruas, avenidas, viadutos, pontes, escadarias, pontos de ônibus, estações de metrô, rodoviárias, aeroportos e praças públicas.

Quanto aos espaços escolares Matarezi (2005) comenta que apesar da sala de aula e a escola sejam reconhecidamente próprios da educação ter sido pensadas para atender determinadas funções e objetivos pedagógicos, muitas vezes de disciplina, reclusão, proteção, controle e vigilância, portanto de regulação e não necessariamente de emancipação.

Ainda sobre a necessidade de a educação ser fortalecida com o pensamento crítico, a opinião de Zygmunt Bauman (2013) ganha evidência no livro *“Sobre la educación en un mundo*

líquido: conversaciones con Ricardo Mazzeo”, quando questionado “¿Cree usted que la educación necesita ser alimentada no sólo con conocimientos, sino también con el pensamiento crítico?” (Você acredita que a educação precisa ser alimentada não somente com conhecimento, mas também com pensamento crítico? Bauman responde: “No restaría nada a sus palabras, Ricardo, ¡y tampoco hay mucho más que añadir!” (Eu não desmereceria suas palavras, Ricardo, e não há muito mais a acrescentar!” (tradução nossa)

As práticas pedagógicas características de institutos de idiomas, cujos docentes costumam usar mais frequentemente espaços ao ar livre para o ensino de idiomas, poderiam e deveriam ser corriqueiras aos alunos de escola pública e privadas para que todos tenham a mesma experiência de aprendizagem recorrendo a praça pública como espaço educador ou de aprendizagem.

A educação ambiental crítica no contexto educativo, desde a perspectiva de Leff (1992), considera o educar para formar um pensamento crítico, reflexivo, capaz de analisar as complexas relações da realidade natural e social para atuar no ambiente numa perspectiva local e global. A abordagem vai da simples transmissão de conteúdos ecológicos, pois considera transformação da realidade dominante, questionando os paradigmas políticos, econômicos e culturais que sustentam a degradação ambiental. Nesse sentido, é possível destacar três pensamentos defendidos por Leff (1992) que se aplicam a esta pesquisa. O primeiro é sobre a educação como um processo emancipador, capaz de formar sujeitos críticos e conscientes de seu papel na construção de um mundo sustentável. O segundo é sobre racionalidade ambiental baseada na diversidade cultural, do diálogo de saberes e na justiça sua ambiental. O último está focado na interdisciplinaridade como método para compreender a complexidade das relações entre sociedade e natureza.

Em se tratando de aulas em espaços abertos como as praças públicas, sob a luz da educação ambiental crítica, é notável a possibilidade de conexão de teoria e prática em diversas circunstâncias. Uma delas tem por base a observação crítica do meio ambiente urbano, onde o professor pode levar os seus alunos para analisar o espaço público como um ecossistema natural e social, identificando problemas como descarte irregular de resíduos sólidos, arborização urbana e o seu uso coletivo. O resgate cultural e histórico da praça pode ser usado para discutir a história local, os processos de urbanização e seus impactos ambientais. Além disso, dinâmicas como rodas de conversa com moradores, exposições e intervenções artísticas podem estreitar o diálogo entre a comunidade escolar com a comunidade local e estimular o senso de pertencimento e responsabilidade coletiva.

Por fim, é sabido que a aprendizagem experiencial, sob a ótica da educação ambiental

crítica, é uma demonstração de maturidade pedagógica por parte da escola que estimula aulas ao ar livre uma vez que a vivência direta com o ambiente estimula a reflexão crítica, promove e fortalece vínculos afetivos com a natureza e o espaço urbano.

A Educação Ambiental em sua vertente crítica, transformadora ou emancipatória é mencionada nesse contexto por Barbosa *et al.* (2022,p.24) da seguinte forma:

A Educação Ambiental Crítica visa transformar a sociedade em um ambiente de democracia plena, base das suas ideias e práticas. Assim, trabalha em zonas de conflito socioambiental, buscando a formação crítica dos agentes sociais e a construção de consensos, isto é, acordos negociados que satisfaçam aos interesses das partes envolvidas. Também chamada de transformadora ou emancipatória, a Educação Ambiental crítica parte da premissa de que a consciência individual acerca das questões socioambientais começa a ser construída quando o sujeito passa a se entender como parte de um todo, ou seja, como sujeito social. Por isso, as ações educativas de caráter crítico, em vez de priorizarem as atitudes do indivíduo, focam grupos como associações de moradores, colônias de pescadores, comitês de bacias hidrográficas, conselhos gestores de unidades de conservação, conselhos municipais de meio ambiente etc. Portanto, essas práticas estimulam a participação social dos sujeitos para que os mesmos construam coletivamente soluções para os problemas enfrentados, refletindo e compreendendo a origem dos problemas e suas consequências e, finalmente, propondo formas de intervenção nessa realidade (BARBOSA *et al.*, 2022,p.24)

Importa acrescentar que a característica interdisciplinar da Educação Ambiental Crítica, é associada às atividades pedagógicas do CEMPP ocorridas na PJOD. A intencionalidade de uso, em alguma medida, pode dar à praça o atributo de espaço ou estrutura educadora, como veremos nas considerações finais.

1.8.1 A praça pública inerente ao conceito de cidade educadora

O conceito de cidade educadora é internacionalmente engendrado com um movimento fomentado pela Associação Internacional das Cidades Educadoras (AICE) iniciado na cidade de Barcelona, Espanha, em novembro de 1990. Um dos seus princípios é conceber o território da cidade como oportuno para aprendizagem por meio de seus espaços e de seus agentes, considerando o aprendizado como formação contínua dos cidadãos e integral das pessoas que habitam a cidade. Um dos objetivos das cidades educadoras é o de aprender, trocar e partilhar vivências e convivências.

Nesse sentido, Morigi (2016,p.30) menciona em seu livro intitulado “Cidades Educadoras: possibilidades de novas políticas públicas para reinventar a democracia”, um conceito embasado por Alícia Cabezero, que se aplica a essa pesquisa quando diz que Cidade Educadora é aquela que converte o espaço urbano em uma escola sem paredes onde todos os

espaços são sala de aula: rua, parque, praça, praia, rio, favela shopping e também as escolas e as universidades. A isso se acrescenta que a vida de aprendizagem do cidadão não se restringe somente à vida escolar nas instituições de ensino. A aprendizagem deve estar entrelaçada aos múltiplos espaços da cidade em um processo educativo inclusivo para e pela cidadania.

A educação é um processo para a vida toda, e deve acontecer em toda a vida e todo lugar. Qualquer local é espaço de aprendizagem. Isso passa por uma socialização dos saberes e pelo reconhecimento de que todos os indivíduos são potenciais educadores, cada um em sua especialidade, em sua sabedoria de vida. (Morigi, 2016, p.30).

Nesse sentido, é possível imaginar uma cena circunstancial cotidiana de um corredor de aeroporto de grande porte disposto com painéis informando, a todo instante, o portão de embarque dos voos em língua portuguesa e inglesa. Uma criança em idade escolar ao confirmar o sentido de *gate* (portão) e *last call* (última chamada) pode alertar, direta ou indiretamente aos seus pais a mudança de portão e a brevidade para o embarque, compartilhando assim, um efeito positivo do “aprendizado” compartilhado aos adultos e contribuindo para que não perdessem o voo. No seguimento dessa mesma reflexão, Gadotti *et al.* (2004) acrescenta

A educação é possível desde múltiplas esferas da vida cotidiana porque as pessoas apreendem e se educam durante a vida. E a cidade deve passar de ser simplesmente o cenário de uma ação educativa para transformar-se em agente da educação. O potencial educativo da cidade é um dos aspectos menos estudados da vida urbana. (Gadotti *et al.*, 2004, p. 106)

A abordagem sobre cidades educadoras pressupõe que a escola não seja o único lugar de educação. Tampouco uma cidade deve ser considerada educadora por possuir outros espaços de relações sociais humanas onde o saber, o conhecimento, os valores e a socialização estão presentes, como nos cinemas, nas bibliotecas, nos centros culturais, nas universidades, nas igrejas, etc.

O ideal é o intento de criação de políticas que tornem a cidade mais que um lugar de trabalho, de sobrevivência, mas um lugar de cultura, de conhecimento, de poesia, de arte, de música, de leitura, de cinema, etc. É necessária a superação de processos de desumanização. É preciso superar a tendência urbanística de edificações pensadas mais para veículos do que para pessoas e com dimensões mais privativas da vida do que a construção e promoção de espaços qualificados para o convívio humano.

Para uma Cidade Educadora, a lógica de exclusão precisa ser enfrentada e desconstruída. Não é aceitável que se invisibilizem os moradores de rua ou se faça a opção de colocação de grades em frente aos prédios ou em torno de parques e praças para afastá-los do convívio com os demais cidadãos constituindo assim uma nova tendência arquitetônica urbana antimendigo. (Morigi, 2016, p.141).

Um dos exemplos de espaços públicos de convivência, revitalizados e utilizados para experiências educativas, se encontra em Rosário na Argentina, uma das cidades latino-americanas outorgadas pela AICE como cidade educadora cujas propostas de atividades extracurriculares ocorrem fora da instituição escolar. Ou seja, a escola é conectada com outros lugares públicos que oferecem atividades como aulas de dança, cursos técnicos, fazendo com que os educandos circulem mais e mudando a concepção da escola como único lugar do saber, incluindo-a no espaço da cidade. Nesse sentido, essa ação em muito se alinha com a proposta de atividades pedagógicas a serem desenvolvidas pelos alunos do CEMPP na PJOD.

1.8.2 Intencionalidade de atividades pedagógicas na praça

A circunstância observada na praça localizada ao lado de uma escola pública, cuja comunidade escolar é usuária meramente de seu ponto de ônibus ou somente dos pequenos comércios de lanche para uma rápida parada, sugere questionamentos sobre o seu potencial uso educativo ambiental.

Convém indagar se a escola observada poderia fomentar práticas educativas junto à comunidade e também em outros lugares da cidade. Poderia promover essas “costuras” e mobilizar um território em função de uma causa comum?

Além da comunidade escolar, movimentos de coletivos urbanos de pessoas que se organizam para intervir na cidade de alguma maneira com algum objetivo comum, podem favorecer para a melhoria e reforma de uma praça. Pode promover a pintura artística de um ponto de ônibus ou monumento significativo para a comunidade. Sobre isso, vale citar Morigi (2016)

A escola já foi invadida pelo sofrimento, maus-tratos e múltiplas violências da cidade, que entram diariamente nos pátios e salas de aula. cabe aos professores permitir que a escola faça o caminho inverso – saia dos muros e grades e invada a cidade, a qual deve ser construída com trocas entre lugares, pensamentos e emoções em todos os cantos. (Morigi, 2016, p.31).

Uma experiência de extensão previamente notabilizada entre o objeto de nosso estudo, a PJOD, e o colégio vizinho à praça, CEMPP, que constará nos anexos e no capítulo de procedimentos metodológicos desta pesquisa foi o registro de uma oficina de plantio ocorrido para celebrar a semana do meio ambiente. Importa relatar que a atividade com alunos fardados dinamizando a praça em horário escolar despertou os olhares e a curiosidade dos moradores adjacentes e frequentadores da praça, como se comentará posteriormente nos resultados. Na

sequência dessa reflexão Morigi (2016) acrescenta

Ao trabalhar a educação da escola e a relação com as cidades, afirmo que essa interlocução, esse diálogo consiste em vencer no desafio de sair dos muros da escola para a comunidade, para os espaços da existência, para além do mesmo do sempre, poder aproveitar melhor as experiências educativas relevantes que acontecem no dia a dia nas cidades. (Morigi, 2016, p. 36).

As atividades extraclasse em grande medida rompem com a concepção de escola tradicional, pois estimulam a participação dos estudantes e da comunidade sem definir o professor como centro das atividades e proposta, ao mesmo tempo que valorizam o conhecimento de mundo dos educandos. É justo na “leitura de mundo” em que Freire (1982) indica o caminho educacional além das letras e dos números.

No tópico 4, intitulado “espaço urbano e seu potencial educativo” do livro *Cidades Educadoras*, Morigi (2016) fixa na questão das atividades fora dos muros tradicionais da escola. Portanto, afirma que

a educação contemporânea não se limita aos espaços da escola, e o educador busca uma integralidade, um aprendizado e a construção de atitudes e valores na vivência das cidades, nas interações possíveis aos educandos nas relações e práticas sociais, exercitando a noção de cidadania e o respeito ao outro no espaço urbano, carregado de possibilidades educativas. (Morigi, 2016, p. 95).

Conclui-se nesse subtópico que a leitura sobre o acompanhamento do conceito de cidade educadora, espaços educadores ou estruturas educadoras tem sintonia com atividades extraclasse que encorajam atividades educativas ambientais críticas em praças públicas.

1.9 Territorialidades em praças de Aracaju/SE

A praça é um componente central da vida urbana cuja principal função é o encontro. Entretanto, os habitantes de cada cidade exercem diferentes relações em sua ocupação. Nesse sentido, as relações de poder que se estabelecem nas praças levam à formação de territórios.

Sob essa ótica, o enfoque de territorialidade das praças aracajuanas da Zona Norte, Zona Sul, Zona Central e Zona Oeste, ganha destaque nos estudos de Santos (2016) ao mostrar dinâmica de algumas praças durante diferentes momentos do dia como atividade física, comércio, eventos, lazer, religião e recreação infantil.

As praças Ulysses Guimarães, Olímpio Campos, Dom José Thomaz, e da Juventude, foram referenciadas como territórios da acessibilidade devido à facilidade de acesso a pontos

de ônibus e/ou de táxi em seu entorno e proximidade com áreas comerciais, escolas, clínicas, ou ainda facilidade de estacionamento.

O território de atividade física, assim chamados devido à iniciativa da população usando quadras e equipamentos de ginástica, ou ainda de programas da Prefeitura, como a Academia da Cidade, relacionados à prática de exercícios físicos individuais ou em grupo, conforme a pesquisa de Santos (2016), são vistos na praça Ulysses Guimarães, na praça Dom José Thomaz e na praça da Juventude.

Os territórios marcados pela presença de pontos comerciais, especialmente informais, como feira livre ou vendedores autônomos, são chamados de comércio. Santos (2016), destaca as praças Olímpio Campos, Dom José Thomaz, Ulysses Guimarães, Nelson Ferreira Martins e da Juventude como território de comércio.

As praças utilizadas como ponto de encontro para bate-papo de adolescentes e adultos, *happy hour* e realização de eventos diversos são referenciadas por Santos (2016) como de territórios dos eventos. As praças Ulysses Guimarães, Dom José Thomaz, da Juventude e Olímpio Campos são locais em que este tipo de território ocorre.

Os territórios infantis são caracterizados pela recreação infantil. As praças Dom José Thomaz, Ulysses Guimarães, Nelson Ferreira Martins e da Juventude apresentam esse cenário por disponibilizarem equipamentos. Entretanto, também há situações em que os equipamentos são colocados por vendedores ambulantes, pais ou responsáveis que levam crianças para brincar na área da praça.

As praças que possuem igrejas católicas em seu interior ou nas proximidades, como a Praça Dom José Thomaz, Praça Olímpio Campos e Praça Nelson Ferreira Martins, são caracterizadas como territórios religiosos.

Diferentemente dos territórios citados, Santos (2016) menciona territórios topofóbicos, cuja movimentação de pessoas e presença de pontos de comércio é inexistente. Apresentaram essas características as praças Dr. Ranulfo Prata, Liberato Costa e Theodorico do Prado Montes.

As territorialidades inerentes aos estudos de praças públicas, não somente as aracajuanas, constituem-se em uma ferramenta que permite conhecer a dinâmica e relação dos habitantes com o uso do espaço público que proporcione bem-estar aos seus cidadãos.

Capítulo 2

Caminhos para analisar as funções, usos e possibilidades educativas da praça Jornalista Orlando Dantas.

2.0 Descrição metodológica

A forma de abordagem adotada para a realização desta pesquisa foi qualitativa de natureza ou finalidade aplicada, cujo objetivo é descritivo e exploratório, com procedimento bibliográfico, estudo de caso, pesquisa participante, pesquisa de campo e pesquisa-ação.

A perspectiva de gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos que envolve “verdades e interesses locais” é, na visão de Gerhardt e Silveira (2019,p.37) de natureza aplicada. Portanto, o aporte científico e também práticos esperados para esta pesquisa se caracteriza pela busca de soluções para problemas específicos e concretos. A natureza metodológica aplicada, segundo Andrade (2017) é motivada por razões de ordem prática que objetiva atender as exigências da vida moderna. Estes fins práticos, conforme Barros e Lehfeld (2014), igualmente visam à resolução de problema encontrado na realidade concreta do cotidiano. Estes problemas, identificados no âmbito das sociedades onde os pesquisadores vivem, segundo Gil (2019), a exigência de estudos elaborados. Além disso, pesquisas de natureza aplicada também podem sugerir novas questões a serem investigadas.

A importância da metodologia aplicada, atrelada às atividades extraclasse ocorridas na PJOD, é perceptível na construção da cartilha pedagógica, produto resultante dessa pesquisa passível de ser posteriormente aprimorada por outros pesquisadores. O registro dessas atividades está alinhado ao calendário escolar do CEMPP.

Ao considerar a existência de diversas praças públicas localizadas ao lado de escolas em Aracaju, ou muito próximas a elas, importa fazer um recorte do estudo de caso com vistas a responder à questão dessa pesquisa. Nesse sentido, a compreensão do estudo de caso, Severino (2007), é vista como uma pesquisa

que se concentra no estudo de um caso particular, considerado representativo de um conjunto de casos análogos, por ele significativa- mente representativo. A coleta dos dados e sua análise se dão da mesma forma que nas pesquisas de campo, em geral. O caso escolhido para a pesquisa deve ser significativo e bem representativo, de modo a ser apto a fundamentar uma generalização para situações análogas, autorizando inferências. Os dados devem ser coletados e registrados com o necessário rigor e seguindo todos os procedimentos da pesquisa de campo. Devem ser trabalhados, mediante análise rigorosa, e apresentados em relatórios qualificados. (Severino, 2007, p. 121)

Esta pesquisa também é exploratória, pois, conforme Gil (2007), tem familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícita ou a constituir hipóteses. Por fim, são comuns nesse tipo de pesquisa, conforme Gil (2007), levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos

que estimulem a compreensão.

A atuação do pesquisador na realização das atividades diretamente em seu objeto de estudo, nesse caso em especial desenvolvendo atividades extraclasse na praça, categoriza essa pesquisa como participante, pois segundo Severino (2007) a pesquisa participante

É aquela em que o pesquisador, para realizar a observação dos fenômenos, compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados, participando, de forma sistemática e permanente, ao longo do tempo da pesquisa, das suas atividades. O pesquisador coloca-se numa postura de identificação com os pesquisados. Passa a interagir com eles em todas as situações, acompanhando todas as ações praticadas pelos sujeitos. Observando as manifestações dos sujeitos e as situações vividas, vai registrando descritivamente todos os elementos observados bem como as análises e considerações que fizer ao longo dessa participação. (Severino, 2007, p. 120)

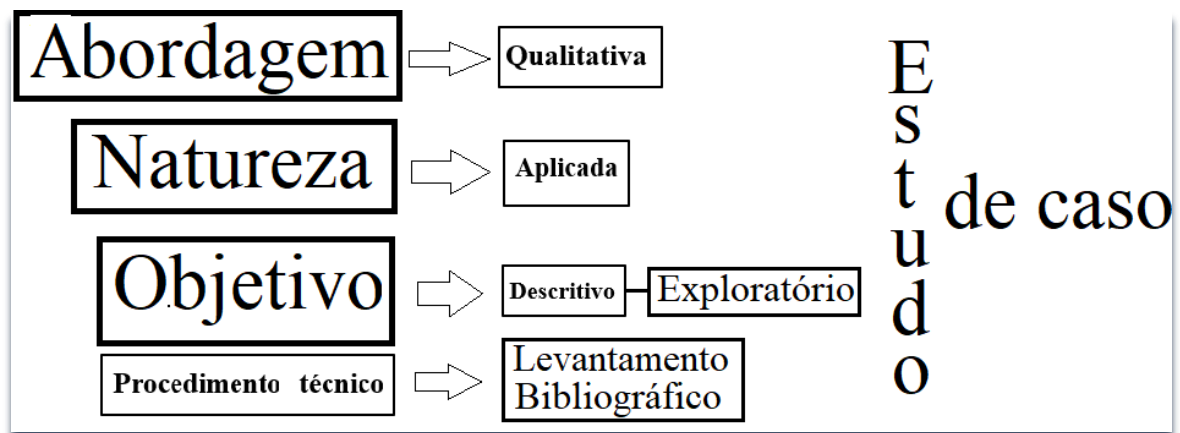
Semelhante à pesquisa participante, a circunstância de participação e intencionalidade do pesquisador intervindo na situação pesquisada alinha-se ao que Severino (2007) define como pesquisa-ação, pois esse tipo de pesquisa é aquele que

além de compreender, visa intervir na situação, com vistas a modificá-la. O conhecimento visado articula-se a uma finalidade intencional de alteração da situação pesquisada. Assim, ao mesmo tempo que realiza um diagnóstico e a análise de uma determinada situação, a pesquisa-ação propõe ao conjunto de sujeitos envolvidos mudanças que levem a um aprimoramento das práticas analisadas. (Severino, 2007, p. 120)

A pesquisa-ação, para Fonseca (2002), tem o sentido de transformar as realidades observadas a partir da sua compreensão, conhecimento e compromisso para a ação dos elementos envolvidos na investigação. Tudo isso está diretamente associado ao propósito de análise, compreensão e construção do produto educacional.

A pesquisa de campo é caracterizada por Fonseca (2002) como investigações em que, além do levantamento bibliográfico, são coletados dados junto a pessoas utilizando pesquisa-ação, pressupondo participação planejada do pesquisador na situação problemática a ser investigada.

Figura 1: Resumo dos procedimentos metodológicos em quadros base em Batista (2023)



Batista (2003) – Adaptado.

Contudo, vale acrescentar que a eficácia do conhecimento científico, em seu processo metodológico, pode ser incrementada com a própria idiossincrasia do pesquisador diante de “elemento surpresa” ou inesperado na caminhada em busca das respostas para o problema de pesquisa. A improvisação, quando necessária, a criatividade e o autoconhecimento são fundamentais em uma dissertação descritiva ou crítica argumentativa. Quanto a isso, Sautu *et al* (2010) ressaltam que

O conhecimento científico é sempre discutível e provisório, e é por isso que ele exige, para sua crítica, que as teorias e os métodos usados sejam explicitados. A pesquisa também exige que reflitamos sobre quem somos e quais são os recursos de nossos estudos e interpretações. Estamos cientes de nossos valores e interesses e das limitações de nossas interpretações. (Sautu *et al*, 2010, p. 22)

A trajetória da pesquisa quase sempre nos oferece elemento surpresa. Diante do imprevisto, é preciso que o pesquisador, principalmente durante a coleta de dados, esteja preparado para exercer a sua resiliência, astúcia e criatividade diante de cenários inesperados.

2.1 Aulas em espaços não formais de ensino

A reflexão que levou à questão desta pesquisa proveio da trajetória do pesquisador enquanto professor de Língua Espanhola. Além disso, a questão também foi apoiada na crença de que a educação experiencial ou aula ao ar livre, além de promover experiência direta com a realidade, favorece para a desenvoltura de habilidades, valores e conhecimentos de forma mais engajadora e significativa dos alunos. Essa lógica encontra sintonia com o que Freire, em seu livro “Pedagogia da Autonomia” (2004), chamou de “ensinar com sentido”. Em sua obra, Freire

ênfatiza que o ensino deve ir além da transmissão de conteúdo. Ao promover autonomia do aluno, permite que ele construa seu próprio conhecimento de forma crítica e significativa. Além disso, Freire defende que ensinar exige respeito à identidade do estudante e à sua capacidade de pensar e transformar a realidade. Portanto, as experiências e vivências dos alunos com aulas ao ar livre em espaços não formais de ensino se inserem nesse contexto de investigação de viabilidade e possibilidade educativa da PJOD. Para tanto, serão relatadas experiências vivenciadas pelo pesquisador em ambiente natural, histórico e urbano.

O primeiro relato corresponde às aulas fomentadas pela antiga Coordenação de Desenvolvimento de Pessoal / Gestão de Recursos Humanos – CODEP / GRH da Universidade Federal de Sergipe em 2002, CODEP. Os cursos semestrais de língua estrangeira, ofertados pelo CODEP, nos níveis inicial, intermediário e avançado, permitiam que os professores propusessem aulas excursionadas em seus planejamentos para as turmas. Dessa forma, com o transporte fomentado pelo setor, foi possível levar os alunos a cidades sergipanas históricas, como em Laranjeiras e São Cristóvão.

Quadro 1 – Aula excursionada - CODEP / GRH – UFS

Coordenação de Desenvolvimento de Pessoal – CODEP / GRH – UFS	
Nível	Intermediário ou avançado.
Público	Servidores (técnicos e professores) com vagas remanescentes aos alunos da Universidade Federal de Sergipe.
Espaço não formal de ensino:	Cidades históricas de São Cristóvão(SE) e Laranjeiras(SE)
Tema da aula	<i>¡Buenos días! Yo soy su guía.</i>
Atividade fora da sala	Ao chegar aos locais visitados, os alunos verificam se se trata do ponto turístico, o qual ficou incumbido de explicar aos colegas em língua estrangeira. Caso contrário, atua como turista ouvindo a explicação do colega, sendo permitido formular perguntas improvisadas.
Destrezas	Compreensão de leitura Expressão oral Compreensão auditiva Expressão escrita

Fonte: Plano de aula próprio (2002)

O segundo exemplo ocorreu a partir de um dos cursos para capacitação de pessoal para ingresso no mercado de trabalho oferecido pela Fundação Municipal de Formação para o Trabalho FUNDAT, órgão municipal da prefeitura de Aracaju-SE. A oferta de cursos semestrais de língua estrangeira, inglês e espanhol, permitiu que aulas fossem realizadas em espaços não formais de ensino, como praças públicas ou pontos turísticos da cidade de Aracaju. Ainda que a fundação não fornecesse transporte em 2006, foram permitidas tarefas iniciadas fora da sede onde as aulas eram ministradas, a exemplo da visita ao Projeto Tamar Aracaju - Oceanário-SE, a saber.

Quadro 2 – Aula excursionada – FUNDAT / Aracaju 2006

Fundação Municipal de Formação para o Trabalho – FUNDAT. Prefeitura Municipal de Aracaju	
Nível	Intermediário ou avançado
Público	Jovens e adultos
Espaço não formal de ensino:	Projeto Tamar Aracaju - Oceanário - SE.
Tema da aula	<i>Buscando a Nemo</i>
Antes da primeira etapa	O professor vai até o Oceanário sem os alunos e solicita à equipe administrativa do Oceanário os textos informativos em português sobre os peixes de cada aquário. Depois informa o nome dos alunos para que lhes sejam concedidas entradas gratuitas para visita no dia combinado.
Atividade em sala	O professor distribui os textos aleatoriamente para que cada aluno o traduza para o espanhol. Os textos são corrigidos pelo professor e posteriormente ensaiadas as falas na sala.

Fundação Municipal de Formação para o Trabalho – FUNDAT. Prefeitura Municipal de Aracaju (Conclusão)	
Atividade fora da sala	Assim que adentram ao Oceanário, os alunos têm tempo livre para caminhar e encontrar o aquário onde está o peixe que eles traduziram. Após identificar a espécie que traduziu, o aluno fornece todas as informações oralmente aos colegas. A mini excursão continua até que todos tenham encontrado e apresentado as espécies marinhas em língua espanhola.
Destrezas	Compreensão de leitura. Expressão oral.

Fonte: Plano de aula próprio (2006)

Figura 2- Alunos do FUNDAT em aula no Oceanário de Aracaju(SE)



Fonte: Autoria própria (2006)

Nos dois relatos, não há deslocamento a pé entre a instituição fomentadora das aulas e o espaço onde as atividades ocorreram. Entretanto, inerente ao próximo tópico, é exibido o último exemplo de relato vivenciado pelo pesquisador, cuja atividade inclui o tempo e distância percorrida, seguido de amostras de praças próximas a escolas visitadas, a saber.

2.2 Espaços não formais de ensino visitados

Para o delineamento deste estudo e demonstração da viabilidade de espaços não formais de ensino, com enfoque em praça pública, foi necessário estabelecer o critério de proximidade entre esses logradouros e escolas. Para tanto, foram selecionadas duas áreas na cidade de Aracaju: A área central e a zona sul. Na área central, foram selecionadas três praças: praça Camerino, localizada próxima ao Colégio Estadual Tobias Barreto, praça Graccho Cardoso, próxima ao Centro de Excelência Atheneu Sergipense, e praça Olímpio Campos, próxima ao Colégio Estadual Jackson de Figueiredo. Na área que corresponde à zona sul, foram selecionadas sete praças e uma biblioteca: A biblioteca Epiphany Doria, próxima à escola de idiomas Yázigi (Unidade Aracaju-13 de Julho), praça da Imprensa, localizada próxima à Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) Professora Áurea Melo/Zamor⁵, Praça Pedro Diniz Gonçalves, abrangendo em sua área a Escola Estadual Prof. Artur Fortes e Escola Municipal de Ensino Infantil (EMEI) Francisco Guimarães Rollemberg, Praça Monteiro Lobato, abrangendo em sua área Colégio Monteiro Lobato, a praça Dr.^a Maria Joselita Almeida Barbosa, próxima ao colégio Arqui, a praça Major Edeltrudes Teles, próxima ao Colégio Estadual Francisco Portugal, a praça Acrísio Garcez, próxima ao Centro de Excelência Professora Ofenísia Soares Freire e a PJOD, objeto de nosso estudo, próxima ao colégio Lavoisier e CEMPP.

2.3 Coleta de dados e ferramentas de pesquisa

Para identificar e diferenciar visualmente as praças das escolas, desde a visualização vertical das imagens extraídas do Google Mapas, utilizamos o *software Paint* para edição de imagens e criação de desenhos simples. Com essa ferramenta, foi possível desenhar um círculo de linha azulada circulando a imagem da escola em cada mapa. Na mesma imagem, as escolas são cercadas por linhas verdes, dando formas majoritariamente quadradas ou retangulares. Após a ilustração das fotos de satélite, são apresentadas fotos horizontais dos locais mencionados. Somente a elaboração do mapa de nosso objeto de estudo, figura 40, recebeu tratamento mais detalhado. Inicialmente, foi realizada a aquisição da base de dados espaciais, incluindo a malha municipal e os *shapefiles* dos estados e municípios, disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em seguida, esses arquivos foram organizados no software QGIS, compondo a base vetorial necessária. Posteriormente, foi inserida uma imagem de

⁵ Importa mencionar que o funcionamento dessa escola no bairro 13 de julho é provisório. A sua sede definitiva, localizada no conjunto Orlando Dantas, município de Aracaju, está sendo reformada e ampliada.

satélite proveniente do *Google Satellite*, o que permitiu uma visualização mais detalhada da área urbana. Com os dados devidamente organizados e visualizados, procedeu-se à delimitação da área de estudo, que corresponde à PJOD, localizada em Aracaju-SE, recortando-se espacialmente o setor de interesse para fins de análise e representação cartográfica.

As visitas, matutinas, vespertinas e ocasionalmente noturnas, tinham a finalidade de registro de imagens das praças. As imagens das escolas foram feitas com autorização de algum dirigente da escola e em período diurno. As conversas, quando gravadas, eram autorizadas e posteriormente transcritas para o resumo do relato.

O registro da distância e do tempo estimado de deslocamento a pé entre as escolas e as praças foi mensurada por meio do *Strava*, aplicativo de monitoria, análise e compartilhamento de atividades físicas que funciona com GPS (*Global Positioning System*) (Sistema de Posicionamento Global) disponível para Android e iOS. Além disso, foi possível registrar o relato de coordenadores, professores, ex-professores ou funcionários de equipe diretiva de cada instituição de ensino mencionada acerca da relação de uso para com a praça de sua cercania. O contato pessoal ocorreu nos turnos matutinos e vespertinos. Ocasionalmente, os relatos foram coletados virtualmente via *GoogleForms*.

2.3.1 Praça Camerino e Colégio Estadual Tobias Barreto

A praça Camerino, localizada no Centro de Aracaju, próxima ao Colégio Estadual Tobias Barreto, apresenta forma quadrangular e ocupa um quarteirão com estacionamento veicular em três de seus lados. No lado sul da praça, onde fica a Avenida Barão de Maruim, há uma parada de ônibus com movimentação intensa de veículos e pedestres, principalmente em horários comerciais. Em sua área há pequenos comércios de lanchonete e banca de revista. Há também estabelecimentos comerciais em forma de *trailers* estacionados permanentemente, oferecendo serviço de chaveiro e pastelaria. As edificações térreas e verticais que circundam a Praça Camerino são comerciais, de serviços e residenciais.

O piso é composto por pedras portuguesas brancas e pretas, formando linhas direcionadas ao seu centro da praça, onde há uma estátua em homenagem ao centenário de renomado crítico literário sergipano e ex-deputado sergipano, Silvio Romero. Em alguns trechos, a pavimentação é interrompida por pedras soltas ou ausentes no chão, tornando-os irregulares.

Os canteiros ajardinados, não suspensos, são cobertos por gramíneas, plantas ornamentais e constam árvores de tamanho médio e grande porte, oferecendo sombreamento

pontual. Os bancos são distribuídos em toda área e a iluminação com luzes de *Led* proporciona boa iluminação noturna.

A praça é desprovida de *playground* para recreação infantil e aparelhamentos de academia ao ar livre. Entretanto, em seu ângulo sudeste, há um anfiteatro com três degraus de arquibancada em forma semicircular e sem palco elevado ao centro. Na direção oposta e diagonal deste anfiteatro, em seu ângulo nordeste, há um palco elevado de cimento e concreto sem arquibancadas, mas com rampa de acessibilidade para cadeirantes.

Por fim, a praça apresenta alguns pontos estruturados para área de leitura, com caixas de metal suspensas para acesso a livros anexadas em dois biombos cruzados. Atualmente, estas caixas estão vandalizadas e usadas irregularmente para rechaço de resíduos sólidos.

Quadro 3 – Deslocamento (1) Colégio e praça visitados

Praça Camerino - Colégio Estadual Tobias Barreto	
Distância	0,10 km ou 100 m $\cong$
Tempo de deslocamento a pé	01:03

Fonte: <https://www.strava.com/activities/14101231655>

Figura 3 – Distância visual: Praça Camerino – Colégio Estadual Tobias Barreto



Fonte: Google Maps (2025)

Figura 4 – Anfiteatro na área da praça Camerino



Fonte: Autoria própria (2025)

Figura 5 – Espaço para leitura na área da praça Camerino



Fonte: Autoria própria (2025)

As atividades escolares do Colégio Tobias Barreto não incluem a Praça Camerino como espaço não formal de ensino conforme relato da diretora Silvia Maria Souza, em abril de 2025.

2.3.2 Praça Graccho Cardoso e Centro de Excelência Atheneu Sergipense

A praça Graccho Cardoso, localizada no Centro de Aracaju, tem como logradouro vizinho o Centro de Excelência Atheneu Sergipense, limitado pela rua Riachuelo.

Trata-se de uma praça de formato retangular, com leve impressão de paralelogramo se observada pelo *Google maps*, como um grande canteiro entre dois quarteirões, apresentando estacionamento veicular em seus dois lados maiores. Sua pavimentação cimentada é ladeada por canteiros ajardinados suspensos, quase todos cobertos por grama, plantas ornamentais e árvores frondosas, oferecendo sombreamento em quase toda a praça.

A praça é desprovida de *playground* para recreação infantil e aparelhamentos de academia ao ar livre. Os bancos são distribuídos em toda a área e a iluminação está em postes com altura próxima à copa das árvores.

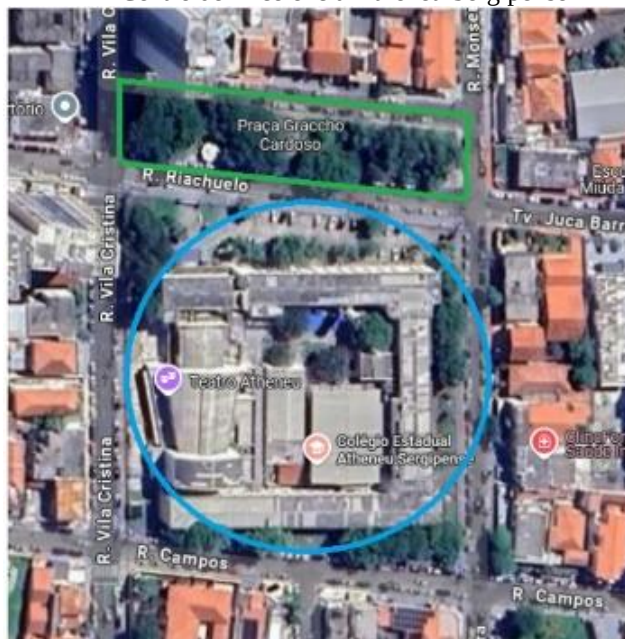
Os pequenos comércios que constam na área da praça se resumem a uma lanchonete e uma estrutura que outrora funcionou com banca de revista, mas que atualmente presta serviços de fotocópias e auxílio de escrita de contratos devido à proximidade com um cartório. As edificações térreas e verticais adjacentes à Praça Graccho Cardoso são compostas por prédios residenciais, comerciais e de serviços, como clínicas e escritório de serviço ambiental.

Quadro 4 – Deslocamento (2) Colégio e praça visitados

Praça Graccho Cardoso - Centro de Excelência Atheneu Sergipense	
Distância	(12 metros) Travessia da Rua Riachuelo
Tempo de deslocamento a pé	15 segundos $\cong$

Fonte: Pesquisa de campo

Figura 6 – Distância visual: Praça Graccho Cardoso - Centro de Excelência Atheneu Sergipense



Fonte: Google Maps (2025)

Figura 7 – Praça Graccho Cardoso



Fonte: Autoria própria (2025)

As atividades escolares do Centro de Excelência Atheneu Sergipense não incluem a Praça Graccho Cardoso como espaço não formal de ensino, segundo relato da coordenadora pedagógica Edna Reis.

2.3.3 Praça Olímpio Campos e Jackson de Figueiredo

Diante do portão principal de entrada e saída do Colégio Estadual Jackson de Figueiredo, localizado no Centro de Aracaju e separado somente pela rua Itaporanga, encontra-se um dos maiores logradouros da capital sergipana. Trata-se da Praça Olímpio Campos, cuja

fundação está diretamente associada à construção da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, atualmente denominada Catedral Metropolitana de Aracaju.

Esta praça apresenta forma quadrangular e ocupa o equivalente a dois quarteirões para os padrões da cidade de Aracaju. Nas ruas que circundam a praça, há pontos de parada de táxi. Seu calçamento interno é pavimentado em paralelepípedo com diversos tamanhos e com trechos com espaço suficiente para transitar veículos de passeio. A circulação de veículos em seu interior se dá, geralmente, quando há missas na Catedral Metropolitana, sobretudo em período noturno. Os canteiros ajardinados, levemente suspensos, são cobertos por gramado, plantas ornamentais e árvores frondosas de médio e grande porte, oferecendo sombreamento em quase toda praça.

Desprovida de *playground* para recreação infantil e aparelhamentos de academia ao ar livre, a praça Olímpio Campos possui bancos bem distribuídos, mas a iluminação parece não surtir efeito em alguns pontos à noite. As edificações térreas e verticais adjacentes à Praça Olímpio Campos são compostas majoritariamente por prédios públicos, comerciais e de serviços. Inerentes à sua área, são notórios elementos arquitetônicos, esculturais e paisagísticos, a exemplo do espelho d'água. Ainda em sua área, em termos de comércio, destacam-se os restaurantes tradicionais “Ponto do Coelho” e “Cacique Chá Bistrô”. Há também quiosques de lanches e barracas de artesanato itinerantes. Por fim, acrescenta-se a Galeria de Artes Álvaro Santos.

Quadro 5 – Deslocamento (3) Colégio e praça visitados

Praça Olímpio Campos - Colégio Estadual Jackson de Figueiredo	
Distância	(12 metros) Travessia da Rua Itaporanga
Tempo de deslocamento a pé	15 segundos $\cong$

Fonte: Pesquisa de campo

Figura 8 – Distância visual: Praça Olímpio Campos –
Colégio Estadual Jackson de Figueiredo



Fonte: Google Maps (2025)

Figura 9– Praça Olímpio Campos



Fonte: Autoria própria (2025)

O relato da professora de Arte do Colégio Jackson de Figueiredo, Elaine Regina, acerca de uma mostra fotográfica, realizada em dezembro de 2017 na Praça Olímpio Campos com seus

alunos do Ensino Fundamental e Médio, intitulada “Como você expressa sua identidade negra?” figura como uma das atividades possíveis de uso da praça como espaço não formal de ensino, conforme descrição e imagens.

Quadro 6 – Aula na praça Olímpio Campos

Colégio Estadual Jackson de Figueiredo	
Nível	Ensino fundamental II e Ensino Médio
Atividade pedagógica do Colégio Estadual Jackson de Figueiredo desenvolvida na Praça Olímpio Campos.	Mostra fotográfica “Como você expressa sua identidade negra?” No mês em que se celebra a Consciência Negra brasileira, os alunos e alunas do Colégio Estadual Jackson de Figueiredo foram desafiados a tirar fotografias a partir da seguinte pergunta: Como você expressa sua identidade negra? As fotografias que surgem a partir desse mote vêm revelar retratos de uma juventude que cresce discutindo tais questões no espaço da educação formal escolar, descobrindo, questionando, ampliando os limites dessa identidade negra. Para essa proposta, foram incentivados dois gêneros de fotografia: a fotografia de retrato e a fotografia de paisagem. Na fotografia de retrato, a pessoa retratada expõe traços, luzes, sombras, cores de sua personalidade. Nessas fotografias, buscamos destacar o cotidiano corriqueiro, tornando-o especial sob os olhares desses alunos. Afinal, essa é a especialidade da verdadeira arte fotográfica: tornar especial o que é comum, ressaltando dessa forma nossa própria identidade.

Fonte: Fonte: Relato da professora de Arte Elaine Regina Bomfim (2017)

Figura 10 – Praça Olímpio Campos (Atividade dos alunos na praça)



Fonte: Elaine Regina Bomfim (2017)

Todas as imagens e o resumo do plano de aula que inclui a praça Olímpio Campos como uso não formal de ensino, são de autoria da professora Elaine Regina, foram autorizados para constar nessa pesquisa.

2.3.4 Biblioteca Epiphany Dória e Yázigi Aracaju (unidade 13 de Julho)

Ainda que não se trate de uma praça, objeto de nosso estudo, o pátio, a escadaria e o foyer⁶ da biblioteca pública Epiphany Dória, localizada na Zona Sul de Aracaju, foram utilizados algumas vezes pelo professor/pesquisador como espaço não formal de ensino em

⁶ Espaço de entrada alternativo que conecta os pavimentos que pode ser de um teatro, hotel, biblioteca entre outros tipos de prédios. Em se tratando de uma biblioteca, é possível realizar eventos como lançamentos de livros e exposições artísticas.

aulas de língua espanhola ministradas aos seus alunos matriculados no instituto de idiomas Yázigi (unidade 13 de julho) no ano de 2018. Embora o prédio da referida escola ofereça conforto, aparatos e recursos tecnológicos em seu espaço formal de ensino, era comum que algumas práticas *outsider of the classroom*, ou seja, aulas fora da sala de aula, fossem regidas pelos professores de inglês e espanhol para criar situações comunicativas. Algumas dessas aulas eram realizadas em locais que necessitavam de deslocamento via transporte automotivo, a exemplo do Aeroporto ou no Oceanário da cidade de Aracaju.

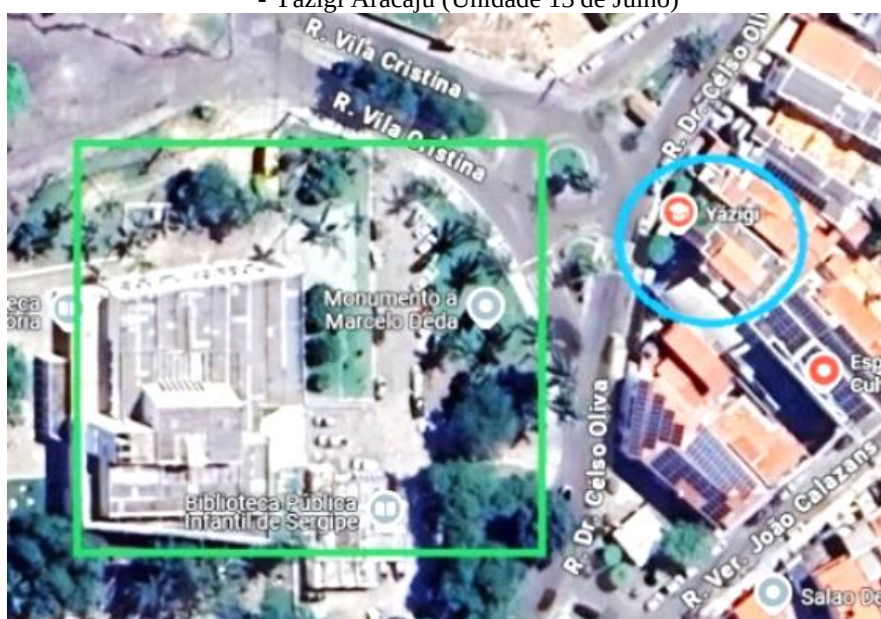
Nestes casos, as atividades costumavam ser realizadas com turmas de níveis de competência comunicativa linguística intermediária e avançadas.

Quadro 7 – Deslocamento (4) Escola de idioma e biblioteca visitadas

Biblioteca Epiphany Dória - Yázigi Aracaju (Unidade 13 de Julho)	
Distância	0,13 km ou 130 metros
Tempo de deslocamento a pé	01:25

Fonte: <https://www.strava.com/activities/14116713662>

Figura 11 – Distância visual: Biblioteca Epiphany Dória - Yázigi Aracaju (Unidade 13 de Julho)



Fonte: Google Maps (2025)

Figura 12 –: Área externa e foyer da Biblioteca Epiphânio Dória



Fonte: Autoria própria (2025)

Quadro 8 – Aula na área externa da Biblioteca Epiphanio Dória

Yázigi Aracaju (Unidade 13 de julho)	
Nível	A1, A2, B1, B2, C1 e C2
Público	Jovens e adultos
Atividade(s) pedagógicas do Yázigi Aracaju (Unidade 13 de julho) realizadas na Biblioteca Epiphanio Dória	- <i>Información al turista</i>. (Nível B1 ou níveis superiores) A atividade consiste na simulação de conversação, geralmente em dupla, em que um aluno simulava ser um turista hispano-falante, ou seja, procedente de um país cuja língua materna é o espanhol, solicitando orientação a outro aluno para ir da biblioteca a outro lugar próximo a pé. Os lugares sugeridos para o diálogo poderiam ser o estádio de futebol Lourival Baptista, o ginásio de esporte Constâncio Vieira, o restaurante Galeto Prensado, a pinacoteca do Espaço Cultural Yázigi ou o Mirante do Bairro 13 de julho.

Fonte: Plano de aula próprio (2018)

Quadro 9 – Aula no foyer da Biblioteca Epiphany Dória

Yázigi Aracaju (unidade 13 de julho)	
Nível	A2, B1, B2, C1 e C2
Público	Jovens e adultos
Atividade(s) pedagógicas do Yázigi Aracaju (Unidade 13 de julho) realizadas na Biblioteca Epiphany Dória	<i>Lo que siento cuando veo esta obra.</i> As exposições de esculturas e quadros exibidos no foyer da biblioteca eram visitadas pelos alunos com o propósito de colocar em prática o seu vocabulário sobre sentimentos e sensações.

Fonte: Plano de aula próprio (2018)

As atividades desenvolvidas aconteciam em horário comercial e ocasionalmente nas manhãs e tardes de sábado. Era comum que os professores se inteirassem da programação cultural da biblioteca para planejar suas aulas e alinhá-las com o tema de exposições expostas no foyer da biblioteca.

Ainda que a referida biblioteca esteja atualmente cercada por um gradeado e o acesso à área do prédio, incluindo o seu estacionamento, esteja limitado ao seu horário de funcionamento, ainda é permitido o seu uso como espaço não formal de ensino.

Como dito, o histórico de vivência do professor na instituição, cuja abordagem comunicativa inspirada no pensamento socioconstrutivista de Vygotsky, interveio diretamente na inspiração, para práticas a serem aplicadas em colégios próximos a praças públicas.

2.3.5 Praça da Imprensa e Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) Professora Áurea Melo/Zamor

A Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) Professora Áurea Melo/Zamor localiza-se no conjunto Orlando Dantas, Zona Sul de Aracaju. Nos últimos 2 anos, por motivo de “reforma e ampliação”, realizado pela Secretaria Municipal de Educação, que implicou na demolição do seu prédio próprio existente no bairro no qual residem as crianças – bairro São Conrado, exerce suas funções provisoriamente no bairro 13 de julho. A localização deste endereço é momentânea e tem proximidade com a Praça da Imprensa, localizada no bairro 13 de julho, igualmente na zona sul da capital sergipana.

Esta praça, conforme visualização vertical do Google Mapas, aparenta forma de esquadro. Numa vista presencial e horizontal, apresenta vias de circulação acimentadas e

Figura 14 – Praça da Imprensa



Fonte: Sandra Beiju

Quadro 11 – Aula (1) na Praça da Imprensa

Escola Municipal de Ensino Infantil (EMEI) Professora Áurea Melo/Zamor	
Nível	Pré-escola
Atividade pedagógica da Escola Municipal de Ensino Infantil (EMEI) Professora Áurea Melo/Zamor na Praça da Imprensa.	- Roda de conversa com o tema “Os problemas da praça”. A perspectiva e sentido de Educação ambiental Crítica foram vivenciados na observação feita pelos próprios alunos na praça. Dois exemplos que ganharam destaque foram sobre a sujeira deixada por cachorros (cocô) e os brinquedos da praça danificados (balanços e gangorras). Após a roda de conversa, foi buscada uma solução coletiva para os problemas. Nesse sentido duas ações foram encaminhadas e desenvolvidas: uma carta ao Prefeito de Aracaju solicitando o conserto dos brinquedos e a instalação de novos brinquedos; uma campanha denominada “Praça limpa: uma praça para as crianças” que consistiu em: arrecadação de sacos plásticos usados para serem colocados em dispensadores, disponibilizados no espaço da praça, com mensagens educativas, solicitando que as pessoas recolhessem as fezes dos seus <i>pet,s</i>. Os resultados foram positivos: o órgão público municipal enviou trabalhadores para fazerem o conserto dos brinquedos,

Escola Municipal de Ensino Infantil (EMEI) Professora Áurea Melo/Zamor	
(Conclusão)	
Nível	um novo brinquedo foi instalado (um escorregador ou escorrega), e houve uma redução considerável da incidência de fezes no espaço da praça.

Fonte: Plano de aula de autoria da professora Sandra Beiju. 2025.

Quadro 12 – Aula (2) na Praça da Imprensa

Escola Municipal de Ensino Infantil (EMEI) Professora Áurea Melo/Zamor	
Nível	Pré-escola
Atividade pedagógica da Escola Municipal de Ensino Infantil (EMEI) Professora Áurea Melo/Zamor na Praça da Imprensa.	- Vivências na natureza Consiste em atividades recreativas rotineiras com sentido, cuja professora proporcionou momentos de “descoberta” ao fornecer lupas para observação de flores, “Guarujá”, borboletas, formigas e formigueiros, de Educação Ambiental.

Fonte: Plano de aula da professora Sandra Beiju. 2025.

Figura 15 – Roda de conversa na Praça



Fonte: Sandra Beiju

Figura 16 – Repondo os saquinhos no dispensador da Praça da Imprensa



Fonte: Sandra Beiju

O relato da professora Sandra Beiju destaca perspectiva de trabalho na praça no sentido de as crianças se sentirem pertencentes àquele lugar. Segundo a professora, não é somente a questão de utilidade de espaço público, mas sim desenvolver o sentido de pertencimento da praça com olhar crítico e compreendendo, dentro de sua interpretação pueril, a importância de uso de espaço público coletivo, preservado e limpo.

Essas ações pedagógicas ao ar livre, ainda segundo o relato da docente, comprovaram que a praça é um espaço público muito importante em um centro urbano. É necessário que as pessoas, cada vez mais, se apropriem do espaço coletivo e de exercício de cidadania, como fizeram as crianças da Escola Pública de Educação Infantil, juntamente com a professora. As crianças passaram a perceber a praça como um lugar que também é delas, enquanto cidadãos de Aracaju. A praça representou a possibilidade de construção de vivências e criação de vínculos com a natureza e suas diversas formas de vida.

2.3.6 Praça Pedro Diniz Gonçalves, Escola Estadual Prof. Artur Fortes e Escola Municipal de Ensino Infantil (EMEI) Francisco Guimarães Rollemberg

Inerente à área da praça Pedro Diniz Gonçalves, há um conglomerado de prédios públicos. Tratam-se da Escola Estadual Prof. Artur Fortes, Escola Municipal de Ensino Infantil (EMEI) Francisco Guimarães Rollemberg, localizadas no bairro Inácio Barbosa, Zona Sul de

Aracaju, e que tem como prédios adjacentes o Centro de Referência de Assistência Social CRAS-Jardim Esperança e a Paróquia São Francisco de Assis.

Apresentando forma quadrangular, a Praça Pedro Diniz Gonçalves é pavimentada quase toda em cimento. Os canteiros são ajardinados e cobertos por gramíneas bem aparadas, sendo uma exceção a área de parque infantil, cujo mato sobrepõe-se à grama em alguns trechos. Quase não há plantas ornamentais e há poucas árvores frondosas de médio e grande porte, oferecendo sombreamento esparso em quase toda praça.

Apesar de haver *playground* para recreação infantil e aparelhos fixos de academia ao ar livre, estes equipamentos encontram-se deteriorados ou vandalizados. Há também uma quadra de futebol de salão com piso de concreto e cercada com alambrado.

As edificações térreas adjacentes à praça são mescladas entre casas comerciais e residenciais. Em sua área, há pequenos comércios como uma lanchonete e um trailer oferecendo serviço de chaveiro.

Quadro 13 – Deslocamento (6) Escola e praça visitadas

Praça Pedro Diniz Gonçalves - Escola Estadual Professor Artur Fortes	
Distância	Inerentes à praça
Tempo de deslocamento a pé	Acesso imediato à praça

Fonte: Pesquisa de campo

Figura 17 – Visual da Praça Pedro Diniz Gonçalves e Escolas em sua área: Escola Estadual Professor Artur Fortes e Escola Municipal de Ensino Infantil (EMEI) Francisco Guimarães Rollemberg



Fonte: Google Maps (2025)

Figura 18 - Praça Pedro Diniz Gonçalves



Fonte: Autoria própria (2025)

O relato e as imagens referentes a atividades em espaço não formal de ensino da Escola Arthur Fortes foram concedidos a essa pesquisa pela equipe diretiva da escola e pela coordenadora Maria José.

Quadro 14 – Atividade pedagógica (1) na Praça Pedro Diniz Gonçalves

Escola Estadual Professor Artur Fortes	
Nível	Ensino Fundamental I do 1º ao 5º ano
Atividade(s) pedagógicas da Escola Estadual Professor Artur Fortes realizadas na Praça Dr. ^a Maria Joselita Almeida Barbosa.	- Jornada interdisciplinar de Ciências e Arte! 2º ano. “Exploramos os ambientes naturais num passeio pelo nosso jardim, onde a natureza foi a maior inspiração. Observamos cores, cheiros, texturas e formas, aprendendo como cada elemento se conecta para formar um ecossistema vivo. Cada descoberta foi transformada em arte, expressando o encanto e a magia da natureza através das nossas criações! Um aprendizado que é conhecimento, criatividade e respeito.”

Fonte: Relato da coordenação pedagógica 2025.1 e <https://www.instagram.com/escolaestadualprofe/> (acessado em abril de 2025)

Quadro 15 – Atividade pedagógica (2) na Praça Pedro Diniz Gonçalves

Escola Estadual Professor Artur Fortes	
Nível	Ensino Fundamental I do 1º ao 5º ano
Atividade(s) pedagógicas da Escola Estadual Professor Artur Fortes realizadas na Praça Dr. ^a Maria Joselita Almeida Barbosa.	- Projeto Meu Recreio. Consiste em atividades na quadra da praça com atividades educativas e recreativas como jogos com bola, brincadeiras de pular corda ou saltar corda, contação de história e sinalização de plaquinhas instrutivas de conservação da praça.

Fonte: Relato da coordenação pedagógica 2025.1 e <https://www.instagram.com/escolaestadualprofe/> (acessado em abril de 2025)

Figura 19 – Banner do projeto Meu Recreio



Fonte: Autoria própria (2025)

Outras atividades da escola podem ser acessadas em suas redes sociais e no site da Educação do Estado de Sergipe. As imagens a seguir ilustram a “Jornada interdisciplinar de Ciências e Arte”.

Figura 20 – Jornada interdisciplinar de Ciências e Arte: Escola Arthur Fortes



Fonte: Imagens da rede social da escola
<https://www.instagram.com/escolaestadualprofe/>
 acessado em abril de 2025

* * *

A Escola Municipal de Ensino Infantil (EMEI) Francisco Guimarães Rollemberg, igualmente localizada na área de abrangência da praça Pedro Diniz Gonçalves, também foi visitada. Dela, foram coletados dados relevantes para essa investigação, a saber:

Quadro 16 – Deslocamento (7) Escola e praça visitadas

Praça Pedro Diniz Gonçalves - Escola Municipal de Ensino Infantil (EMEI) Francisco Guimarães Rollemberg	
Distância	Inerentes à praça
Tempo de deslocamento a pé	Acesso imediato à praça

Fonte: Pesquisa de campo

O relato da diretora da Escola Municipal de Ensino Infantil (EMEI) Francisco Guimarães Rollemberg, Jurema Cristina Machado, destaca a cautela necessária para atividades dos alunos na praça. Segundo a dirigente, é preciso considerar os cuidados necessários para lidar com crianças de tenra idade em local de exposição ao sol em determinados horários do dia. Além disso, convém ter cuidado com questões de insalubridade da praça ocasionada por fezes de animais como cachorro e gato. A falta de manutenção no parque com equipamentos

enferrujados, deteriorados ou vandalizados e o perigo de assalto também são um risco.

Estas vicissitudes somadas à falta de espaço para recreação no prédio escolar, segundo a gestora, inviabilizam o desejo da equipe diretiva de trabalhar com questões ambientais como o cultivo de horta comunitária, plantio de árvores para que os próprios alunos as cuidassem, a realização de gincana e atividades competitivas ou recreativas com a participação dos pais. Dessa forma, a Educação Ambiental se estenderia à comunidade adjacente e contribuiria para a compreensão da importância de preservação da praça como um bem comunitário.

Quadro 17 – Atividade pedagógica (2) na Praça Pedro Diniz Gonçalves

Escola Municipal de Ensino Infantil (EMEI) Francisco Guimarães Rollemberg	
Nível	Pré-escola
Atividades pedagógica da Escola Municipal de Ensino Infantil (EMEI) Francisco Guimarães Rollemberg realizadas na Praça Dr. ^a Maria Joselita Almeida Barbosa.	- Carrinhos remotos Atividade lúdica realizada na quadra da praça Dr. ^a Maria Joselita Almeida Barbosa. Os brinquedos foram fomentados com recursos da prefeitura municipal de Aracaju. As atividades foram em comemoração à Semana da Criança.

Fonte: Fonte: Relato da diretora (2025)

Outra atividade em espaço não formal de ensino promovido pela escola, ocorre no Parque Ecológico Poxim. Localizado a 4,4 quilômetros⁷ da escola e voltado para a preservação ambiental, este parque foi construído de forma sustentável em área de manguezal. Nele, há academia ao ar livre e equipamentos de entretenimento como parque infantil, quiosques, tirolesa kids, e também de um píer com vista para o rio Poxim. A visita dos alunos ao parque se dá por meio de ônibus escolar que os trasladam desde a praça da escola até o parque para atividades recreativas em datas comemorativas como o Dia da Criança.

Figura 21 – Parque Ecológico Poxim



Fonte: Autoria própria (2025)

⁷ Distância consultada no Google Maps.

Figura 23 – Visual da Praça e Colégio Monteiro Lobato



Fonte: Autoria própria (2025)

Quadro 19 – Atividade recreativa (1) na praça Monteiro Lobato

Escola Estadual Monteiro Lobato	
Nível	Fundamental e Médio
Atividade pedagógica do Colégio Estadual Monteiro Lobato na praça Monteiro Lobato.	- Projeto “Atividades lúdicas em comemoração ao Dia da Criança do Colégio Monteiro Lobato” A proposta do projeto é resgatar os jogos populares, mergulhando na magia dos brinquedos e brincadeiras de antigamente nas seguintes modalidades: • Cabo de guerra; • Pula corda; • Queimado masculino e feminino; • Boliche com material reciclável; • Futsal masculino e feminino; • Vôlei sentado, etc.

Fonte: Relato da diretora Angelice Barreto Frota 2025.1

Quadro 20 – Atividade pedagógica (2) na Praça Pedro Diniz Gonçalves

Escola Estadual Monteiro Lobato	
Nível	Fundamental e Médio
Atividade pedagógica do Colégio Estadual Monteiro Lobato na praça Monteiro Lobato.	Jogos interclasses dos alunos do Colégio Monteiro Lobato. Atividades esportivas disputadas em distintas modalidades entre os alunos do Colégio Estadual Monteiro Lobato.

Fonte: Relato da diretora Angelice Barreto Frota. 2025.1

Figura 24 – Jogos Interclasses no campo da praça Monteiro Lobato



Fonte: Angelice Barreto Frota (Diretora do Colégio Monteiro Lobato. (2025)

Figura 25 – Atividades lúdicas com as alunas do Colégio Monteiro Lobato na praça



Fonte: Angelice Barreto Frota (Diretora do Colégio Monteiro Lobato. (2025)

Figura 26 – Atividades dos Jogos Interclasses na quadra da praça Monteiro Lobato



Fonte: Angelice Barreto Frota (Diretora do Colégio Monteiro Lobato. (2025)

O relato sobre o projeto “Atividades lúdicas em comemoração ao Dia da Criança do Colégio Monteiro Lobato” mencionado pela diretora Angelice Barreto Frota, destacou a importância do uso de espaços públicos como as atividades recreativas e competitivas na Praça Monteiro Lobato e também excursões ao Parque da Sementeira para interação, aprendizagem e entretenimento dos alunos como parte do processo de formação.

2.3.8 Praça Dr.^a Maria Joselita Almeida Barbosa e Colégio Arqui

Próximo ao Colégio Arqui, instituição privada de ensino infantil, fundamental e médio, está a praça Dr.^a Maria Joselita Almeida Barbosa, localizada no bairro Farolândia, Zona Sul de Aracaju. A distância observada entre um dos portões de entrada e saída da escola e a praça é de aproximadamente 80 metros. O deslocamento a pé tarda em torno de 50 segundos.

Inaugurada em 2024, a praça Dr.^a Maria Joselita Almeida Barbosa ocupa as dimensões forma de trapézio. Sua pavimentação cimentada é ladeada por canteiros ajardinados não suspensos cobertos por gramados bem aparados, plantas ornamentais e árvores de tamanho médio e grande porte, oferecendo sombreamento pontual como fruteiras, a exemplo de um pé de manjêlão⁸ (*Syzygium cumini* Lamarck).

No meio de alguns dos canteiros, há pequenas sendas curvadas cobertas de pequenas britas para “tomar um atalho” como alternativa de rota de circulação. Em duas de suas laterais

⁸ O jamelão é conhecido por uma grande variedade de nomes: jambolão, azeitona-do-nordeste, murta, entre outros. <https://ojs3.uefs.br/index.php/semic/article/view/2454> acessado em 21 /04 / 2025

há espaços para estacionamento veicular e nenhum comércio em sua área. Sua vizinhança é de comércio, serviços e residências térreas e verticais.

Os equipamentos de recreação infantil e aparelhamentos de academia ao ar livre estão em funcionamento. Os bancos distribuídos em toda a área e a iluminação com luzes de *Led* proporcionam boa iluminação noturna. Por fim, há um anfiteatro com três degraus de arquibancada semicircular diante de um palco circular ligeiramente elevado de cimento ao centro e com rampa de acessibilidade para cadeirantes. Ao fundo do anfiteatro há um espaço vazado em forma de cruz.

Quadro 21 – Deslocamento (9) Escola e praça visitadas

Praça Dr. ^a Maria Joselita Barbosa - Colégio Arqui	
Distância	0,08 km / 80 m≅
Tempo de deslocamento a pé	50 segundos ≅

Fonte: <https://www.strava.com/activities/14184557898>

Figura 27 – Distância visual: Colégio Arqui e Praça Dr.^a Maria Joselita Almeida



Fonte: Google Maps (2025)

Figura 28 - Praça Dr.^a Maria Joselita Barbosa



Fonte: Autoria própria (2025)

Quadro 22 – Atividade pedagógica (1) na Praça Pedro Diniz Gonçalves

Colégio Arqui	
Nível	Fundamental I
Atividade(s) pedagógicas do Colégio Arqui realizadas na praça Dr. ^a Maria Joselita Almeida Barbosa	- Brincando na praça. Contação de histórias e atividades lúdicas associadas à Semana da Criança. A escolha da praça para a realização dessas atividades tece o propósito de despertar nos alunos o sentimento de pertencimento do lugar.

Fonte: Relato da coordenação pedagógica 2025.1 e redes sociais da escola

Quadro 23 – Atividade pedagógica (2) na Praça Pedro Diniz Gonçalves

Colégio Arqui	
Nível	Fundamental I e II
Atividade(s) pedagógicas do Colégio Arqui realizadas na Praça Dr. ^a Maria Joselita Almeida Barbosa	- Minicorrída. Ainda que a escola ofereça recursos e estrutura para atividade física coletiva, ocasionalmente a praça Dr. ^a Maria Joselita Almeida Barbosa é utilizada para atividades de estímulo à psicomotricidade.

Fonte: Relato da coordenação pedagógica 2025.1 e redes sociais da escola

As informações sobre atividades do Colégio Arqui na Praça Dr.^a Maria Joselita Almeida Barbosa foram coletadas mediante relatos da coordenadora do Ensino Infantil Mara Lícia de Oliveira e também do site da escola.

2.3.9 Praça Major Edeltrudes Teles e Colégio Estadual Francisco Portugal

Próxima ao Colégio Estadual Francisco Portugal, a Praça Major Edeltrudes Teles, popularmente conhecida como Praça do Final de Linha em referência ao terminal de transporte público, está localizada no bairro Farolândia, Zona Sul de Aracaju. A distância entre o portão de entrada e saída do Colégio Estadual Francisco Portugal e a praça corresponde a uma travessia da rua da praça, entretanto, foi feito um registro da distância até o trecho que corresponde à área livre dos órgãos públicos inerentes à praça. Sua área abrange órgãos públicos como a Unidade de Saúde da Família Augusto Franco, a Biblioteca Pública Municipal Dr. Fernando Costa, e a Escola de Educação Infantil Irmãos Mirella e Marcell Moura.

Apresentando formato retangular, a Praça Major Edeltrudes Teles abrange uma área equivalente a dois quarteirões nos padrões do conjunto Augusto Franco. Seus bancos são bem distribuídos em sua área, sua pavimentação é acimentada e ladeada por canteiros ajardinados não suspensos e há pouco gramado e escasso sombreamento com árvores espaçadas de médio porte. Possui dois campos de futebol de areia, sendo um deles com arquibancada. Há também uma quadra de futsal com proteção lateral de alambrado.

Ainda que o conjunto Augusto Franco tenha sido construído no ano de 1982 para ser um conjunto residencial, nota-se uma mescla de casas residenciais avizinhas com comércio de produtos e serviços como oficina mecânica, lanchonetes, bares e quiosques.

Quadro 24 – Deslocamento (10) Escola e praça visitadas

Praça Major Edeltrudes Teles - Colégio Estadual Francisco Portugal	
Distância	0,16 km ou 160 metros
Tempo de deslocamento a pé	02:15

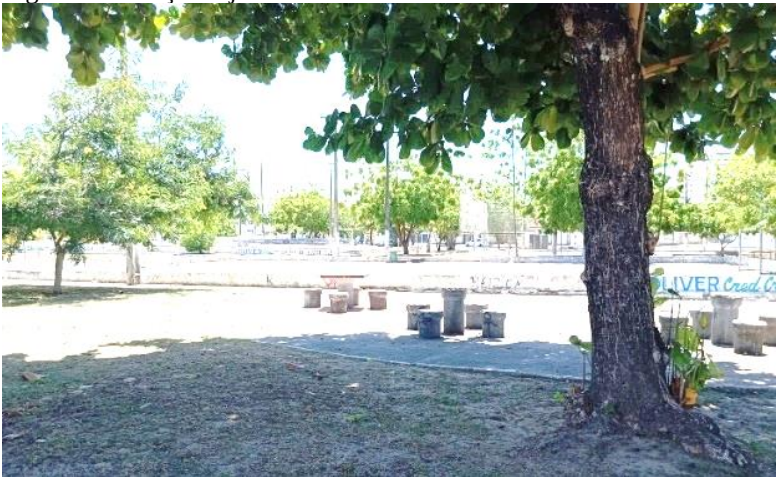
Fonte: <https://www.strava.com/activities/14098120972>

Figura 29 – Distância visual: Colégio Estadual Francisco Portugal e Praça Major Edeltrudes Teles



Fonte: Google Maps (2025)

Figura 30 - Praça Major Edeltrudes Teles



Fonte: Autoria própria (2025)

Quadro 25 – Atividade pedagógica no pátio da Biblioteca Pública Municipal Dr. Fernando Costa, localizado na área da praça Major Edeltrudes Teles.

Colégio Estadual Francisco Portugal	
Nível	Fundamental I e II
Atividade pedagógica do Colégio Estadual Francisco Portugal na Praça Major Edeltrudes Teles.	- Roda de leitura no gramado da praça com alunos do Fundamental I e II.

Fonte: Relato da diretora Marise Rabelo dos Anjos 2025.1

Figura 31 – Atividades pedagógicas no gramado e sombreado da biblioteca inerente à praça Major Edeltrudes Teles e no gramado do pátio da própria escola.



Fonte: Diretora Marise Rabelo dos Anjos (2025)

A diretora do Colégio Estadual Francisco Portugal, Marise Rabelo dos Anjos, destaca atividades de leitura desenvolvidas por algumas professoras do Ensino Fundamental I. Segundo a gestora, a atividade de estímulo à leitura era feita no gramado da praça, com alunos sentados em círculo e também no pátio da própria escola.

2.3.10 Praça Acrísio Garcez e Centro de Excelência Professora Ofenísia Soares Freire

Próxima ao Centro de Excelência Professora Ofenísia Soares Freire, a praça Acrísio Garcez está localizada no bairro Farolândia, Conjunto Augusto Franco, Zona Sul de Aracaju. Ainda que a distância entre a praça e o muro lateral esquerdo da escola seja limitada por uma rua, foi feita uma medição do deslocamento do portão de entrada e saída da escola até a praça, como veremos.

A praça Acrísio Garcez ocupa um espaço correspondente a mais de dois quarteirões no conjunto Augusto Franco, Zona Sul de Aracaju. A presença de um palco elevado diante de um largo acimentado ocupando a maioria da praça permite a convivência e socialização, sejam realizados shows e apresentações artísticas. Não é considerada uma Praça Seca por haver dois canteiros de formas quadradas divididas por uma passarela de cimento. Seus bancos são distribuídos em áreas afastadas da parte central, onde podem ocorrer eventos. Sua vegetação é presente somente nos dois canteiros mencionados e em alguns pequenos canteiros com árvores e gramíneas.

Sua área abrange comércios e as edificações ao seu redor são compostas por casas residenciais avizinhas com comércio de produtos e serviços, como lanchonetes, bares e quiosques.

Quadro 26 – Deslocamento (10) Escola e praça visitadas

Praça Acrísio Garcez - Centro de Excelência Professora Ofenísia Soares Freire	
Distância	0,05 km ou 50 metros
Tempo de deslocamento a pé	48 segundos ≅

Fonte: <https://www.strava.com/activities/14098001371>

Figura 32 – Distância visual: Centro de Excelência Professora Ofenísia Soares e Praça Acrísio Garcez



Fonte: Google Maps (2025)

Figura 33 –Praça Acrísio Garcez



Fonte: Autoria própria (2025)

Quadro 27 – Atividade realizada na praça Acrísio Garcez

Centro de Excelência Professora Ofenísia Soares Freire	
Nível	Fundamental e Médio
Atividade pedagógica do Centro de Excelência Professora Ofenísia Soares Freire na Praça Acrísio Garcez.	- Atividades recreativas e lúdicas associadas ao Dia do Estudante.

Fonte: Relato do professor José Gicelmo Melo de Albuquerque e da coordenadora Ângela dos Santos Souza. 2025.1

Os relatos do professor José Gicelmo Melo de Albuquerque e da coordenadora Ângela dos Santos Souza demonstram o estreitamento entre escola e praça por meio de ações educativas. Citam como exemplo a concentração na praça para passeatas com temas diversificados e atividades e recreativas com destaque para a mobilização dos professores e coordenação em fomentar e proporcionar atividades lúdicas para os seus alunos em datas comemorativas como o Dia da Criança e Dia do Estudante.

2.3.11 Praça Jornalista Orlando Dantas e Colégio Lavoisier

Localizada no bairro Farolândia, Conjunto Augusto Franco, Zona Sul de Aracaju e próxima aos Colégios Lavoisier, instituição de ensino particular, encontra-se a PJOD, objeto de nosso estudo de caso. Portanto, além das informações simplificadas nesse subitem, são apresentados, mais a frente, detalhamento e caracterização mais aprofundados nos próximos tópicos.

A percepção de seu formato geométrico retangular, desde a visualização vertical do Google Mapas, sugere uma área de abrangência equivalente a dois quarteirões do conjunto Augusto Franco. As vias de circulação acimentadas são largas e ligeiramente espaçadas por trechos propositalmente sem pavimentação. Seus canteiros ajardinados são suspensos, apresentando cobertura vegetal com predominância de gramíneas. A arborização é abundante em espécies frutíferas como cajueiros, mangueiras, coqueiros, aceroleiras entre outras. A copa das árvores é bem distribuída proporcionando sombreamento em quase toda a praça. Sua iluminação noturna perde eficiência por localizar-se pouco acima da copa das árvores, ocasionando em trechos escuros.

Existem bancos circundantes de mesas de concreto em alguns pontos e bancos em concreto (sem encosto) inseridos no canteiro. A circunvizinhança da praça é composta

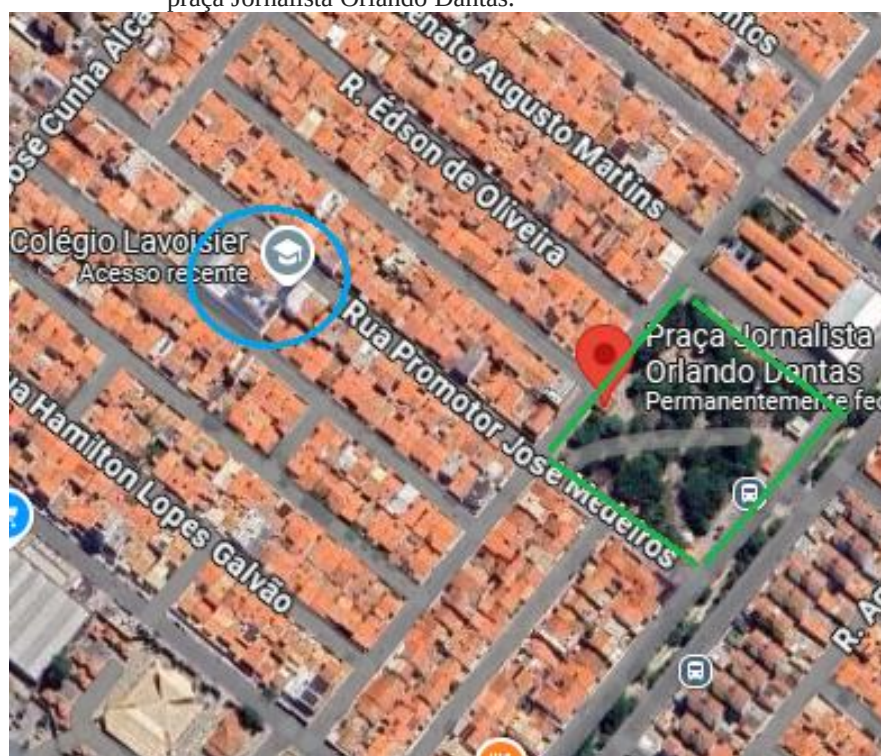
majoritariamente por casas residenciais e alguns comércios, como restaurantes e lanchonetes. Em sua área abrangente, há uma diversidade de comércios como pastelaria, sorveteria, lanchonete e quiosques. A praça é desprovida de parque infantil, academia ao ar livre, campo ou quadra esportiva, mas possui área de estar com mobiliário em concreto para jogos.

Quadro 28 – Deslocamento (10) Colégio e praça visitados

Praça Jornalista Orlando Dantas - Colégio Lavoisier	
Distância	0,10 km ou 100 metros
Tempo de deslocamento a pé	01:28

Fonte: <https://www.strava.com/activities/13996931674>

Figura 34 – Distância visual: Colégio Lavoisier e praça Jornalista Orlando Dantas.



Fonte: Google Maps (2025)

Figura 35- Área de estar com mobiliário em concreto para jogos na praça Jornalista Orlando Dantas.



Fonte: Autoria própria (2025)

Quadro 29 – Atividade (1) realizada na praça Jornalista Orlando Dantas

Colégio Lavoisier	
Nível	Infantil e fundamental
Atividades pedagógicas do Colégio Lavoisier na PJOD.	- Plantio de mudas (Dia da Árvore) Em comemoração ao Dia da Árvore, os alunos do ensino infantil foram até a praça para plantar de mudas de árvore, aguardar plantas e dar um abraço simbólico em uma das árvores.

Fonte: Relato da coordenadora pedagógica Tallyta Aragão 2025.1

Quadro 30– Atividade (2) realizada na praça Jornalista Orlando Dantas

Colégio Lavoisier	
Nível	Infantil e fundamental
Atividade recreativa e socializadora do Colégio Lavoisier realizada na PJOD.	- Bloco de Carnaval Em período de carnaval, os alunos vão à praça celebrar o carnaval em parceria com parte do bloco do Galo do Augusto Franco.

Fonte: Relato da coordenadora pedagógica Tallyta Aragão 2025.1

Quadro 31 – Atividade (3) realizada na praça Jornalista Orlando Dantas

Colégio Lavoisier	
Nível	Infantil e fundamental e Médio
Atividade recreativa e socializadora do Colégio Lavoisier realizada na PJOD.	- Caminhada dos pais. A praça foi usada como ponto de partida para a caminhada do Dia dos Pais. Antes da passeata puxada por um minitrio elétrico, os pais tiveram momento de recreação dançante com seus filhos, além de cuidados com a saúde como alongamento orientado, aferimento de pressão arterial e hidratação.

Fonte: Relato da coordenadora pedagógica Tallyta Aragão 2025.1

Figura 36 – Atividade recreativa e socializadora do Colégio Lavoisier em celebração ao Dia dos Pais na PJOD.



Fonte: Rede social da escola

Figura 37 – Atividade ambiental e de celebração ao Dia da Árvore na PJOD com alunos do Colégio Lavoisier.



Fonte: Rede social da escola

O relato da coordenadora Tallyta Aragão destaca que as ações realizadas na praça, além de cunho ambiental, têm o propósito de fortalecer o sentido de pertencimento. Quanto a isso, importa mencionar a sintonia do tema, encontrada nas palavras de Santos (2023) quando afirma que

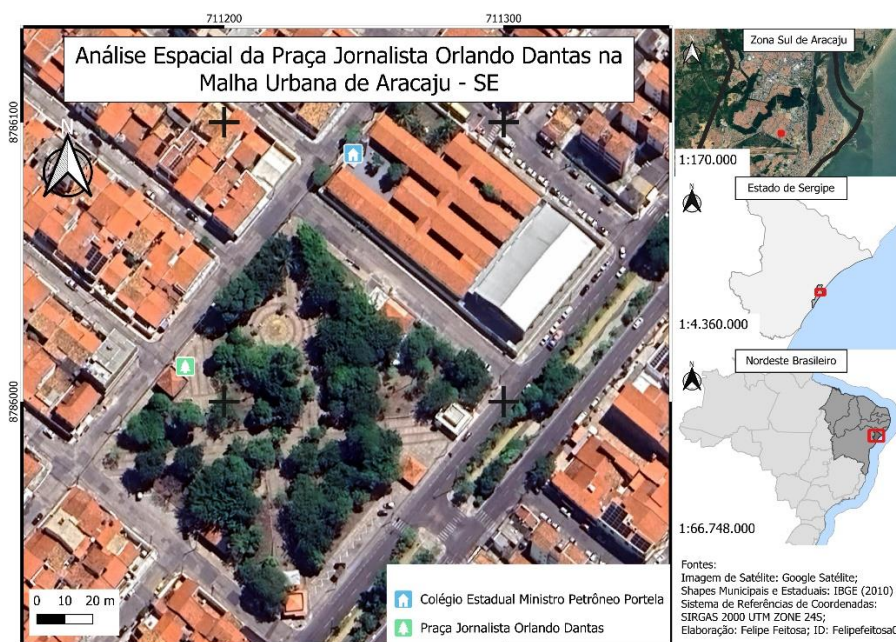
cabe à comunidade escolar repensar as metodologias de ensino e o conteúdo a ser trabalhado junto ao seu corpo discente, para proporcionar o estímulo à aprendizagem e a formação de cidadãos ativos, não apenas coadjuvantes nos processos socioambientais e econômicos que fazem parte do componente curricular e do exercício da cidadania. [...] A valorização do lugar na escola conduz a uma maior interação entre todos que fazem parte da determinada comunidade. (SANTOS,2023,p.29)

Ainda que a instituição de ensino ofereça recursos para aprendizado em seu espaço formal de ensino, a experiência de aprendizado em espaço não formal de ensino torna a praça uma “aliada” no processo de formação.

2.4 Localização da Praça Jornalista Orlando

Adjacente ao CEMPP, a PJOD, localizada no bairro Farolândia, conjunto habitacional Augusto Franco na zona Sul do município de Aracaju, capital do Estado de Sergipe, localizado na Região Nordeste do Brasil, entre as coordenadas geográficas de Latitudes $11^{\circ}09'50.65''$ e $10^{\circ}51'19.74''$ Sul e Longitudes $37^{\circ}10'35.73''$ $37^{\circ}01'45.83''$ oeste, limitando-se com os municípios de Nossa Senhora do Socorro ao norte e oeste, ao sul com São Cristóvão e a leste, com o Rio Sergipe e o Oceano Atlântico. Sua população residente é estimada de 602.757 habitantes em 2022, distribuída em uma área de 181, 857 Km² (IBGE, 2022).

Figura 38 – Análise espacial da PJOD



Fontes: Google satélite; Shapes Municipais e Estaduais: IBGE (2010) Sistema de Referências de coordenadas SIRGAS 2000 UTM ZONE 24S; Elaboração: Felipe Feitosa; ID Felipefeitosa0.

2.5 Um breve histórico do bairro onde se localiza a PJOD

O Bairro Farolândia surgiu a partir da implantação de um farol, em 1861, no governo do então presidente da província de Sergipe, Inácio Barbosa, logo após a transferência da capital de São Cristóvão para Aracaju, em 17 de março de 1855. Esse farol era a principal sinalização para guiar as embarcações que se aproximavam do litoral sergipano.

Anos mais tarde, totalmente destruído por um incêndio, foi substituído pelo atual e reativado em 1888. Um ano antes da Proclamação da República. Diferente do primeiro, que foi construído em madeira, este foi produzido em ferro. Com a presença do Farol e da Marinha do Brasil, o local começou a ser ocupado por pescadores e catadores de mariscos que tiravam seu sustento do manguezal.

Figura 39 – Imagem antiga do Farol da Farolândia



Fonte: <https://portal.unit.br>

Em 1982, com um plano de desenvolvimento e habitação, o então Governador Augusto Franco cria um conjunto habitacional e dá seu próprio nome: Conjunto Augusto Franco, com uma área total de 1400.000 m². Neste conjunto, foram construídas 4510 unidades habitacionais, sendo 3374 casas e 1136 apartamentos em blocos de 4 pavimentos com 2 apartamentos por andar. Para infraestrutura, foram construídos 3 km de canais, 10 km de vias pavimentadas. Os equipamentos comunitários construídos correspondem a um centro social urbano, uma creche, um mercado setorial, um posto de saúde, uma delegacia e diversas praças e quadras para a prática de atividade física. Para a educação, foi construída 1 escola de 2º grau e 3 escolas de 1º grau, entre elas o Petrônio Portela.

2.6 Um breve histórico da Escola Ministro Petrônio Portela

A então Escola de 1º Grau Ministro “Petrônio Portella” foi construída em uma área de 4.600 m² na Zona Sul da capital sergipana em 1982, para atender crianças e adolescentes do referido bairro. A escola recebeu o nome de Petrônio Portela em homenagem ao político piauiense e ex-ministro da Justiça do então Presidente do Brasil, João Batista Figueiredo, último dos presidentes militares no regime que durou 21 anos.

Figura 40: Lateral do CEMPP ao lado da PJOD



Fonte: Autoria própria (2025)

Após várias resoluções, a antiga escola foi transformada em colégio, atendendo crianças a partir dos 11 anos, o qual ministra o Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano e o Ensino Médio no ano de 2021. O referido colégio apresenta matrícula atual de 861 alunos, nos dois níveis de ensino, sendo 302 nos anos finais e 559 no Ensino Médio.

2.7 Funções contemporâneas da praça Jornalista Orlando Dantas

As explanações a seguir denotam as funções contemporâneas da PJOD. As informações foram obtidas mediante incursões periódicas *in loco* na praça, bem como levantamento bibliográfico acadêmico sobre trabalhos científicos publicados sobre a mesma, consulta a publicações em sites de internet, entre eles o da Prefeitura Municipal de Aracaju e conversa com moradores mais antigos que vivem em torno da praça.

Quadro 32 – Funções da praça Jornalista Orlando Dantas (1)

Função - Saúde física e mental Jornalista Orlando Dantas	
Programa Academia da Cidade (Publicado pela Prefeitura Municipal de Aracaju)	Prática de exercícios físicos coletivos monitorada por profissionais de educação física. As atividades são realizadas das 05:00 às 08:00 de manhãs de segundas, quartas e sextas-feiras em 15 praças, quadras e calçadões distribuídos por todo o município. O Programa foi fomentado pela parceria entre o Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e a Prefeitura Municipal de Aracaju. “As aulas têm duração de uma hora sendo compostas por alongamento, caminhada, atividades aeróbicas e localizadas e mais um alongamento ao final. São usados bastões, extensoras, alteres e colchonetes que permitem a variedade de exercícios. Além disso, há o monitoramento de peso, pressão e frequência cardíaca.”

Fonte: <https://www.aracaju.se.gov.br/noticias> (adaptado)

Atualmente, o programa não está mais em atividade. A PJOD é desprovida de equipamentos projetados para a prática de atividades físicas integradas ao ambiente externo, como academia ao ar livre. Apesar disso, a comunidade adjacente à praça costuma reunir-se em turno vespertino e matutino para a prática da *Zumba*, aula de dança coletiva, criando um sistema de ginástica dinâmica, inspirado e ritmado por batidas de música latino-americana. Estes encontros, na praça, contribuíram para o desenvolvimento do senso de comunidade entre os participantes, incentivando a prática de exercícios e a interação social.

Figura 41 – Atividade física noturna na PJOD



Fonte: Autoria própria (2025)

Quadro 33 – Funções da praça Jornalista Orlando Dantas (2)

Função – Comercial, cultural e ambiental	
1ª Feira Sergipana da Agricultura Familiar e Economia Solidária (Fesafes) (Publicado pelo Governo do Estado de Sergipe)	1ª Feira Sergipana da Agricultura Familiar e Economia Solidária (Fesafes) A exposição e comercialização dos beneficiamentos, cultivos, criações, culinária ou artesanatos, de 80 agricultores familiares e empreendedores da economia solidária, de todas as regiões do estado foi realizada em dezembro de 2024 na Praça Jornalista Orlando Dantas. A Feira conta com uma seção de alimentos orgânicos. Além disso, feirantes participam de rodas de conversa e de lançamento de livro. No local também são realizadas apresentações culturais e shows de música com a banda de pagode Duas Faces, banda de forró das antigas 'Somos Loucos', Mimi do Acordeon, banda Chicão da Praia e grupo folclórico Caceteira de Rindúde São Cristóvão. As empresas sergipanas de desenvolvimento vinculadas à Seagri; Regional (Coderse), Sustentável (Pronese) e Agropecuário (Emdagro), são expositoras e colaboram na logística e mobilização dos agricultores familiares que comercializam na Fesafes. O coordenador de Agroecologia da Emdagro, Valtenis Braga, conta que o Governo do Estado acompanha as Organizações de Controle Social (OCS) de produção orgânica há mais de 20 anos. Eles produzem alimentos livres de agrotóxicos que estão sendo comercializados em 10 bancas da Fesafes.

Fonte: https://www.se.gov.br/noticias/agricultura/primeiro_dia_de_feira_sergipana_da_agricultura_familiar_e_economia_solidaria_se_destaca_pela_diversidade_e_qualidade_dos_produtos (adaptado)

Esta feira exerceu várias funções simultaneamente. A função ambiental foi desempenhada pelo incentivo ao consumo de produtos orgânicos, uma vez que a redução do uso de agrotóxicos fortalece práticas agrícolas mais sustentáveis, contribuindo para a preservação do meio ambiente.

A função cultural, como descrito no resumo adaptado, ficou por conta das apresentações artísticas, folclóricas e culturais inerentes à programação da feira.

Figura 42 - 1ª Feira Sergipana da Agricultura Familiar e Economia Solidária (Fesafes) realizada na PJOD (1)



Fonte: Autoria própria (2025)

Figura 43 - 1ª Feira Sergipana da Agricultura Familiar e Economia Solidária (Fesafes) realizada na PJOD (2)



Fonte: Autoria própria (2024)

Quadro 34 – Funções da praça Jornalista Orlando Dantas (3)

Função – Comercial e Cultural	
Galo do Augusto Franco. (Publicação da “Agência Jornal de Notícias 1” - AJN1)	A tradicional festa carnavalesca do Galo do Augusto Franco espera reunir cerca de 30 mil foliões. O evento, que acontece no dia 22 de fevereiro, a partir das 15h, promete animar as ruas do conjunto Augusto Franco, no bairro Farolândia, com uma programação diversificada e totalmente gratuita. O Galo do Augusto Franco resgata a cultura popular sergipana,

Função – Comercial e Cultural	
	(Conclusão)
	proporcionando um ambiente de festa, integração e valorização do frevo, sem a necessidade de abadás. Além de ser uma grande celebração cultural, o evento também tem impacto positivo na economia local, movimentando o comércio e gerando oportunidades de renda para os moradores da região. Uma das atrações do Galo do Augusto Franco 2025 é o Desfile do Galo com Bonecos Gigantes e Banda de Frevo. O evento conta com o apoio do Governo do Estado de Sergipe e da Prefeitura de Aracaju, garantindo infraestrutura e suporte para uma festa segura e organizada. O Galo do Augusto Franco é mais do que um bloco de carnaval: é um verdadeiro encontro de cultura, tradição e alegria, reafirmando sua importância no cenário carnavalesco da capital sergipana.

Fonte:<https://ajn1.com.br/urbano/carnaval-2025-programacao-do-galo-do-augusto-franco-em-aracaju-e-divulgada/>
(adaptado)

O local de concentração deste bloco de carnaval, Galo do Augusto Franco, é na PJOD, tornando-a com múltiplas funções. A cultural, a integração social e, ao mesmo tempo comercial, uma vez que congrega pessoas de diferentes idades e origens em torno de uma grande festividade tradicional do conjunto Augusto Franco há 16 anos e movimenta a economia local.

Figura 44 : Aglomeração, na PJOD, em dia de bloco carnavalesco
Galo do Augusto Franco



Fonte: Autoria própria (2024)

Quadro 35 – Funções da praça Jornalista Orlando Dantas (4)

Função – Comercial e Cultural	
Bloco carnavalesco “Bloquinho do Mais Charmoso” (Pesquisa de campo)	Ocasionalmente, parte da PJOD é cercada para a realização de eventos de cunho privado, a exemplo do que aconteceu no dia primeiro de fevereiro de 2025. Um dos estabelecimentos comerciais situados na área da praça ampliou sua área de comercialização de bebidas sobre um dos canteiros para realização da festividade carnavalesca intitulada “Bloquinho do mais charmoso”. Para tanto, parte da área que corresponde à praça e à rua foi cercada com tapumes e grades e fechou para a realização do evento. Esse registro, que evidencia a função comercial e cultural da PJOD, congrega pessoas e movimenta o comércio em torno da festividade.

Fonte: Pesquisa de campo

Figura 45 - Rua fechada e parte da praça cercada para realização de bloco de carnaval privado



Fonte: Autoria própria (2024)

Figura 46 - Acesso para o bloco de carnaval privado em parte da PJOD



Fonte: Autoria própria (2025)

Quadro 36 – Funções da praça Jornalista Orlando Dantas (5)

Função – Educadora, Cultural e Ambiental	
COMO EU VEJO A PRAÇA: Percepção ambiental dos alunos do CEMPP acerca da PJOD em Aracaju – SE.	As praças públicas figuram como espaço de grande importância no cotidiano urbano e desempenham diversas funções que promovem o bem-estar social, especificamente das comunidades que a circundam. Além de servir de espaço para interação social, lazer e atividades físicas, também contribuem para a sustentabilidade urbana e promovem o equilíbrio do espaço urbano e natural. Não obstante, estes espaços não são utilizados como extensão do ambiente escolar para práticas educativas, apesar de sua proximidade, muitas vezes vicinal, como no caso do CEMPP localizado na zona Sul do Município de Aracaju-SE, situado ao lado da PJOD. As informações sobre a percepção dos estudantes da referida escola obtidas após uma roda de conversa para celebrar a Semana Mundial do Meio Ambiente despertou inquietações. Objetiva-se, com este ensaio, explicar a percepção ambiental dos estudantes do CEMPP com relação à PJOD após uma experiência dialógica com intuito de apontar sugestões de futuras práticas pedagógicas interdisciplinares na praça.

Fonte: Ensaio acadêmico do pesquisador apresentado como trabalho referente à avaliação da disciplina Habitação e Meio Ambiente ofertada pela Universidade Federal de Sergipe; Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais (PROFCIAMB), ministrada pelo professor Dr. Ewerthon Clauber Vieira durante o 1º Semestre de 2023. (Adaptado)

O potencial multifuncional da PJOD vivenciado pelos alunos do CEMPP, por meio de atividades imersivas como roda de conversa, evidenciou a função educativa, cultural e ambiental da praça. Vale salientar que antes de ir à praça, os alunos pesquisaram, via site de internet, sobre outras práticas educacionais de mesma natureza em outras escolas e praças, pois experiências de projetos bem sucedidos poderiam e podem servir de modelo, referencial, encorajamento e incentivo para usos das praças como espaço pedagógico.

Sobre isso, os alunos destacaram a 10ª edição do Show do Aulão realizado na Praça Filemon Bezerra Lemos⁹ pelos alunos e professores da Escola Estadual Manoel Messias Feitosa, localizada no município de Nossa Senhora da Glória-SE no ano de 2016; o projeto intitulado “A Escola vai à Praça”¹⁰, realizado em 2022 no município alagoano de Mucurí, cujo formato se acercou mais do artístico de estudantes de diversas escolas na Praça Padre Cícero onde foram feitas exposições além de apresentações musicais e culturais.

A primeira impressão de realização de poucas atividades fora da escola registradas em internet provocou, inicialmente, diversas sensações nos estudantes. Desânimo, desinteresse e indiferença por parte de uns e motivação, anseio e desejo de fazer algo por parte de outros.

Os estudantes debateram, ainda em sala de aula, sobre características peculiares da praça a ser visitada, pois cada praça tem suas histórias, memórias e “mensagens” a contar.

Quanto a isso, convém mencionar sobre a construção da própria cidade, que significa também, segundo Rolnik (2012), uma forma de escrita, pois a própria arquitetura urbana também cumpre esse papel. Para a autora:

O desenho das ruas e casas, das praças e dos templos, além de conter a experiência daqueles que os construíram, denota o seu mundo. É por isso que as formas e tipologias arquitetônicas, desde quando se definiram enquanto habitat permanente, podem ser lidas e decifradas, como se lê e decifra um texto. (ROLNIK, 2012, p.18).

Não se sabe ao certo se a construção de diversas escolas em Aracaju teve a intencionalidade de proximidade com praças públicas. Coincidência ou não, essa circunstância em muito favorece para que educadores e suas turmas possam realizar atividades interdisciplinares em espaços ao ar livre, trazendo outras possibilidades às aulas cotidianas.

Uma das premissas que impedem e desanimam educadores e gestores das escolas de movimentarem suas turmas até praça, é a sensação de insegurança, pois não é incomum vê-las degradadas e abandonadas pelo poder público ou pela própria população local. A isso é somada a responsabilidade do professor para com a integridade de suas turmas no momento da ação.

⁹ <https://seed.se.gov.br/noticia.asp?cdnoticia=11195> (9º Aulão ao ar livre)

¹⁰ <https://ama-al.com.br/projeto-a-escola-vai-a-praca-reune-exposicoes-musica-e-cultura-em-praca-publica-em-murici/>

Tudo isso, entre outros motivos, inviabilizam a percepção dos educadores quanto ao potencial educativo das praças que, ao fim e ao cabo, acabam sendo subutilizadas.

Após a realização da roda de conversa, os alunos se prontificaram a pesquisar e a listar sugestões de atividades pedagógicas possíveis de serem realizadas na praça com intuito de inserir no planejamento anual dos anos seguintes para todas as disciplinas no calendário da escola. Antes disso, aos discentes foi sinalizado que as fotografias tiradas por eles e pelo professor ministrador da roda de conversa, além de seus depoimentos, seriam divulgadas nas mídias sociais da escola.

Figura 47 - Estudantes do CEMPP em atividade associada à Semana do Meio Ambiente na PJOD: Roda de conversa



Fonte: Autoria própria (2023)

Quadro 37 – Funções da praça Jornalista Orlando Dantas (6)

Função – Educadora e Ambiental	
Oficina de plantio na PJOD (Resumo de ensaio acadêmico feito pelo pesquisador)	A PJOD, situada ao lado do CEMPP localizado na zona Sul do Município de Aracaju-SE, no dia 14 de junho de 2023, foi palco de uma oficina de plantio, atividade de cunho pedagógica ambiental associada à Semana Mundial do Meio Ambiente. Os alunos da 1ª Série D do Ensino Médio foram orientados pelo professor, biólogo e ambientalista convidado José Bezerra, a plantar mudas de árvores propícias para sombreamento em espaço público e também orientados a identificar plantas medicinais existentes na praça. Além disso, foram surpreendidos com a informação de que o professor convidado coordenou um projeto de arborização na mesma praça em que estavam com a participação de suas turmas de uma escola particular em agosto de 2008. O resultado daquela ação ficou visível a todos que transitam pela praça, impactou os discentes e os motivou para realização de ações semelhantes não só na PJOD, mas também em outros espaços públicos possíveis de plantio.

Fonte: Ensaio acadêmico apresentado como trabalho referente à avaliação da disciplina Ambiente, Sociedade e Educação ofertada pela UFS (PROFCIAMB), ministrada pelo professor Dr. Florisvaldo Silva Rocha durante o 2º Semestre de 2023.

A apresentação das evidências das ações pedagógicas extraclasse do CEMPP, realizadas na PJOD, tornou a escola signatária, como pessoa jurídica, do Movimento Nacional ODS o qual a outorgou com o “SELO ODS 2024: 20 anos do Movimento Nacional” considerando a relevância do Projeto Oficina de Plantio em Praça Pública. Dessa forma, foram reconhecidos o alcance do 4º Objetivo de desenvolvimento sustentável, ODS 4 (Garantir uma educação inclusiva e equitativa e de qualidade) e do 11º Objetivo de desenvolvimento sustentável; ODS 11 (Tornar as cidades e os assentamentos humanos mais inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis).

Figura 48 – Oficina de plantio na PJOD



Fonte: Autoria própria (2023)

Figura: 49 – Quadro simbólico do Selo ODS outorgado ao CEMPP referente à oficina de plantio na praça pública



Fonte: Autoria própria (2024)

Quadro 38 – Funções da praça Jornalista Orlando Dantas (7)

Função – Educadora e Ambiental	
Emsurb realiza plantio de árvores em parceria com o Projeto Cheiro de Mato. (Publicação da Prefeitura Municipal de Aracaju – adaptada)	Emsurb realiza plantio de árvores em parceria com o Projeto Cheiro de Mato O processo de arborização da cidade, a Prefeitura Municipal de Aracaju (PMA), por meio da Empresa Municipal de Serviços Urbanos (Emsurb), realizou na manhã de hoje, sexta-feira, o plantio de 50 mudas de árvore em parceria com o projeto 'Cheiro de Mato', do Colégio Arquidiocesano, PJOD do conjunto Augusto Franco. No plantio, foram utilizadas cinco espécies de mudas: Craibeira, Angico, Ipê Roxo, Tamboril e Cajueiro. Duas turmas de estudantes do Ensino Médio se revezaram no plantio, assessorados por técnicos da Emsurb. O professor de Biologia e responsável pelo projeto 'Cheiro de Mato', José Bezerra, disse que a educação ambiental se faz com exemplos. É necessário começar a trabalhar a criança desde pequena, para que no futuro tenhamos multiplicadores desta ideia, apontou.

Fonte: Emsurb <https://www.aracaju.se.gov.br/noticias>

As fotos da matéria que registraram o plantio na PJOD em 2007, comparando-as com fotos contemporâneas, favorecem para a percepção de mudança na paisagem da praça, mostrando a escassez de sombreamento proporcionado pelas árvores. Para acentuar esse olhar, exibiremos duas fotografias de como era a praça há 18 anos.

Figura 50 – Plantio dos alunos do Colégio Arquidiocesano orientados pelo professor, biólogo e ambientalista José Bezerra em parceria com a Prefeitura Municipal de Aracaju.



Foto: Ascom/Emsurb (2007)

Figura 51 – Imagens da PJOD na primeira década dos anos 2000.



Foto: Ascom/Emsurb (2007 e 2008)

Quadro 39 – Funções da praça Jornalista Orlando Dantas (8)

Função – Educadora	
Jogo do tato ao ar livre: Atividade realizada com alunos da 1ª Série D do CEMPP.	A atividade lúdica usada para estimular a percepção sensorial, a concentração e o desenvolvimento da linguagem descritiva são conhecidos como “jogo do tato” ou “caixa sensorial”. Nela, os alunos vendam os olhos e utilizam o sentido do tato para explorar objetos, tentando identificar suas características e adivinhar o que são. Ainda que essa atividade possa ser feita inteiramente em sala de aula, sua prática ao ar livre causa um efeito emocionalmente mais impactante para os alunos. As instruções prévias são todas transmitidas previamente em sala de aula. Por isso, quando os alunos vão à praça já sabem como proceder. Em se tratando de uma atividade de linguagem descritiva, é ideal para a prática de língua estrangeira.

Fonte: Plano de aula próprio.

Figura 52 – Jogo do tato na PJOD com alunos do CEMPP



Fonte: Autoria própria (2024)

Quadro 40 – Funções da praça Jornalista Orlando Dantas (9)

Função – Educadora e Ambiental	
Ações ambientais na PJOD	Durante as visitas técnicas, foi observado um abrigo provisório para proteger animais de intempéries, bem como a oferta de água e ração regular aos gatos que vivem na PJOD.

Fonte: Pesquisa de campo

Figura 53 – Abrigo para proteger e alimentar a fauna local (gatos) na praça Jornalista Orlando Dantas



Fonte: Autoria própria (2024)

Quadro 41 – Funções da praça Jornalista Orlando Dantas (10)

Função – Ambiental	
Ações ambientais na PJOD	A Empresa Municipal de Serviços Urbanos (Emsurb) é responsável por planejar e coordenar as atividades de limpeza pública, incluindo o recolhimento de lixo e entulho em Aracaju. Durante algumas das visitas, foram registradas ações de limpeza na PJOD. Importa acrescentar que, mesmo antes das visitas técnicas à praça, nas passagens corriqueiras como morador, foi observada uma limpeza moderada da praça, ainda que ocasionalmente, encontrados descartes de resíduos sólidos em sua área.

Fonte: Pesquisa de campo

Figura 54 – Ação de limpeza periódica da praça Jornalista Orlando Dantas



Fonte: Autoria própria (2023)

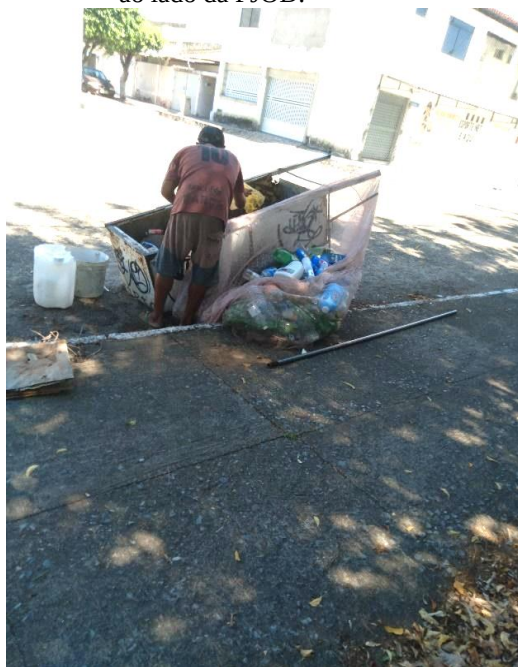
A observação do uso da praça como atividade de coleta de recicláveis foi registrada durante algumas visitas de campo. Trata-se de um catador que costuma coletar recicláveis habitualmente nas terças-feiras e quintas-feiras nas áreas adjacentes à PJOD, incluindo os barris de rejeitos do CEMPP.

Quadro 42 – Funções da praça Jornalista Orlando Dantas (11)

Função – Socioambiental	
Ações ambientais na PJOD	Após eventos públicos com expressiva quantidade de pessoas consumindo bebidas envasadas em latinhas de alumínio, garrafas de vidro e plástico, é comum observar catadores coletando resíduos recicláveis durante e depois da aglomeração. Não obstante, como dito, só foi possível registrar, em algumas das visitas técnicas, um coletor individual habitual na praça às terças e quintas-feiras. Sua área de atuação observada foi, além da PJOD, percebida na calçada lateral do CEMPP onde há os rejeitos do colégio a espera de coleta da limpeza municipal.

Fonte: Pesquisa de campo

Figura 55 – Catador de resíduos sólidos em atividade ao lado da PJOD.



Fonte: Autoria própria (2023)

Quadro 43– Funções da praça Jornalista Orlando Dantas (12)

Função – Ambiental	
Ações ambientais na PJOD	O propósito de levar aves em gaiolas a um ambiente arborizado é para estímulo ao seu canto. Ações cotidianas como esta foram observadas algumas vezes na PJOD conforme a foto em que um jovem pendura uma gaiola com uma ave de “canto” em uma manhã ensolarada na praça.

Fonte: Pesquisa de campo.

Figura 56 – Jovem manuseando gaiola de pássaro



Fonte: Autoria própria (2023)

Quadro 44 – Funções da praça Jornalista Orlando Dantas (13)

Função – Saúde física e mental	
Ações ambientais na PJOD	Existem vários motivos para que os cidadãos frequentem uma praça em busca de algum tipo de bem-estar físico, mental ou social. A busca pode ser para fazer um piquenique, refrescar-se em uma sombra, hidratar-se, tomar sol, encontrar-se com amigos, marcar encontros, observar o movimento, ler um livro, fazer um lanche, levar crianças para um simples passeio ou simplesmente sentar para recuperar as energias antes de seguir caminho. A praça resulta em um verdadeiro local de respiro urbano, exercendo a função de saúde e bem-estar para a população. Nos momentos de visita e observação da PJOD, foram percebidos comportamentos distintos e variando conforme o dia da semana e turno em que a praça foi observada.

Fonte: Pesquisa de campo

As observações foram feitas em distintos dias da semana fragmentadamente. Tanto os registros fotográficos quanto as anotações para constar na tabela final tiveram início em maio de 2023 e finalizaram em abril de 2025. A proximidade entre o CEMPP, local de trabalho do pesquisador, beneficiou as visitas à praça nos turnos matutinos e vespertinos. Em dias em que havia aulas de 6º horário, das 17h30 às 18h20, as observações feitas após o expediente foram consideradas noturnas. O tempo de permanência e observação foram variados, entretanto, em nenhum dos casos, se cumpriu um turno inteiro. O caminho a pé, desde o veículo próprio no estacionamento lateral da praça à escola e vice-versa, oportunizou registros e observações dignas de nota para constatar a função de saúde física e mental em sua vertente ócio. Nos fins de semana, o deslocamento até a praça foi feito de bicicleta pelo pesquisador.

O esquema de dias e turnos de visitas das próximas 5 tabelas é resultante das anotações depuradas e analisadas. Nelas, constam siglas que resumem o comportamento das pessoas em seu momento de ócio na praça.

Quadro 45 – Pessoas sentadas nos bancos e/ou canteiro, da praça: PSBCP

Dia da semana	segunda	terça	quarta	quinta	sexta	sábado	domingo
Turno matutino	PSBCP	PSBCP	PSBCP	PSBCP	PSBCP	PSBCP	PSBCP
Turno vespertino	PSBCP	PSBCP	PSBCP	PSBCP	PSBCP	PSBCP	PSBCP
Turno noturno	PSBCP			PSBCP		PSBCP	

Fonte: Pesquisa de campo

Observou-se que pessoas sentadas em bancos eram mais frequentes nos turnos diurnos, pois em turnos noturnos as pessoas preferiam ficar em pontos mais iluminados localizados e distantes da parte central da praça, pois a iluminação nessa parte é insuficiente e ainda comprometida pela copa das árvores.

Figura 57 – Pessoas sentadas no canteiro da PJOD



Fonte: Autoria própria (2025)

Quadro 46 – Pessoas consumindo alimentos e bebida: PCAB

Dia da semana	segunda	terça	quarta	quinta	sexta	sábado	domingo
Turno matutino		PCAB		PCAB	PCAB		
Turno vespertino			PCAB		PCAB	PCAB	PCAB
Turno noturno	PCAB	PCAB	PCAB	PCAB	PCAB	PCAB	PCAB

Fonte: Pesquisa de campo

Consideramos pessoas consumindo alimentos e bebidas tanto dos estabelecimentos comerciais na área da praça, como pastelaria, sorveteria e restaurante, quanto alimentos de vendedores ambulantes com carrinhos de churros, pipoca ou outro tipo de alimento. O consumo de bebida era mais evidenciado nos fins de semana, com destaque para um dos quiosques que ampliou as suas instalações sobre um dos canteiros da praça para atender um quantitativo maior de frequentadores deste estabelecimento.

Quadro 47 – Pessoas em grupo (mais de duas pessoas): PG

Dia da semana	segunda	terça	quarta	quinta	sexta	sábado	domingo
Turno matutino	PG			PG			
Turno vespertino	PG	PG	PG	PG	PG	PG	PG
Turno noturno	PG	PG	PG	PG	PG	PG	PG

Fonte: Pesquisa de campo

Consideramos um quantitativo de duas ou mais pessoas reunidas na praça. Incluem-se, nesse grupo, os alunos do CEMPP e também estudantes com a farda de outras escolas aglomeradas nos bancos e batentes dos canteiros ajardinados em horários de transição de turnos.

Quadro 48 – Pessoas com artifícios de repouso: PAR

Dia da semana	segunda	terça	quarta	quinta	sexta	sábado	domingo
Turno matutino						PAR	PAR
Turno vespertino				PAR	PAR	PAR	PAR
Turno noturno							

Fonte: Pesquisa de campo

Algumas situações em que pessoas levavam algum artifício para repouso foram registradas. O primeiro registro foi do uso de rede de descanso armada entre as árvores da praça. Observou-se que, nas maiores vezes em que esse momento foi registrado, tratava-se de um comerciante que armava sua tenda para vender galeto assado aos domingos. Entretanto, algumas vezes, outras redes foram visualizadas em outros pontos da praça para descanso de moradores locais.

Figura 58 – Artifício de repouso no sombreamento da (PJOD)



Fonte: Autoria própria (2025)

Quadro 49 – Pessoa(s) acampada(s) na praça: PAP

Dia da semana	segunda	terça	quarta	quinta	sexta	sábado	domingo
Turno matutino	PAP			PAP	PAP	PAP	PAP
Turno vespertino	PAP			PAP	PAP	PAP	PAP
Turno noturno	PAP			PAP	PAP	PAP	PAP

Fonte: Pesquisa de campo

Durante cinco dias, foi registrada a presença de uma barraca de *camping* instalada no meio do canteiro da PJOD. Em algumas ocasiões, o único ocupante observado foi visto aparentemente preparando seu próprio alimento ao lado da barraca.

Figura 59 – Pessoa acampada na PJOD



Fonte: Autoria própria (2025)

Quadro 50–Pessoas com crianças: PC

Dia da semana	segunda	terça	quarta	quinta	sexta	sábado	domingo
Turno matutino	PC			PC			PC
Turno vespertino	PC			PC	PC	PC	PC
Turno noturno				PC	PC		

Fonte: Pesquisa de campo

As crianças, em torno de um a seis anos, observadas em algum lugar sombreado ou em trânsito na PJOD, estavam sempre acompanhadas de cuidadores, majoritariamente mulheres jovens e/ou idosas. Registrou-se o uso de brinquedos próprios como velocípedes, bola ou outro tipo de artifício lúdico.

Figura 60 – Crianças acompanhadas com pessoa adulta em trânsito na PJOD



Fonte: Autoria própria (2023)

Quadro 51 – Funções da praça Jornalista Orlando Dantas (14)

Função – Comercial	
Dinâmica comercial	Quando uma praça é instalada em um espaço urbano pelo poder público, exercendo a função de lazer, convivência e recreação, não há, inicialmente, a instalação de pequenos comércios que se beneficiem do fluxo de pessoas. Entretanto, alguns nichos e recuos nos espaços são utilizados para a instalação de comércio, desempenhando um papel econômico e social que, além de promover a transformação do espaço, movimenta a economia local, impulsionando o comércio e gerando empregos. A mudança na dinâmica do uso público do espaço, deixando-o de ser somente recreativo e se tornando um ponto de encontro e consumo, pode ser notada com a instalação de comércios como sorveterias, lanchonetes, quiosques, pastelarias e feiras. Este tipo de interação social atrai visitantes e estimula a
Função – Comercial	

(Conclusão)	
Dinâmica comercial	convivência entre moradores e até turistas, tornando a praça mais segura e atrativa, incentivando sua conservação em melhoria. A PJOD exerce essa função com comércios instalados em sua área. Trata-se de uma pastelaria, um quiosque de comidas típicas, um quiosque de venda de espetinhos de carne e bebidas, um restaurante e um bar que, ocasionalmente, promove eventos privados na praça. Há também o comércio itinerante, como barraca de venda de galeto, instalação de brinquedo como pula-pula, carrinho de churro e pipoca, etc. Estes comércios são mais recorrentes nos fins de semana e quando há eventos na praça, como bloco de carnaval.

Fonte: Pesquisa de campo

Figura 61 – Comércio dominical (venda de galeto) na calçada da PJOD



Fonte: Autoria própria (2025)

Figura 62 – Aluguel de pula-pula e venda de comida



Fonte: Autoria própria (2024)

Figura 63 – Edificação de uma pastelaria na PJOD



Fonte: Autoria própria (2023)

2.8 Procedimento ético

O Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Sergipe (ANEXO I) aprovou esta pesquisa conforme Apêndice o Termo de Conduta Livre e Esclarecido (TCLE) utilizado para abordar, informar e conduzir as entrevistas semiestruturadas da pesquisa.

Todas as informações e dados obtidos desta pesquisa são confidenciais e não serão divulgados individualmente. São manuseados, exclusivamente, pelo pesquisador responsável e orientador em sintonia com as fases de coleta, tratamento e análise, a fim de garantir a confidencialidade e a manutenção do anonimato e sigilo da participação dos entrevistados. Os resultados obtidos tornar-se-ão públicos nos meios científicos e acadêmicos consolidada, e sistematizada, sem qualquer identificação dos participantes menores.

Todas as informações foram armazenadas de forma digital em arquivo word no computador do pesquisador. A abordagem aos participantes foi feita a partir de uma prévia apresentação da pesquisa e do pesquisador, bem como dos objetivos, metodologia e seus direitos enquanto entrevistado, além da explanação sobre o Termo de Conduta Livre e Esclarecido (TCLE).

2.8.1 Riscos apresentados ao Conselho de Ética

O relato de alguns dos riscos possíveis dessa etapa de investigação envolve a possibilidade de os alunos serem picados por mosquitos ou insetos na praça na curta e segura caminhada até a praça na qual apenas uma rua estreita e de pouco movimento veicular, que separa a escola da praça, possa ser atravessada com segurança, ou ainda ficar molhados em caso de chuva repentina.

Afirma-se que, em caso de recusa ou desistência de alguns estudantes a participar das atividades na praça, o procedimento adotado pelo pesquisador ou pelo professor de outra disciplina que vai conduzir a turma já deve estar ajustado. Para isso, será providenciada antecipadamente uma atividade impressa pelo professor responsável para resolução em sala de aula sob os cuidados de um dos monitores presentes na escola. Esta ação é necessária, pois em horário de atendimento escolar todos são iguais e poderão, sem qualquer penalidade posterior, optar pela não participação da atividade externa.

2.8.2 Critérios de encerramento ou suspensão apresentados ao Conselho de Ética

Os critérios para encerramento ou suspensão atendem à necessidade de proteção, resguardo e garantia de integridade física, psicológica e moral dos participantes. Além disso, situações que envolvam alterações no calendário escolar, como greves, também serão consideradas para suspensão da pesquisa, uma vez que as atividades vão estar em sintonia com o calendário escolar. Por fim, em caso de reformas estruturais tanto da praça quanto da escola, também serão consideradas a interrupção da etapa de coleta de dados e dinâmicas planejadas.

2.8.3 Critérios de inclusão e exclusão apresentados ao Conselho de Ética

A combinação de interesse pelas atividades criativas propostas pelo professor de Língua Espanhola, pesquisador e autor desta investigação, tanto em sala como ao ar livre no turno matutino, aos alunos costumeiramente voluntários, é favorável ao critério de inclusão destes participantes. Não obstante, o critério de exclusão dos demais 30 alunos desta 1ª Série B (Grupo 1) se aplica aos que residem distantes da escola e conseqüentemente da praça, objeto de estudo de nossa pesquisa.

Importa salientar que não será necessária a participação dos demais professores da instituição devido ao registro de dinâmicas na cartilha pedagógica, produto resultante desta pesquisa, exclusivamente para o ensino de idiomas com dinâmicas ao ar livre.

2.8.4 Participantes de estudo

Dentre as múltiplas formas de coleta de dados possíveis para pesquisa, serão estabelecidos critérios para seleção e inclusão dos participantes entrevistados que vão servir de amostra para posterior análise. Tratam-se, inicialmente dos usuários da PJOD, o que corresponde à população moradora circunvizinha da mesma, os comerciantes e clientes dos comércios estabelecidos na praça e também de parte da comunidade do CEMPP, que serão os alunos de uma das turmas do segundo ano do ensino médio e parte da equipe de coordenação.

Ainda que a forma de abordagem dessa pesquisa seja qualitativa, importa considerar que o quantitativo de entrevistados vai constar na Plataforma Brasil.

Capítulo 3

Análise de dados coletados: A escola na praça

3.1 Análise das praças e escolas visitadas

Ainda que este estudo de caso tenha sido focado na PJOD, foi necessária a coleta de dados de outras praças próximas às escolas para balizar os resultados encontrados. A visita a essas praças incluiu acesso e coleta de dados nas escolas próximas a elas. O propósito foi registrar o relato de algum profissional da comunidade escolar, como professores, coordenadores e diretores, que pudesse fornecer informações e dados que comprovassem sua prática no espaço não formal de ensino. Nem todas as escolas próximas a praças desenvolvem qualquer atividade nestes logradouros públicos, entretanto, houve casos em que os dados coletados contribuíram, inclusive, para a construção do produto técnico.

3.1.1 Praça Camerino

A primeira praça do Centro de Aracaju a ser visitada foi a Praça Camerino. A escola mais próxima, como visto, é o Colégio Tobias Barreto. Apesar de ser bem sombreada, ser equipada com um palco elevado com rampa de acesso para cadeirantes, apresentar um anfiteatro com arquibancada e espaços projetados para leitura, ou seja, oferecer estrutura favorável para uso como espaço não formal de ensino, a escola não desenvolve atividades pedagógicas com os alunos em sua área.

3.1.2 Praça Graco Cardoso

Esta praça, localizada no centro de Aracaju e em frente ao Centro de Excelência Ateneu sergipense, apresenta características favoráveis para aulas ao ar livre, entretanto não há, até a data em que a escola foi visitada, nenhum registro de uso da mesma como espaço não formal de ensino.

3.1.3 Praça Olímpio Campos

Localizada no Centro de Aracaju, a praça Olímpio Campos tem o Colégio Jackson de Figueiredo em sua vizinhança. Por ser uma das áreas mais verdes no coração da cidade, mesmo não havendo equipamentos para atividade lúdica ou apresentações, a praça apresenta potencial para atividades escolares em sua área. A galeria de arte instalada em sua área oferece essa possibilidade.

Em termos de ações da escola na praça, foi registrada uma atividade de exposição de

fotografia resultante de uma aula de arte ministrada por uma professora no ano de 2017. Desde então, segundo consta o relato da própria direção da escola, não houve mais atividade pedagógica na praça.

3.1.4 Praça da Imprensa

Localizada na Zona Sul de Aracaju e próxima à escola Professora Áurea Melo/Zamor, a Praça da Imprensa, apresenta características muito favoráveis para aulas ao ar livre, tanto pela presença de uma quadra de esporte com poucas avarias na parte central como nos jardins em que há brinquedos infantis cercados por proteção de concreto em formato de blocos favorecendo a ventilação.

Além do sombreamento da copa das árvores, os canteiros com a grama bem aparada favorecem para atividades com alunos de tenra idade, como comprovou as imagens e o relato da professora que participou dessa pesquisa.

3.1.5 Praça Pedro Diniz Gonçalves

A área que corresponde à Praça Pedro Diniz Gonçalves abrange a escola Professor Artur Fortes e a Escola Francisco Guimarães Rollemberg. A praça apresenta estrutura que poderia ser favorável para uso pedagógico ao ar livre. Ainda que, como visto, esteja equipada com *playground*, quadra esportiva e equipamentos para atividade física, a praça apresenta problemas estruturais que dificultam atividades para alunos de ambas as escolas. Mesmo assim, segundo o relato da coordenadora da escola Arthur Fontes, a praça é utilizada pelos alunos com atividades lúdicas, sobretudo em datas comemorativas. Realidade diferente do Colégio Francisco Guimarães Rollemberg, pois, conforme relato da diretora, os alunos de tenra idade são mais vulneráveis no espaço externo, onde há o risco de se machucarem nos brinquedos da praça, onde a grama dá lugar a arbustos. Além disso, segundo a dirigente, há o risco de picadas de insetos ou contato com fezes de animais.

3.1.6 Praça Monteiro Lobato

A praça Monteiro Lobato, localizada na Zona Sul de Aracaju, abrange a escola de mesmo nome. Equipada com campos de futebol, quadra esportiva e trechos ajardinados com sombreamento proporcionado por fruteiras, a praça Monteiro Lobato é utilizada, segundo

comprova a diretora da escola, para ações esportivas, recreativas, lúdicas e pedagógicas, principalmente em datas comemorativas. Ainda que haja canteiros com muito arbusto em seus canteiros, a praça oferece estrutura satisfatória para aulas ao ar livre.

3.1.7 Praça Dr.^a Maria Joselita Almeida Barbosa

Localizada na Zona Sul de Aracaju, a praça Dr.^a Maria Joselita Almeida Barbosa é a praça com edificação mais recente, apresentando equipamento para atividade física para adultos e *playground* ao ar livre. O colégio Arqui, ainda que seja uma escola particular com estrutura muito satisfatória em seu espaço formal de ensino, ocasionalmente, se beneficia do sombreamento e estrutura bem conservada da praça.

3.1.8 Praça Major Edeltrudes Teles

A Praça Major Edeltrudes Teles, localizada na Zona Sul de Aracaju, tem em sua área uma biblioteca municipal cujo pátio gramado é eventualmente utilizado para roda de leitura, entre outras atividades, pelas professoras do Colégio Estadual Francisco Portugal. A considerável extensão da praça, com sombreamento esparso, desfavorece para atividades ao ar livre. Entretanto, os campos, a quadra, as áreas de estar e a biblioteca pública na área da praça são fatores que possibilitam o seu uso como espaço não formal de ensino.

3.1.9 Praça Acrísio Garcez

Ainda que a considerável extensão acimentada da praça Acrísio Garcez, próxima ao Centro de Excelência Professora Ofenísia Soares Freire, na Zona Sul de Aracaju, ofereça pouco sombreamento, é eventualmente utilizada para atividades escolares, conforme o relato de um de seus professores.

3.1.10 Praça Jornalista Orlando Dantas

Localizada na Zona Sul de Aracaju, a PJOD tem proximidade com o colégio Lavoisier, instituição particular de ensino, e com o CEMPP.

A coleta de dados, na instituição particular de ensino e colégio estadual, confirmou regular, mas não tão frequente, uso da praça, principalmente em datas comemorativas e

atividades de cunho ambiental. Entretanto, por ser o objeto deste estudo, em que se propôs análise das funções, usos e possibilidades educativas, apresentaremos os seguintes resultados acerca da PJOD.

3.2 Funções da praça Jornalista Orlando Dantas

3.2.1 Integração social

A praça oportuniza o encontro de pessoas de diferentes classes sociais, origens e idades, favorecendo para a interação e senso de comunidade. Foi observado que moradores e não moradores do conjunto Augusto Franco, Bairro Farolândia, fazem uso da praça, seja em datas comemorativas como as carnavalescas, seja para parar e fazer um lanche em um dos estabelecimentos comerciais de sua área.

3.2.2 Lazer e recreação

Foi observado que a praça é adequada para atividades lúdicas com jovens e crianças, embora não ofereça equipamentos destinados à recreação, como parquinhos equipados com brinquedos. Entretanto, eventos culturais foram registrados como blocos de carnaval públicos e privados em parte de sua área cercada. Não, foram registrados momentos de piquenique entre amigos e família.

3.2.3 Ambiental

Ainda que nessa pesquisa não tenham sido feitas medições de níveis de dióxido de carbono para apresentar a qualidade do ar e também medição de temperatura para comprovar conforto térmico, foi perceptível a redução da temperatura urbana em dias mais quentes e ensolarados. Este conforto térmico foi proporcionado pela praça em todos os momentos em que foi visitada. Isso ajuda a deduzir que a praça cumpre, nesse sentido, a sua função ambiental em um meio tomado pelo excesso de concreto e asfalto.

Além disso, a biodiversidade, observada pela incidência de aves, foi observada na praça, pois esta oferece abrigo e alimento para algumas espécies de aves. Por último, o solo permeável da praça aparenta absorver parte das águas pluviais em dias mais chuvosos. Não foram

encontrados registros de enchentes no conjunto Augusto Franco e, nos dias mais chuvosos em que a praça foi visitada, não houve acúmulo de água em suas adjacências.

3.2.4 Cultural

O registro do uso da praça como ponto de encontro para diversos grupos sociais foi observado em diversas ocasiões. As mais significativas foram as carnavalescas, entretanto rodas de conversa proporcionadas pelas atividades do CEMPP e ocorridas na feira de produtos orgânicos tornam a praça como de função cultural.

3.2.5 Educativa

Uma praça pública não deve ser considerada como espaço educativo apenas porque uma aula ao ar livre pode ocorrer em sua área. Como visto, há diversos tipos de ações que podem torná-la educativa, como instalação de placas e painéis informativos contendo informações sobre história local, cultura ou biodiversidade, ou da região. Entretanto, durante as visitas à praça, não foram verificadas, bem como não há, em sua área, espaços lúdicos com brinquedos interativos que favoreçam o aprendizado de ciências naturais, de física, matemática ou por meio da experimentação.

Embora o espaço seja propenso à leitura devido ao seu sombreamento e conforto térmico, não foram vistas pessoas lendo, o que não significa que não haja leitores na praça.

Ainda que hortas comunitárias que podem ajudar no compartilhamento de aprendizado de cultivo, sustentabilidade e alimentação saudável não tenham sido registradas na praça, as oficinas de plantio, a identificação de plantas medicinais e as rodas de conversa registradas na praça, favorecem para constatar a sua função educativa.

3.2.6 Saúde física e mental

Foram registradas pessoas fazendo caminhada, alongamento, atividade física individual e em grupo, bem como pessoa simplesmente em momento de descanso, ócio e descontração na praça estudada. Para que isso aconteça, em geral, as pessoas procuram locais que considerem limpos, relativamente silenciosos e abundantes de vegetação. Essa combinação, para muitas pessoas, ajuda na redução de estresse e melhora o bem-estar.

3.2.7 Comercial

Os significados das funções e ambientes podem ser modificados na tentativa por diversos motivos. Uma praça, como dito, não é edificada com o intuito de ser comercial. Entretanto, quando o espaço é utilizado para comercialização, passa a somar essa função.

A PJOD tem essa função, considerando o atual quantitativo de comércios instalados em sua área. Como dito, há edificações com estrutura de alvenaria. Comércios itinerários foram registrados na praça, como carrinhos ou banca com venda de alimentos. É notória a movimentação econômica na PJOD em sua função comercial.

3.2.8 Manifestações públicas e atos políticos

Durante as visitas à PJOD não foram registrados protestos, reuniões de moradores, passeatas e expressões de cunho político como comícios. Entretanto, no dia da eleição para a prefeitura municipal, alguns eleitores de diferentes partidos foram vistos usando adereços alusivos aos seus candidatos.

3.3 Possibilidades educativas da Praça Jornalista Orlando Dantas

Após a coleta de dados, registro de atividades do CEMPP pelo professor pesquisador, pesquisa sobre atividades anteriores desenvolvidas na PJOD, constatou-se que a praça, apesar de não oferecer anfiteatro com arquibancada ou com cobertura popularmente conhecida como concha acústica, oferece possibilidades de atividades extraclasse a saber.

3.3.1 Roda de conversa

A Possibilidade da realização de rodas de conversa na PJOD foi constatada durante as atividades do CEMPP e também na Feira dos Orgânicos. Estas atividades foram realizadas na área de estar da praça e, de acordo com a opinião dos próprios alunos, encontros dessa natureza são inesquecíveis e significativas para a construção de valores.

3.3.2 Oficinas de plantio

Como exposto nessa pesquisa, as oficinas de plantio são possíveis e bem-vindas na PJOD como atividade educativa. Foi possível destacar a atividade de plantio ocorrida no ano

de 2007, em tempos em que a praça não oferecia sombreamento. Após esta atividade educacional realizada com a participação de alunos de uma escola distante da praça, tornando-a mais arborizada, foi possível provar que ações como essa podem ser realizadas em outras.

3.3.3 Datas comemorativas alusivas ao meio ambiente

Datas comemorativas como o Dia da Árvore, Dia Mundial da Educação Ambiental, Dia Internacional das Florestas, Dia Mundial da Água, Dia Mundial dos Animais de Rua, Dia Nacional da botânica, Dia da Terra, Dia Nacional do Pau-brasil, Dia Mundial da Reciclagem, Dia Internacional da Biodiversidade, Dia Nacional da Mata Atlântica, Dia Mundial do Meio Ambiente e da Ecologia, Semana Mundial do Meio Ambiente, Dia Mundial da Conservação da Natureza, Dia de Defesa da Fauna, Dia da Natureza, Dia das Aves, etc, podem e devem ser pedagogicamente lembradas em um espaço público ao ar livre. Nesse sentido, a PJOD, apresentou condições para a celebração dessas datas. Há registro de celebração do Dia da Árvore na praça com ação dos alunos do colégio Lavoisier e a semana do Meio Ambiente como tema gerador e motivador da oficina de plantio ocorrido em 2023 pelos alunos do Portela. Esta ação, como dito, rendeu à escola um Selo Ambiental, considerando o 4º ODS (Ensino de qualidade e inclusivo) e o 11º ODS (Cidades e comunidades sustentáveis),

Existem diversas possibilidades de realização de aulas ao ar livre na praça PJOD, entretanto se houvesse uma estrutura melhor equipada como um anfiteatro com arquibancadas ou até mesmo uma quadra esportiva, poderia haver mais ações extraclasse ao mesmo tempo que favoreceria a comunidade adjacente à praça.

3.4 “COSTUME DE SALA VAI À PRAÇA” Cartilha produzida como produto resultante da pesquisa

Em tempos de entretenimento digital, distanciamento ou isolamento social, insegurança pública, escassez de opção de lazer, depredação e abandono de espaços públicos como a praça, seria quase impensável a realização de atividades de extensão e prática educativas socioambientais críticas ao ar livre como oficinas de plantio, encenações e performances, show de talentos, rodas de conversa, ensaio fotográfico, gravação de vídeos, entre outras dinâmicas possíveis de serem realizadas nesses espaços em parceria inclusive com a comunidade do entorno da praça. Não obstante, o registro dessas atividades realizadas na PJOD com estudantes

do CEMPP, foi compendiado de forma escrita e ilustrativa numa cartilha impressa e digital a fim de servir de modelo não somente para escolas públicas e particulares localizadas próximo a praças, mas também instituições e centros comunitários que tenham interesse em ressignificar o uso das praças em prol da qualidade de vida e sustentabilidade da população.

O objetivo dessa cartilha é informar, orientar e melhorar a compreensão sobre o potencial pedagógico, de lazer e de vivência da praça pública, pois no campo da Educação Ambiental é definida como espaço educador ou estrutura educadora. A simples demonstração da representação da vida e vivência na praça pública do cotidiano contemplam e justificam o propósito dos estudos fomentados pelo mestrado Profciamb enquanto impulsionador de resgate de culturas.

Espera-se que os resultados apresentados por meio da pesquisa, produção escrita e o produto, possam servir de motivação e ser referenciados por acadêmicos, gestores públicos, estudantes, professores, coordenadores pedagógicos, ativistas, ambientalistas, líderes comunitários, imprensa e cidadãos com propósito de melhoria comunitária.

Para ampliar o alcance de resultados dessa pesquisa e promover o debate e interação entre os entusiastas de uso da praça, e de outros espaços externos como sala aula, anexaremos, futuramente, uma via de acesso digital a uma rede social interativa sortida de um banco de dados relatando experiências exitosas. Essa via oportunizará a todos os interessados o acesso a planos de aula. Além disso, poderão contribuir com a sua própria experiência. Dessa forma, espera-se que sirva como ferramenta orientadora e motivadora aos entusiastas da educação ambiental crítica.

Considerações finais

O caminho trilhado para se chegar a conclusões referentes ao uso da PJOD como espaço não formal de ensino, desde a análise de suas funções, usos, contra usos e possibilidades educativas favoráveis às atividades escolares desenvolvidas pelo CEMPP, nos remetem a resultados relevantes no âmbito acadêmico, escolar, comunitário e social.

A análise da função social e educadora agrega conhecimento acadêmico a pesquisadores que têm interesse em estudos que considerem espaços não formais de ensino, ou a espaços urbanos que apresentem elementos que os caracterizem como Cidade Educadora. Nesse sentido, o método utilizado nessa pesquisa, tendo o próprio pesquisador como atuante nas ações com seus alunos e também como observador de outras praças próximas a escolas, pelas quais teve acesso a relatos de sujeitos de cada comunidade escolar registrando suas percepções, visões, atuações ou inatividade da escola na praça, somou dados atualizados acerca do uso, contra uso e funções de praças públicas contemporâneas.

No âmbito escolar, o aporte a professores, educadores e ativistas ambientais se dá pela apresentação de atividades motivadoras e interdisciplinares possíveis de serem realizadas em face a dificuldades e realidades distintas. Importa dizer que nenhum dos relatos apresentados pelos professores foi desconsiderado ou incompreendido quando se trata de ações que tirem os seus alunos de um ambiente formal, relativamente seguro de ensino e inteiramente projetado para aulas convencionais para vivenciar uma experiência ao ar livre em uma praça pública a exemplo do receio de intempéries climáticas, da segurança, da integridade física de seus alunos, de não dar tempo para ir à praça e posteriormente retornar à escola, da aula ser improdutiva, da possibilidade de indisciplina dos alunos durante a atividade, da dispersão dos alunos com risco de “escapar” da aula no retorno à escola, de não dar tempo de cumprir com os conteúdos de seu planejamento anual, de ser criticado pelos pais dos alunos, de não ter ideia de como organizar uma atividade fora da sala de aula adequada à sua disciplina, dos olhares de estranheza dos moradores no entorno da praça ao ver um grupo de alunos fora da sala, entre outros receios relatados. Quanto a isso, acreditamos que os resultados dessa pesquisa, em alguma medida e em alguns casos, contribuíram para mitigar algumas dessas inquietações, a exemplo das mensurações que comprovam os curtos deslocamentos até a escola. Além disso, experiências bem sucedidas despertam o interesse dos alunos por aulas diferenciadas ao ar livre e situações de vivência e pertencimento do lugar.

Observamos que aulas ao ar livre são consideradas mais “atrativas” pelos alunos, além de tornar mais eficaz a abstração de conhecimento de todas as matérias estudadas. Além disso, essas ações favorecem para a prática da socialização, cidadania e ainda ajudam na formação e construção de valores dos alunos. Pintar ou desenhar árvores em sala de aula no Dia da Árvore

difere de abraçá-las e regá-las com os colegas em uma praça. Desenvolver habilidades comunicativas em língua estrangeira praticando-as de forma orientada em um espaço urbano tem efeito diferente se praticadas em sala imaginando cenários. Fazer a medição de área e perímetro no caderno pode ter significado diferenciado se a mensuração for em espaços urbanos.

Contudo, estas ações, somadas a rodas de conversa e oficinas de plantio, comprovaram as possibilidades educativas na PJOD, demonstrando seu potencial para práticas pedagógicas desenvolvidas, não apenas pelo CEMPP, mas também por outras instituições de ensino, adjacentes ou não à praça. Além de escolas, ações desenvolvidas na praça, como campanhas de revitalização, limpeza, instalação de placas e cultivo de plantas medicinais e fruteiras para mitigar a insegurança alimentar, contribuem para a educação de seus frequentadores, moradores adjacentes e visitantes. Critérios dessa natureza são considerados pela Associação Internacional das Cidades Educadoras (AICE), como referência para outorgar um município com o selo de Cidade Educadora. Constatamos que a cidade de Aracaju, município onde foi realizada essa pesquisa, atende a muitos destes critérios.

Concluimos essa pesquisa apresentando resultados sobre o uso da PJOD em face às atividades do CEMPP apresentando o “SELO ODS 2024, que comprova a sua função e uso como espaço educador, por meio de ações sustentáveis, (res)significando e fomentando prática educativa socioambiental crítica; publicando a cartilha pedagógica digital intitulada “Costume de Sala vai à Praça” e induzindo a todos que se debruçarem sobre essa escrita a perceber que, apesar dos entretenimentos digitais, ainda é possível exercer a cidadania, melhorar o espaço público coletivo em que vivemos, e ter a sensação de pertencimento de um lugar, especialmente “aquela praça” de nossas memórias e de nosso futuro.

Cronograma de execução

Atividade / ano	2023		2024		2025	
	Janeiro-Junho	Julho-Dezembro	Janeiro-Junho	Julho-Dezembro	Janeiro-Abril	Maio-Julho
Orientação de discussão	x	x	x	x	x	x
Disciplinas obrigatórias e optativas	x	x				
Levantamento bibliográfico		x	x	x		
Exame de qualificação			x			
Elaboração de pesquisa e coleta de dados					x	
Produção de artigo científico					x	
Pesquisa de campo (Entrevistas / Questionários)					x	
Análise e interpretação dos dados coletados.					x	
Elaboração do produto					x	
Redação preliminar da dissertação					x	
Revisão final da dissertação					x	
Entrega da dissertação						x
Defesa da dissertação						x

Referências bibliográficas

AGENDA 2030. ODS – **Objetivos de desenvolvimento sustentável**. Disponível em: <<http://www.agenda2030.com.br/>>. Acesso em: 30 jul. 2023.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Metodologia do Trabalho Científico**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

BARBOSA, Geisy Leopoldo *et al.* **Educação ambiental: conceitos e práticas na gestão ambiental pública**. Instituto Estadual do Ambiente (RJ) / Instituto Estadual do Ambiente; coordenação:. – 2ª ed. rev. ampl. – Rio de Janeiro, 2022.

BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2014.

BATISTA, Rosana de Oliveira Santos. **Procedimentos Metodológicos: Instrumentos de Pesquisa**. São Cristóvão/SE: 2023. Apostila.

BAUMAN, Zygmunt. **Sobre la educación en un mundo líquido: conversaciones con Ricardo Mazzeo Buenos Aires** – 1ª ed. – Buenos Aires: Paidós, 2013

BECHARA, Evanildo. **Dicionário da Língua portuguesa**. 1ed. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira, 2011.

CABEZUDO, Alicia. **Cidade Educadora: uma proposta para os governos locais**. In: GADOTTI, M.; PADILHA, P. R.; CABEZUDO, A., (orgs). *Cidade educadora: princípios e experiências*. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire; Buenos Aires: Ciudades Educadoras América Latina, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 3ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

DE ANGELIS, Bruno Luiz D. et al. **Praças: história, usos e funções**. Maringá: EDUEM, 2005.

DORIGO, T. A., & Lamano-Ferreira, A. P. N. (2015). **Contribuições da Percepção Ambiental de Frequentadores Sobre Praças e Parques no Brasil (2009-2013): Revisão Bibliográfica**. *Revista De Gestão Ambiental E Sustentabilidade*, 4(3), 31–45. Disponível em <https://doi.org/10.5585/geas.v4i3.138> Acesso em: 01.nov.2023.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Autores Associados, 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FRENZEL, V. B.; ROSO, L.; GALLI, L. **Considerações sobre as áreas verdes através do olhar dos frequentadores da Praça Coronel Pedro Osório** – Pelotas/RS. *Revista Thema*, Pelotas, v. 17, n. 3, p. 711–725, 2020. DOI: 10.15536/thema.V17.2020.711-725.1265.

Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/1265>. Acesso em: 15 fev. 2024.

GERHARDT, Tatiana E.; SILVEIRA, Denise T. (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/52806> Acesso em: 23 out. 2022.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GUATTARI, Felix. **As três ecologias**. 20^a ed. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 2009. 56 p.

IBÁÑEZ, Mario Rodriguez. **Ressignificando a cidade. Bem Viver a partir de contextos urbanos**. In: DILGER, Gerhard.; LANG, Miriam; PEREIRA FILHO, Jorge. Descolonizar o imaginário. Debates sobre pós-extrativismo e alternativas ao desenvolvimento. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2016.

LEITE, Rogerio Proença. **Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown**. Revista brasileira de ciências sociais, v. 17, p. 115-134, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/v6ync4yt8tMpKWYRvTpR5p/?lang=pt&format=html> Acesso em: 29 fev. 2024.

LIMA, A. M. L. P. et al. **Problemas de utilização na conceituação de termos como espaços livres, Áreas verdes e correlatos**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ARBORIZAÇÃO URBANA, 2, 1994. São Luiz/MA. Anais... São Luiz: Imprensa EMATER/MA, 1994. p. 539 - 553. Disponível em < <https://www.erambiental.com.br/var/userfiles/arquivos69/documentos/12925/LimaEtAl-AreasVerdes-1994.pdf> > Acesso em: 01.nov.2023.

LOBODA, C. R.; ANGELIS, B. L. D. De. **Áreas Verdes Públicas Urbanas: Conceitos, Usos e Funções**. Ambiência - Revista do Centro de Ciências Agrárias e Ambientais, v. 1, n. 1, p. 125-139, Jan/Jun. 2005. **(Guarapuava, PR) botar a cidade?**

LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Educação ambiental: questões de vida**. São Paulo: Cortez, 2019.

MACEDO, S. S.; ROBBA, F. **Praças brasileiras**. São Paulo: Edusp, 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Da periferia ao centro: pedaços & trajetos**. Revista de Antropologia, p. 191-203, 1992.

MATAREZI, J. **Estruturas e espaços educadores: quando espaços e estruturas se tornam educadores**. In: Luiz Ferraro Jr. (org.). **Encontros e Caminhos I: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**, Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005 (p. 161-173).

MELO, Evanisa Fátima Reginato Quevedo; ROMANINI, Anicoli. **Praça Ernesto Tocchetto: importância da sua preservação histórica e aspectos de sua arborização**. Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana, Piracicaba, v.3, n.1, p. 54-72, mar. 2008. Disponível em <<http://www.sbau.org.br>> Acesso em: 01.nov.2023.

MORIGI, Valter. **Cidades Educadoras: possibilidades de novas políticas públicas para reinventar a democracia**. Porto Alegre: Sulina, 2016.

MORIGI, V. **Cidades educadoras / aprendentes: uma nova cena urbana**. Cadernos do Aplicação, Porto Alegre, v. 23, n. 2, 2010. DOI: 10.22456/2595-4377.17330. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/17330>. Acesso em: 6 dez. 2023.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2011.

PASCUAL, M^a Cruz Garrido. **La plaza pública como escuela tradicional**. Kalakorikos: Revista para el estudio, defensa, protección y divulgación del patrimonio histórico, artístico y cultural de Calahorra y su entorno, n. 20, p. 281-296, 2015.

RESENDE, Muriel L. M. **Vygotsky: um olhar sociointeracionista do desenvolvimento da língua escrita**. Disponível em < <http://www.profala.com/artpsico108.htm> > Acesso em: 05.nov.2023.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórica crítica: primeiras aproximações**. Campinas/SP: Autores Associados, 2005.

SANTOS, Emanuela Carla. **Territórios e territorialidades em praças de Aracaju/SE**. 2016. 133 f. Dissertação (Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2016.

SANTOS, Márcia Maria. **Educação ambiental para o ensino básico**. São Paulo: Contexto, 2023

SAUTU, Ruth [et al.]. **Manual de metodología: construcción del marco teórico, formulación de los objetivos y elección de la metodología** - la ed. - Buenos Aires: Prometeo Libros, 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23.ed.rev. e atual. – São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Renata Braga Aguiar da; MAGAGNIN, Renata Cardoso. **Observação sobre a apropriação e uso de praças em cidades de pequeno porte: estudo sobre a praça 9 de julho de Paraguaçu Paulista (SP)**. In: MAGAGNIN, Renata Cardoso (org.). Cidade e Meio Ambiente. 1.ed. Tupã/SP: ANAP, 2019.p.65-80

TARTUCE, T.J.A. **Métodos de pesquisa**. Fortaleza: UNICE – Ensino Superior, 2006. Apostila

TEDESCO, Juan Carlos. **Educar en la sociedad del conocimiento**. - 2^a ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2019.

Referências eletrônicas

<https://www.aracaju.se.gov.br/noticias/3991/emsub realiza plantio de arvores em parceria com projeto ch eiro de mato.html> Arborização (2007)

https://www.instagram.com/p/Ctki-F_sfYm/ Ação pedagógica (Como vejo a praça)

<https://seed.se.gov.br/noticia.asp?cdnoticia=11195> (9º Show do Aulão)

<https://ama-al.com.br/projeto-a-escola-vai-a-praca-reune-exposicoes-musica-e-cultura-em-praca-publica-em->

[murici/](#) (A Escola vai à praça)

<https://profciambg13.blogspot.com/2023/07/acao-pedagogica-leva-alunos-do-colegio.html>
<https://portal.unit.br/blog/noticias/conjunto-augusto-franco-celebra-40-anos-de-fundacao/>

APÊNDICES

COLÉGIO ESTADUAL MINISTRO PETRÔNIO PORTELA

Turma: _____

13/06/2023

Professor: Robervan Santana

Aluno(a): _____

DATA:



Atividade interdisciplinar de percepção ambiental sobre a praça jornalista Orlando Dantas.

(Roda de Conversa)

Como vejo a praça Jornalista Orlando Dantas

- 1) Conheço essa praça por outro nome?
- 2) Essa praça é bem arborizada e sombreada?
- 3) Quais as árvores consigo identificar nessa praça?
- 4) Eu já estive nessa praça para fazer algum uso (comprar algum lanche ou brincar, por exemplo)?
- 5) Eu gostaria que alguma atividade pedagógica fosse realizada nessa praça, quais?
- 6) Eu me sinto seguro (a) nessa praça?
- 7) Tenho alguma memória afetiva dessa praça?
- 8) Essa praça é bem cuidada pelo poder público ou até pelos moradores?
- 9) Conheço algum morador antigo que vive perto dessa praça?
- 10) Essa praça passa despercebida por mim? (É como se não existisse)
- 11) Quais são alguns dos problemas que percebo nessa praça (pode ser o que falta nela também)?
- 12) Tenho conhecimento de algum evento (que pode ser da escola ou não) já ocorrido nessa praça?
- 13) É possível praticar algum esporte nessa praça?

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS)



Continuação do Parecer: 7.358.880

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2421156.pdf	03/02/2025 09:51:01		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado_brochura_Robervan_assinado.pdf	03/02/2025 09:49:58	ROBERVAN BARBOSA DE SANTANA	Aceito
Outros	Carta_resposta_pendencia_CEP_USF_Robervan_assinado.pdf	03/02/2025 09:48:59	ROBERVAN BARBOSA DE SANTANA	Aceito
Outros	Termo_de_compromisso_e_confidencialidade.pdf	14/10/2024 11:05:10	ROBERVAN BARBOSA DE SANTANA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao.pdf	09/10/2024 13:29:07	ROBERVAN BARBOSA DE SANTANA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_CEP_UFS.pdf	09/10/2024 13:22:10	ROBERVAN BARBOSA DE SANTANA	Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRosto_Robervan__assinadoPDF.pdf	09/10/2024 01:49:53	ROBERVAN BARBOSA DE SANTANA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

ARACAJU, 04 de Fevereiro de 2025

Assinado por:
ROBELIUS DE BORTOLI
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Cláudio Batista s/n B. Sanatório, Prédio do Centro de Pesquisas Biomédicas - HU
Bairro: Sanatório **CEP:** 49.060-110
UF: SE **Município:** ARACAJU
Telefone: (79)3194-7208 **E-mail:** cep@academico.ufs.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS –GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM REDE NACIONAL PARA ENSINO
DE CIÊNCIAS AMBIENTAIS - PROFCIAMB



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Título do Projeto: **PRAÇA JORNALISTA ORLANDO DANTAS, ARACAJU, SERGIPE: ANÁLISE DAS FUNÇÕES, USOS E POSSIBILIDADES EDUCATIVAS**

Pesquisador responsável: Robervan Barbosa de Santana

Local da pesquisa: Praça Jornalista Orlando Dantas

Estimado(a) tutor(a) responsável pelo(a) seu/sua filho(a) junto ao Colégio Ministro Petrônio Portela. Venho solicitar, por meio deste documento, a sua autorização para que seu/sua filho(a) participe de uma pesquisa a ser realizada com estudantes da 1ª Série B do Ensino Médio desta escola. Neste documento informamos que a pesquisa será realizada como etapa integrante do Mestrado em Ciências Ambientais ofertado pela Universidade Federal de Sergipe, do qual o pesquisador responsável, Robervan Barbosa de Santana, é estudante e está sob orientação do pesquisador Dr. Ewerton Glauber Vieira. O objetivo principal desta pesquisa é analisar os usos, as funções e a potencialidade educativa da Praça Jornalista Orlando Dantas. Para análise e decisão de sua autorização serão esclarecidos previamente os procedimentos, os possíveis benefícios, riscos e ou desconfortos envolvidos nesta pesquisa. O primeiro risco consiste na identificação do(a) seu/ filho(a), mesmo com todos os cuidados de sigilo adotados. Outro risco reside na remota possibilidade de algum desconforto no deslocamento ao ar livre para as atividades na praça. Apesar disso, é assegurado que todas as ações pedagógicas externas previamente planejadas pelos professores são antecipadamente avaliadas e autorizadas pela coordenação e direção da escola para que esta forneça insumos e libere um ou dois monitores escolares para dar auxílio aos professores principalmente na curta e segura caminhada de aproximadamente 200 metros até a arborizada praça Jornalista Orlando Dantas em horário escolar sob a responsabilidade de um professor para garantir a segurança e integridade física principalmente na travessia de apenas uma rua de pouco movimento veicular que separa a escola da praça. Todos os cuidados especiais necessários para estas atividades são pensados e providenciados a fim de proporcionar conforto, segurança e acessibilidade aos estudantes durante a dinâmica. Para tanto, cada saída terá duração de uma aula de 50 minutos ou no máximo de aulas geminadas de 1h40 sempre após a distribuição da merenda escolar. Aconselha-se o reforço da sugestão de levar sua própria garrafa de água. Além disso, em dias chuvosos ou nublados as saídas serão adiadas. No caso de recusa de preenchimento de questionário e também de desistência dos participantes das atividades na praça o procedimento adotado pelo pesquisador ou o professor de outra disciplina que vai conduzir a turma já deve estar

Página 1/ 3

Rubrica do Pesquisador Principal	Rubrica do(a) Participante da Pesquisa

ajustado. Este providenciará antecipadamente uma atividade impressa de interpretação de texto para resolução em sala de aula sob os cuidados de um dos monitores presentes na escola. Esta ação é necessária pois em horário de atendimento escolar todos são iguais e poderão, sem qualquer penalidade, optar pela não participação da atividade externa. Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, o(a) senhor(a) poderá entrar em contato com o pesquisador responsável, Robervan Barbosa de Santana, no telefone (79) 99973 9235 ou por e-mail domrobervan@gmail.com. Este estudo foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), órgão que protetor do bem-estar dos participantes de pesquisas. Caso o(a) senhor(a) tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo ou se estiver insatisfeito com a maneira como o estudo está sendo realizado, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Sergipe, situado na Rua Cláudio Batista, S/N Bairro: Sanatório – Aracaju CEP: 49.060-110 – SE. Contato por e-mail: cep@academico.ufs.br. Telefone: (79) 3194-7208 e horários para contato – Segunda a Sexta-feira das 07:00 as 12:00h. Todas as informações coletadas neste estudo serão confidenciais, o nome de seu/sua filho(a) não será publicado e serão utilizadas apenas para esta pesquisa. Somente nós, o pesquisador responsável e/ou orientador, teremos conhecimento da identidade do adolescente participante e nos comprometemos a mantê-lo em sigilo. Para maiores informações sobre os direitos dos participantes de pesquisa, leia a Cartilha dos Direitos dos Participantes de Pesquisa elaborada pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep), que está disponível no site: http://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/img/boletins/Cartilha_Direitos_Participantes_de_Pesquisa_2020.pdf. Caso concorde e AUTORIZE o(a) seu/sua filho(a) a participar desta pesquisa, deverá, por favor, rubricar todas as páginas deste termo e assinar a última, nas duas vias. O pesquisador responsável fará o mesmo. Uma das vias ficará com o(a) senhor(a) para consultar sempre que necessário.

Acesso a resultados da pesquisa:

O grupo participante e seus responsáveis terão acesso livre aos resultados da pesquisa. Estes serão apresentados em momento a ser planejado, na escola, com a gestão escolar e todas as pessoas envolvidas na pesquisa, logo que a defesa do Mestrado ocorra na Universidade Federal de Sergipe. Os adolescentes, participantes e familiares serão convidados a assistir à apresentação do trabalho durante a Defesa de Mestrado.

Consentimento do(a) participante:

Eu, abaixo assinado, declaro que concordo e AUTORIZO que meu/minha filho(a) participe desse estudo de forma voluntária. Fui informado(a) e esclarecido(a) sobre o objetivo desta pesquisa, li, ou foram lidos para mim, os procedimentos envolvidos, os possíveis riscos e benefícios da participação do(a) adolescente e esclareci todas as minhas dúvidas. Sei que posso me recusar a participar e retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto me cause qualquer prejuízo, penalidade ou responsabilidade. Autorizo o uso dos meus dados de pesquisa sem que a minha identidade seja divulgada. Recebi uma via deste documento com todas as páginas rubricadas e a última assinada por mim e pelo pesquisador responsável.

Nome do(a) responsável: _____

Assinatura: _____

local e Data: _____

Rubrica do Pesquisador Principal	Rubrica do(a) Participante da Pesquisa

Declaração do pesquisador

Declaro que obtive de forma apropriada, esclarecida e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste (a) responsável para a participação de seu(sua) filho(a) adolescente neste estudo. Entreguei uma via deste documento com todas as páginas rubricadas e a última assinada por mim ao participante e declaro que me comprometo a cumprir todos os termos aqui descritos.

Nome do pesquisador responsável: Robervan Barbosa de Santana

Assinatura: _____

Local e data: _____

Rubrica do Pesquisador Principal	Rubrica do(a) Participante da Pesquisa



Robervan Barbosa de Santana
Ewerthon Clauber Vieira

COSTUME DE SALA VAI À PRAÇA



Criação Editora

COSTUME DE SALA VAI À PRAÇA

Autores

Robervan Barbosa de Santana

Ewerthon Clauber Vieira

ISBN: 978-85-8413-660-5



Criação Editora

CONSELHO EDITORIAL

Ana Maria de Menezes

Christina Bielinski Ramalho

Fábio Alves dos Santos

Gilvan Rodrigues dos Santos

Ítalo de Melo Ramalho

Jorge Carvalho do Nascimento

José Afonso do Nascimento

José Eduardo Franco

José Rodorval Ramalho

Justino Alves Lima

Luiz Eduardo Oliveira

Martin Hadsell do Nascimento

Rita de Cácia Santos Souza

COSTUME DE SALA VAI À PRAÇA

AUTORES:
Robervan Barbosa de Santana | Ewerthon Clauber Vieira



Criação Editora
Aracaju (SE) | 2025

05.31.2

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação:
Mestrado Profissional em Rede para o Ensino das Ciências
Ambientais-PROFCIAMB, da Universidade Federal de Sergipe,
como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

COSTUME DE SALA VAI À PRAÇA
(UM PRODUTO EDUCACIONAL)

Robervan Barbosa de Santana
Orientador: Prof. Dr. Ewerthon Clauber Vieira / UFS

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Isadora Pelosi CRB-8/11448

S232c Santana, Robervan Barbosa de
 Costume de sala vai à praça/ Robervan Barbosa de San-
 tana; Ewerthon Clauber Vieira. – Aracaju: Criação Editora,
 2025.
 36p. fotografias.
 E-book
 ISBN 978-85-8413-660-5

 1. Educação. 2. Aula. 3. Praça. 4. Metodologia. 5. Experiências.
 1. História da educação. 2. Arquivos. 3. Repositórios. I.
 Vieira, Ewerthon Clauber . II. Título.

CDU: 37(091)

SUMÁRIO

Apresentação	6
Introdução	8
Aulas na praça (Planos de Aula)	
1. Matemática	12
2. História	14
3. Língua Portuguesa	16
4. Geografia	18
5. Arte	20
6. Espanhol	22
7. Inglês	24
Atividades pedagógicas na praça	
Roda de conversa	28
Oficina de plantio na praça	30
Considerações finais	32
Referências	34



APRESENTAÇÃO

A diversidade de funções das praças públicas atuais possibilita o seu uso como espaços não formais de ensino. Isso significa que praças públicas contemporâneas, localizadas próximas a escolas públicas ou privadas, podem ser utilizadas como espaços educadores e servir de lugar de aprendizagem da Educação Ambiental Crítica.

A pesquisa que analisou a potencialidade educativa, usos, contra usos e funções da Praça Jornalista Orlando Dantas localizada na cidade de Aracaju-SE em face das atividades escolares desenvolvidas pelo Colégio Estadual Ministro Petrônio Portela, resultou na constatação positiva e igualmente desafiadora dessa realidade.

Após pesquisa de campo, exploratória e aplicada em sintonia cronológica com o calendário do ano letivo da referida escola, relatos de equipes de coordenação de escolas próximo a praças e registro da prática de atividades extraclasse pedagógicas realizadas na praça pelo professor/pesquisador, foi produzida essa cartilha pedagógica, produto educacional resultante desta investigação. Nela, há planos de aula de disciplinas de áreas de humanas e exatas e também sugestões de atividades educadoras na praça.

Uma vez bem sucedida a vivência de aula ao ar livre, sobretudo em praça pública, são alcançados o 4º Objetivo de Desenvolvimento Sustentável ODS 4 (Ensino de qualidade e inclusivo) e o ODS 11 (Cidades e comunidades sustentáveis). Além disso, uma praça que oferece condições e favorecimento para o aprendizado das pessoas, tem característica de Cidade Educadora sob a ótica da Associação Internacional das Cidades Educadoras (AICE).

Por fim, é esperado que os benefícios oportunizados por essa cartilha, favoreça aos estudantes e que também seja referência para profissionais de outras escolas igualmente localizadas próximas a praças públicas a fim de ressignificar e resgatar ações de vivência em espaços não formais de ensino em tempos de entretenimento digital e isolamento social.



INTRODUÇÃO

No ano de 1988, com aproximadamente 11 anos de idade, observei uma professora do Colégio Estadual Tobias Barreto, na cidade de Aracaju-SE, levando seus alunos a cultivar e cuidar de uma pequena horta em um canteiro ajardinado suspenso no pátio da escola. Até então, nunca tinha visto uma aula de Ciências fora da sala de aula. Era diferente.

Algumas semanas após o meu estranhamento, percebi que uma equipe de televisão foi à escola para fazer uma reportagem sobre a sua ação pedagógica. Aquela aula não chamou apenas a minha atenção, por certo impactou a vida

de seus alunos e de outros alunos que estavam apenas como curiosos observadores na hora do recreio.

Anos mais tarde, enquanto professor de língua estrangeira em institutos particulares de idiomas, tendo por base a perspectiva socioconstrutivista e interdisciplinar de Vygotsky, compreendi o valor da interdisciplinaridade.

É com esse relato que e com uma pergunta que iniciaremos a razão de ser dessa cartilha pedagógica. Ou seja, lembra daquela aula que você nunca esqueceu em sua vida? A chance de ter sido realizada fora da sala de aula é muito grande.

Essa reflexão em nada desmerece a relevância e a necessidade dos espaços formais de ensino. Entretanto, quando lembramos de uma experiência de plantio ou colheita de uma horta comunitária escolar, de uma excursão para limpeza de margens do rio ou praia, do abraço simbólico a uma árvore no Dia da Árvore ou ainda de uma simples visita a um parque ecológico, nos damos conta de que sair um pouco do padrão de aula tradicional pode ser saudável e memorável.

As experiências e planos de aula a seguir, são resultantes de vivências exitosas que atenderam às necessidades dos professores que lecionam em escolas próximas a praças públicas.

Foto: Unidade escolar Tobias Barreto





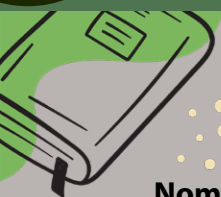
PLANOS DE AULA





PLANO DE AULA

1. MATEMÁTICA



Nome da aula:	A matemática ao nosso redor.
Série:	Alunos do Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano.
Duração:	Duas aulas de 45 ou 50 minutos
Objetivos:	Identificar e classificar as formas geométricas da praça e compreender a relação da geometria e o espaço.



- Recursos:**
- Lápis e/ou caneta
 - Caderno
 - Régua
 - Borracha
 - Formas geométricas

PROCEDIMENTOS:

- Apresentar formas geométricas presentes na praça como triângulos, círculos. Quadrados e como elas se aplicam no espaço visitado (Praça pública)
- Caminhar pela praça, sem se distanciar do grupo, observando formas geométricas. Os alunos devem desenhar ou anotar o que encontrarem como os bancos, os canteiros a quadra esportiva (se houver) as mesas fixas com cadeiras de concreto com tabuleiro de xadrez e/ou jogo de dama.
- Em grupos, classificar as formas encontradas e discutir as propriedades de cada uma.
- Compartilhar os seus achados, observações e conclusões.

Pós-aula:

- Fazer uma exposição nos corredores da escola com as observações e conclusões.

Observação:

Convém ao professor conhecer previamente alguns elementos da praça para auxiliar os alunos para o caso de demorarem a percebê-los.



PLANO DE AULA

2. HISTÓRIA



Nome da aula:	A cidade conta a história.
Série:	Alunos do Ensino Médio do 1º ao 3º ano.
Duração:	Duas aulas de 45 ou 50 minutos
Objetivos:	Compreender o conceito de patrimônio histórico, conhecer a história e os elementos da praça e consequentemente refletir sobre a história dos espaços urbanos públicos.



Recursos:

- Lápis e/ou caneta
- Caderno ou folhas para anotações (Preferencialmente com uma prancheta)
- Borracha
- Atividade impressa com perguntas sobre a praça
- Aparelho celular

PROCEDIMENTOS:

- Conhecer o conceito de patrimônio histórico e a importância dos espaços públicos para manter a memória da cidade.
- Dividir os alunos em grupos e pedir que observem e fotografem os elementos da praça (Estátuas, monumentos e placas)
- Em grupo, explorar o significado dos elementos observados e relacionar com a história local respondendo as perguntas da atividade impressa.
- Escrever um texto com suas observações e reflexões sobre a história da praça e sua importância para a comunidade.

Pós-aula:

- Fazer uma exposição nos corredores da escola com as fotos da praça com uma legenda explicativa sobre os elementos histórico da praça.

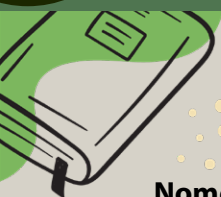
Observação:

Em muitos casos, a praça tem o nome de personalidades relativamente desconhecidas. É possível acrescentar essa pesquisa sobre essa personagem.



PLANO DE AULA

3. LÍNGUA PORTUGUESA



Nome da aula:	DescreVendo a praça.
Série:	Alunos do Ensino Médio do 1º ao 3º ano.
Duração:	Duas aulas de 45 ou 50 minutos
Objetivos:	Fazer uso da linguagem verbal para descrever e expressar observações sobre o a praça pública perto da escola.



Recursos:

- Lápis
- Caderno
- Borracha
- Atividade impressa com descrições de espaços urbanos como referência.
- Aparelho celular (opcional)

Procedimentos:

- Explicar que a praça vai servir de cenário para criação de um texto descritivo.
- Caminhar pela praça para observá-la como cenário. A descrição sobre ela pode ser argumentativa. Nesse caso, vai ficar claro suas opiniões, sugestões e c/ou crítica sobre a praça.
- Os alunos compartilham os textos e comparam quantas pessoas opinam negativamente e quantos positivamente sobre a praça.

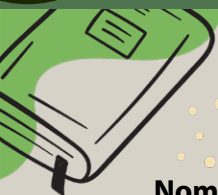
Pós-aula:

- Os alunos podem, de forma opcional, concordar com as melhorias possíveis para produzir em conjunto, uma petição pública, com auxílio do professor, e enviá-la aos órgãos competentes.



PLANO DE AULA

4. GEOGRAFIA



Nome da aula:	Comércio na praça.
Série:	Alunos do Ensino Médio do 1º ao 3º ano.
Duração:	Duas aulas de 45 ou 50 minutos
Objetivos:	Analisar o quantitativo e tipo de comércio da praça sob a perspectiva da Geografia Urbana e sua influência na dinâmica da cidade.



Recursos:

- Lápis
- Caderno
- Borracha

PROCEDIMENTOS:

- Dar uma volta na praça para anotar o quantitativo de comércio em sua área.
- Opinar, de forma escrita, sobre os efeitos do comércio na praça explicando os aspectos positivos e/ou negativos e se consome e frequenta alguns desses comércios.

Pós-aula:

- Os alunos podem debater, com base em suas opiniões escritas, em uma roda de conversar na sala ou na praça.

Observação:

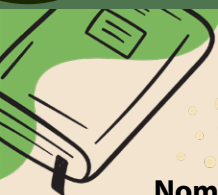
O uso do aparelho celular, para fotografar os estabelecimentos comerciais da praça, é opcional nessa atividade. Entretanto, para evitar qualquer mal-entendido com os comerciantes no momento da atividade, é recomendável alertá-los para fazer os registros fotográficos a uma distância discreta.



Oficina de artes na praça Fausto
Cardoso com a professora Adriana
Nogueira Dantas, Aracaju-SE
Foto: Adriana Nogueira

PLANO DE AULA

5. ARTE



Nome da aula:	A Arte da praça
Série:	Alunos do Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano.
Duração:	Duas aulas de 45 ou 50 minutos
Objetivo:	Utilizar a praça como fonte inspiradora para criação artística.



Recursos:

- Folha de papel para desenho.
- Lápis grafite, borracha, lápis de cor ou giz de cera.
- Objetos naturais encontrados no ambiente como folhas, sementes e pedras (se for permitido)

PROCEDIMENTOS:

- Explicar aos alunos que a praça será o “objeto de observação” e listar os elementos que eles conseguem identificar.
- Munidos cadernos para fazer anotações e esboços, os alunos caminham pela praça observando os elementos visuais.
- Propor uma composição artística com objetos naturais encontrados na praça.
- O compartilhamento de suas observações pode ser feito como em uma roda de conversa.

Pós-aula:

- Os alunos aperfeiçoam os seus esboços para formatar a arte final com auxílio do professor. Por fim, as suas criações podem ser expostas nos corredores da escola.

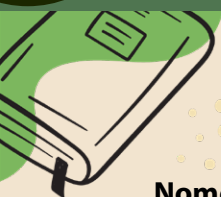




PLANO DE AULA

6.

ESPAANHOL



Nome da aula:	¿Qué hay en la plaza?
Série:	Alunos do Ensino Médio do 1º ao 3º ano.
Duração:	Duas aulas de 45 ou 50 minutos
Objetivos:	Desenvolver habilidades comunicativas em espanhol ampliando o vocabulário enquanto descreve a praça.





- Lápis
- Caderno
- Borracha
- Atividade impressa com uma lista de vocabulário básico e expressões simples.

PROCEDIMENTOS:

- Apresentação do vocabulário temático (ambiente urbano) para atividade impressa.
- Em grupos, os alunos dão uma volta na praça para observar e anotar seus elementos, fazendo uso dos substantivos adjetivos e verbos.
- O compartilhamento das frases pode ser em uma roda de conversa para checar a pronúncia correta.





PLANO DE AULA

7. INGLÊS



Nome da aula:	Complete the square with words
Série:	Alunos do Ensino Fundamental do 5º ao 9º ano.
Duração:	Duas aulas de 45 ou 50 minutos
Objetivos:	Ampliar o vocabulário e estimular comunicação em inglês por meio de observações e atividades práticas na praça pública.





Recursos:

- Lápis
- Caderno
- Borracha
- Atividade impressa com lista de cores e nomes de elementos da praça em inglês.
- Fitas ou tiras de papel previamente posicionadas em vários lugares da praça
- Sacola com balas avulsas para premiação

PROCEDIMENTOS:

- Explicar aos que cada grupo deverá encontrar pedaços de papel com palavras em inglês referentes a aquele lugar.
- Em grupos, os alunos dão uma volta na praça para observar e anotar seus elementos, fazendo uso dos substantivos adjetivos e verbos.
- O compartilhamento das frases pode ser em uma roda de conversa para checar a pronúncia correta.
- Os grupos devem coletar 4 palavras escritas em tiras de papel e com elas deverão escrever algo mais que complete a descrição daquele elemento da praça. Por exemplo: Bench - A whit bench. Devem escrever na própria tira de papel.

Observação:

A depender da série o plano o vocabulário pode ser modificado.





ATIVIDADES PEDAGÓGICAS NA PRAÇA





RODA DE CONVERSA

Temática: Como eu vejo a praça: Percepção ambiental.

Série: Alunos do Ensino Médio do 1º a 3º Ano

Duração: Duas aulas de 45 ou 50 minutos

Objetivos: Explanar a percepção ambiental dos estudantes com relação à praça próxima a escola à luz da Educação Ambiental Crítica.

Recursos:

- Folha impressa com indagações para debate a partir da visão dos alunos.

PROCEDIMENTOS:

- Por turno, e de forma espontânea, os estudantes leem em voz alta as seguintes perguntas:
 - 1) Eu conheço essa praça por outro nome?
 - 2) Essa praça é bem arborizada e sombreada?
 - 3) Eu moro perto dessa praça? Posso vir a pé?
 - 4) Quem plantou as fruteiras dessa praça?
 - 5) Já estive nessa praça para quais atividades? Lanche ou brincar por exemplo?



Foto: Roberval Santana

- 6) Eu me sinto seguro(a) nessa praça?
- 7) Tenho alguma memória positiva ou até negativa dessa praça?
- 8) Essa praça é bem cuidada pelo poder público ou até pelos moradores?
- 9) Quais os problemas que percebo nessa praça?
- 10) Que eventos acontecem nessa praça?
- 11) Por que eu gosto, ou não, dessa praça?
- 12) Eu já plantei alguma árvore na vida?
- 13) Gostaria que alguma atividade da escola fosse realizada nessa praça?





OFICINA DE PLANTIO NA PRAÇA

Temática:	Semana do Meio Ambiente
Série:	Alunos do Fundamental e Médio
Duração:	Duas aulas de 45 ou 50 minutos
Objetivos:	Despertar o senso de pertencimento, vivência ambiental e melhorar o sombreamento da praça.

Recursos:

- Pequenas pás.
- Terra adubada
- Pequenos recipientes para plantas
- Sementes ou pequenas mudas de árvores

PROCEDIMENTOS:

- Os alunos escolhem locais não sombreados da praça para o plantio. Em seguida são divididos grupos para as tarefas das etapas seguintes.
- Um grupo faz o preparo com a terra adubada
- Outro grupo faz a escavação adequada com o tipo de planta
- Outro grupo introduz a planta na terra e cobre com o adubo preparado

Oficina de Plantio ministrada pelo professor, biólogo e ambientalista José Bezerra com estudantes do Colégio Ministro Petrônio Portela na Praça Jornalista Orlando Dantas. Aracaju-SE



Foto: Robervan Santana

- Outro grupo rega a planta
- Outro grupo coloca uma placa indicando o tipo de árvore com o nome científico.

Observação:

Se for possível a oficina pode ser conduzida ou acompanhada por um(a) professor(a) formado em biologia.





CONSIDERAÇÕES FINAIS

O material aqui apresentado foi produzido a partir da pesquisa acadêmica intitulada PRAÇA JORNALISTA ORLANDO DANTAS, ARACAJU, SERGIPE: ANÁLISE DAS FUNÇÕES, USOS E POSSIBILIDADES EDUCATIVAS, articulando o ensino aprendizagem para a produção de material didático para o Ensino das Ciências Ambientais.

A Cartilha intitulada “Costume de Sala vai à Praça” tem por objetivos mostrar que é possível exercer a função educativa da praça pública, ressignificando-a em tempos de distanciamento social provocado, muitas vezes pelo excesso de telas e interatividade digital, despertar o sentimento de pertencimento do lugar, mitigar o receio dos professores e educadores ambientais de levar os seus alunos à praça. Por fim, servir de modelo para escolas públicas e particulares localizadas próximas a praças.

Além disso, o trocadilho proposital com o dito popular “Costume de casa vai à praça”, que significa que as características e comportamentos de uma pessoa, tanto os positivos quanto os negativos são evidentes em qualquer lugar, não apenas dentro de casa, pretendemos que seja entendido que a Educação Ambiental em sua vertente Crítica aprendida no espaço forma e informal de ensino, seja abstraída de forma que a pratiquemos não apenas em uma praça, mas em todos os lugares e por toda vida.

Referências

BARBOSA, Geisy Leopoldo *et al.* **Educação ambiental: conceitos e práticas na gestão ambiental pública**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Instituto Estadual do Ambiente (RJ) / Instituto Estadual do Ambiente; coordenação, 2022.

CABEZUDO, Alicia. **Cidade Educadora: uma proposta para os governos locais**. In: GADOTTI, M.; PADILHA, P. R.; CABEZUDO, A., (orgs). Cidade educadora: princípios e experiências. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire; Buenos Aires: Ciudades Educadoras América Latina, 2004.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

DE ANGELIS, Bruno Luiz D. et al. **Praças: história, usos e funções**. Maringá: EDUEM, 2005.

DORIGO, T. A., & Lamano-Ferreira, A. P. N. (2015). **Contribuições da Percepção Ambiental de Frequentadores Sobre Praças e Parques no Brasil (2009-2013): Revisão Bibliográfica**. *Revista de Gestão Ambiental E Sustentabilidade*, 4(3), 31–45. Disponível em <https://doi.org/10.5585/geas.v4i3.138> Acesso em: 01.nov.2023.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

MACEDO, S. S.; ROBBA, F. **Praças brasileiras**. São Paulo: Edusp, 2002.

MATAREZI, J. **Estruturas e espaços educadores: quando espaços e estruturas se tornam educadores**. In: Luiz Ferraro Jr. (org.). **Encontros e Caminhos I: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005 (p. 161-173).

MORIGI, V. **Cidades educadoras / aprendentes: uma nova cena urbana**. Cadernos do Aplicação, Porto Alegre, v. 23, n. 2, 2010. DOI: 10.22456/2595-4377.17330. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/17330>. Acesso em: 6 dez. 2023.

PASCUAL, M^a Cruz Garrido. **La plaza pública como escuela tradicional**. Kalakorikos: Revista para el estudio, defensa, protección y divulgación del patrimonio histórico, artístico y cultural de Calahorra y su entorno, n. 20, p. 281-296, 2015.

RESENDE, Muriel L. M. **Vygotsky: um olhar sociointeracionista do desenvolvimento da língua escrita**. Disponível em < <http://www.profala.com/artpsico108.htm> > Acesso em: 05.nov.2023.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico crítica: primeiras aproximações**. Campinas/SP: Autores Associados, 2005.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia – Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. Rio de Janeiro: Ed. DIFEL, 1980.

